

N A T A L

- o maior acontecimento da História da humanidade
- a maior honra para o gênero humano

* * *

Considerações,

análises

e

comentários

* * *

Plínio Corrêa de Oliveira

Junto ao Presépio

Quem somos nós?

Os que não dobram os dois joelhos, e nem sequer um joelho só, diante de Baal.

Os que temos a Lei de Deus escrita no bronze de nossa alma, e não permitimos que as doutrinas deste século gravem seus erros sobre este bronze sagrado que a Redenção tornou.

Os que amamos, como o mais precioso dos tesouros, a pureza imaculada da ortodoxia, e que recusamos qualquer pacto com a heresia, suas obras e infiltrações.

Os que temos misericórdia para com o pecador arrependido, e que para nós mesmos, tantas vezes indignos e infiéis, imploramos a misericórdia divina. Mas que não poupamos a impiedade insolente e orgulhosa de si mesma, o vício que se estadeia com ufania, e escarnece a virtude.

Os que temos pena de todos os homens, mas particularmente dos bem-aventurados que sofrem perseguição por amor à vossa Igreja, que são oprimidos em toda a Terra por sua fome e sede de virtude, que são abandonados, escarnecidos, traídos e vilipendiados porque se conservam fiéis à Lei Sagrada”. (Legionário – 22/12/1946)

Índice dos títulos e subtítulos¹

O Angelus: oração com uma estrutura eminentemente lógica e bem construída.....	21
Na oração do Angelus: os três aspectos glorificando a Anunciação.....	19
Cada uma das três Ave-Maria: um aspecto da glorificação de Nossa Senhora, na Encarnação do Vergo.....	21
Natal: o maior fato da História da humanidade	21
O Angelus: apelo a uma fé sólida, alimentada no raciocínio – Um “vitral” mudando de matizes do longo dia	22
Ainda no Angelus: admirável harmonia entre maior clemência, maior simplicidade e maior profundidade de conceitos	22
Angelus: oração nascida da piedade católica – Lógica, coerência e beleza	22
Sugestão: habituar-se a uma análise racional de toda a vida cotidiana da Igreja.....	23
Ressalvas quanto ao “Angelus de Millet”: coisas boas, com certa nota romântica	23
Angelus: uma devoção habitual da Cavalaria	23
“Semana da Expectação”: significado da denominação	27
* * *	
Razões da expectativa de Nossa Senhora na iminência do nascimento de seu divino Filho	27
1) Realização da vinda do Messias, tão desejada e pedida por Ela.....	27
2) Visão da face do Menino Jesus, conhecimento de novo esplendor a respeito da alma e da personalidade de seu Filho.....	27
3) Chegada do resgate do gênero humano, salvação para o mundo e supressão das ofensas a Deus.....	27
4) Fim do reino do demônio	28
Resultados – 1) Denominações: Nossa Senhora da Expectação, Nossa Senhora da Esperança ou Nossa Senhora do Ó.....	28
2) No breviário, a antífona de Nossa Senhora do Ó.....	28
Pensamentos que as antífonas devem despertar em nós – Comentário	28
* * *	

¹ Os subtítulos e alguns títulos foram inseridos pelo compilador visando facilitar a recapitulação e memorização.

Se o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira estivesse entre nós, certamente pediria que se colocasse explícita menção a sua filial disposição de retificar qualquer discrepância em relação ao Magistério tradicional da Igreja. É o que fazemos aqui constar, com suas próprias palavras, como homenagem a tão belo e constante estado de espírito: “Católico apostólico romano, o autor deste texto se submete com filial ardor ao ensinamento tradicional da Santa Igreja. Se, no entanto, por lapso, algo nele ocorra que não esteja conforme àquele ensinamento, desde já e categoricamente o rejeita”.

Maria Santíssima e seu Divino Filho: 1) afeto sublime, sem sentimentalismo	31
2) Humildade teocêntrica, não voltada para si próprio	31
3) Admiração e afeto de uma mãe por seu filho, ao nascer	32
A infusão da alma: uma obra de Deus somada à obra da mãe – A criança, para a mãe: “um ‘outro eu mesmo’ sobre o qual Deus insuflou uma alma imortal	32
Na sagrada casa de Nazaré, convívio de Nosso Senhor com sua Santíssima Mãe: enorme felicidade de estarem juntos, se olharem e se quererem bem.	33
Reflexões, de Nossa Senhora, sobre a vida pública do Divino Redentor: a) recusa dos judeus, moleza dos Apóstolos e traição de Judas	34
b) Pentecostes, dilatação da Santa Igreja, imperador Constantino, invasão dos bárbaros, São Bento e nascimento da Idade Média	34
c) Pecado Imenso e surgimento da Revolução (renascimento, humanismo e protestantismo, Revolução Francesa, Comunismo e anarquismo).....	34
d) Aparecimento, no século, de uma “pétala de rosa” sobre o “mar de lama”: atração de filhos fieis a lutar por Nossa Senhora.....	35
Exame de consciência e prece junto ao presépio: análise da própria história individual	35
Orações aos pés do presépio	35
a) Menino Jesus enquanto divisor, na História, entre Revolução e Contra-Revolução	35
b) Agradecimento ao Redentor e oferecimento para batalhar pela Contra-Revolução	35
* * *	
"Glória a Deus no Céu, e paz na terra aos homens de boa vontade"	37
As três correntes da opinião pública (1936): esquerda, centro e falsa direita	37
O Natal nos arraiais da esquerda: horríveis sacrilégios – Horror ao próprio Barrabás	37
O Natal no Centro liberal: espetáculo profundamente triste.....	37
O Natal na falsa direita: a) nazismo: a suástica (uma forma de instrumento de tortura); b) fascismo: o novo César contra os católicos autênticos ..	38
O Natal nos membros da Contra-Revolução (disposição de alma): a) fidelidade às graças do batismo; b) recusa da inércia e do pessimismo	38
Tarefa dos militantes da Contra-Revolução: a) persuasão vigorosa e magnífica; b) contestação à mentalidade do Mundo contemporâneo; c) proclamação de que Nosso Senhor é o único salvador, em todos os tempos.....	38

Loucura e ilusão da democracia: pensar em prosperidade e paz através de pequenas “receitas políticas” (mistura de liberdade e autoridade).....	38
Loucura e ilusão da “direita”: pensar que em atingir a felicidade por meio do braço vigoroso de um ditador	39
Nosso Senhor Jesus como base da civilização: uma das grandes lições do Natal.....	39
A Santa Igreja Católica Apostólica e Romana: Nosso Senhor Jesus Cristo sempre presente na terra	40
Frutos da meditação de Natal: 1ª) resolução de combater pelo supremo ideal da Santa Igreja; 2ª) dar continuidade e realização da obra redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo.....	40
Adveniat Regnum tuum	41
Natal devidamente festejado: clareira alegre e tranquila no curso da vida de todos os dias.....	41
Deplorável situação da humanidade antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.....	41
Das virginais mãos de Maria Santíssima: nascimento da solução perfeita e completa dos vitais problemas da sociedade do futuro	43
Lição primordial para os tempos atuais: sómente nos ensinamentos tradicionais da Santa Igreja Católica devemos concentrar nossas esperanças.....	43
Reflexão de maior utilidade: somente pela intercessão onipotente de Maria Santíssima alcançaremos os auxílios de Deus.....	44
Outra reflexão de grande utilidade: a contemplação, e sobretudo a oração, beneficiam o mundo mais do que o estudo e a ação	44
Voltar-se para a Igreja (tradicional): única saída para o caos do mundo contemporâneo.....	44
A grandeza do Brasil (restauração do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo): obra sobretudo dos lutadores da Contra-Revolução	44
* * *	
Junto ao Presepe	47
1) Os olhos maternais e doces de Maria.....	47
2) São José, os coros de Anjos, os pastores e os animais.....	47
3) Os Reis Magos com os presentes: ouro, incenso e mirra.....	47
4) No decurso dos séculos: a) povos das várias partes do mundo; b) peregrinos; c) Cruzados	47
5) Piedade e sinceridade de multidões junto ao presépio espalhado em toda a face da terra	47
Na expansão ocidental: a) o brilho da “estrela” sobre toda a face da terra; b) a promessa angélica a todos os povos; c) o tesouro inapreciável ao	

alcance de todos os corações de boa vontade; d) os benefícios da Redenção são jorradados sobre o mundo inteiro.....	48
A Contra-Revolução: também junto ao Presépio – “O que somos nós”: intransigência, fidelidade, pureza, recusa a qualquer pacto com a heresia, obras e infiltrações	48
Prece formulada pelos Contra-Revolucionários (Intenções diversas): a) pela Santa Igreja; b) pelo Papado; c) pela civilização cristã; d) pelos pecadores; e) pelas almas do purgatório.....	50
Prece pelos da Contra-Revolucionários (intenções próprias): exigência na ortodoxia e na pureza, fidelidade na adversidade, altivez nas humilhações, energia nos combates, terror para os ímpios, compassividade para os de “boa vontade”	50
* * *	
Populus Qui Habitabat In Tenebris Vidit Lucem Magnam	51
As várias noções decorridas do Santo Natal	51
Primeira noção: a) prenúncio da libertação do domínio do demônio, do mundo e da carne; b) o Céu e a terra tornam a constituir uma só sociedade.....	51
Segunda noção: a alegria da virtude (gaudio da paz e da caridade).....	51
Terceira noção: Deus presente sensivelmente entre os homens.....	51
Quarta noção: Natal, de um lado: festa da humildade; de outro lado: festa da solenidade – A glória em ser irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela natureza e pela graça	52
Sexta noção: júbilo da surpresa, do bem-estar e da gratidão	52
Sétima noção: Natal, cântico de alegria: a) da derrota do pecado e da morte eterna; b) da alegria da inocência redimida e da ressurreição da carne; c) da alegria da eterna contemplação de Deus	53
* * *	
Et vocabitur princeps pacis, cujus regni non erit finis	55
Santo Natal: primeiro dia de vida da civilização cristã – Primeiro dia de uma era histórica.....	55
Na gruta e na manjedoura: a transformação do curso da História	55
O mundo da Revolução (neo-paganismo): uma volta ao ponto antes do Natal – a) adoração do dinheiro; b) divinização das massas; c) exasperação do gosto dos prazeres; d) superstições; e) sincretismo religioso	56
Não cumprimento da Lei de Deus: causa da crise titânica da situação atual do mundo	57
Lição preciosa do Santo Natal: confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo e confiança no sobrenatural.....	57

O Reino de Deus em nós e em torno de nós: graça única a ser pedida a Nossa Senhora, no Natal.....58

* * *

Lux fulgebit hodie super nos59

Natal: na obscuridade das trevas, acendeu-se a Luz – O grande acontecimento da História59

As trevas: conformação defeituosa do Estado e da sociedade – Idolatria, ceticismo, ganância e injustiça, cegueira dos judeus59

A luz: Nosso Senhor Jesus Cristo – Missão da luz: dissipar as trevas59

No crepúsculo da Cristandade: a) as trevas: a Revolução; b) a luz: a Contra-Revolução60

Os três fatores do pecado: a) o demônio, com suas tentações; b) o mundo, com suas seduções; c) a carne, com seu incitamento60

As três correntes de apostolado em face dos três fatores do pecado60

A) Primeira corrente: posição rotineira de apostolado, instituída e irrefletida (a mais generalizada) (consiste na não compreensão e na não consideração dos fatores dos pecados)60

Vantagens, acidentais, de um sistema de apostolado instintivo e sem método: 1) ortodoxia (valores inestimáveis e perenes); 2) campo livre para atuação da graça61

B) Segunda corrente de apostolado: os “ardorosos” (julgam inútil saber qual dos três fatores de degradação é preponderante)61

A interação entre carne, mundo e demônio (três abismos sucessivos): um “círculo vicioso” que se inicia na primeira capitulação62

Pior ação do demônio: dar vivacidade, energia e maior baixeza aos impulsos de desordem instalados, nas almas, pelo pecado original 62

Consequências da ação do demônio, no mundo revolucionário: a) incapacidade do discernimento entre bem e mal, verdade e erro; b) cegueira ante milagres estupendos; c) idolatria da carne; d) endurecimento no mal.....63

Elementos de um verdadeiro apostolado: a) resistir com todas as forças; b) procurar abrir os olhos dos “cegos” e fazer ouvir os “surdos”; c) combater todas as manifestações da lascívia, do mundanismo e do satanismo63

C) Terceira corrente de apostolado: os “otimistas” – Falsa posição psicológica: a) o homem contemporâneo é fundamentalmente bom, sem malícia fundamental; b) a sua conquista se faz por meio de amabilidades e concessões sobretudo quanto à castidade e à condenação63

Elementos de apostolado, ensinados por Nosso Senhor Jesus Cristo: a) nunca silenciar a verdade; b) alternar semblantes de indulgência e de

ameaça, conforme o momento oportuno; c) clareza na distinção entre bem e mal, verdade e erro; d) nunca transigir com o mal	65
Toda razão de ser do homem: imitar aquele que é nosso ideal.....	66
* * *	
Apparuit benignitas et humanitas salvatoris nostri dei	67
Natal: dia em que se abrem as portas da misericórdia divina	67
No presépio: a representação dos dois extremos da escala humana dos valores – Reis Magos (sabedoria): a mais alta expressão da capacidade intelectual – Os pastores: expressão da ignorância	67
Ordens e Congregações religiosas: imitação do papel dos nove Coros angélicos – A Contra-Revolução: representar, mais nitidamente, e lutar por certas perfeições da infinita riqueza de Deus.....	68
Repercussão no laicato e na vida espiritual dos fiéis: admirável variedade de obras apostólicas	68
Papel da Revista Catolicismo: apresentação da boa doutrina católica	69
Os diversos tipos de verdades – Primeiro tipo: a mirra – a) beleza discreta, austera e forte; b) disciplina e sobriedade	70
c) a mira, no campo ideológico: princípio de contradição (quintessência da lógica, da coerência e da objetividade).....	70
Uma característica do povo brasileiro: possuir o defeito de suas qualidades – Devido à propensão à bondade, tornar-se infenso a tudo quanto é mau – Exemplicações históricas	71
Bonomia (não combatividade) em relação ao erro e ao mal: a) um defeito moral; b) tendência psicológica contrária à Lei de Deus	72
Consequências nefastas: a) amortecimento do princípio de contradição; b) surgimento de católicos “não praticantes”; c) aceitação de modas imorais	72
Consequências malélicas, no campo político, da carência do princípio de contradição: a) atonia em matéria ideológica; b) predomínio das questões pessoais; c) anemia da vida partidária	73
Outro defeito do brasileiro (grave consequência do amortecimento do princípio de contradição): a mania das posições intermediárias (servidão às soluções intermediárias).....	73
As soluções intermediárias: a) posição ideal para todos os velhacos – b) tática de maquiagem do erro para torná-lo aceito pelos ingênuos	73
c) Tática adotada pelas heresias: pelagianismo-->semi-pelagianismo; arianismo --> semi-arianismo; comunismo --> socialismo “mitigado”	73
A tática da 5ª coluna (falsa direita): forma mais hábil de solapar os meios católicos	74

Amortecimento do princípio de contradição: o defeito mais perigoso para a grandeza do Brasil	74
Súplica ao Menino Jesus pela grandeza do Brasil e por sua missão histórica	74
A revista Catolicismo: uma obra de mirra, destinada ao católicos militantes e praticantes	74
Os católicos militantes e praticantes: “sal da terra e luz do mundo”	75
No apostolado: a) encanto do ouro e do incenso; b) na mirra (suor, sangue e lágrimas): o melhor da alegria e da beleza da ação apostólica.....	75
* * *	
Hodie in Terra Canunt Angeli, Laetantur Archangeli, Hodie exsultant Justi	77
Natal: uma das datas mais relevantes do ano	77
Primeira razão de relevância: o Verbo de Deus preferir ser homem descendente de Adão – Nobilitação infável da natureza humana e ponto de partida para outros dons insondáveis	77
Segunda razão de relevância do Natal: a) suspensão da herança do pecado original (Nossa Senhora); b) realização da esperança dos justos da Antiga Lei	77
Outra razão de relevância do Natal: a) restauração do curso da História, encalhado num lodaçal de corrupção; b) recuperação da riqueza e da força dos homens, para construir um mundo digno de sua natureza	78
Aspectos do lodaçal de corrupção do mundo, por ocasião do Natal: a) no campo político: alternância entre anarquia e arruação ou despotismo militar.....	78
b) No campo moral: depravação dos costumes	79
c) No terreno social: o ouro arvorado em valor supremo.....	79
d) No povo eleito: realeza vã, sacerdócio “ralé da Sinagoga”, desprezo da casa real de David, marginalização dos justos.....	79
Natal (cântico de surpresa e de esperança): anúncio da hora da Encarnação, promessa implícita da Redenção, começo de uma nova era	79
Situação do mundo contemporâneo (Revolução): frisante analogia com a situação do tempo do primeiro Natal	80
1º aspecto - Comunismo: epílogo da decadência religiosa e moral iniciada no século XVI	80
2º aspecto – Situação da Igreja: “relâmpagos” que se desprendem, sempre mais frequentes, da auto demolição	80
3º aspecto – A voz de Fátima: claridades que prolongam e reafirmam as luzes da primeira noite de Natal	81

"Por fim meu Imaculado Coração triunfará": promessa e cântico da vitória da Contra-Revolução 81

* * *

Admirável progresso: substituição equívoca de valores 83

O fato fundamental: a ideia de que a ciência é nociva, o progresso conduz ao desastre e o universo é mal construído 83

Estados de espírito, danosos, estimulados pela Revolução: a "tecnolatria" (adoração ou embriaguez da técnica) em oposição ao "glória in excelsis Deo" 84

Efeitos produzidos pela "tecnolatria": a) desinteresse pela Religião e pela moral; b) desprezo pela filosofia, pela literatura e pelas belas artes; c) substituição do 1º Mandamento pela embriaguez da técnica 85

"Candura" tecnolátrica: deslumbramento infantil perante resultados imediatos da técnica 86

A "tecnofobia pânica" (extremo oposto da "candura tecnolátrica"): a ideia de que todo progresso técnico é um atentado à ordem do universo – Aplicação da tática da Revolução em jogar com extremos contraditórios 87

Egolatria técnica: a embriaguez da técnica leva o "homo faber" a admirar unicamente a si mesmo – Consequência lógica: desespero face ao sentimento da sua própria insignificância 87

O universo: evidente e maravilhosa perfeição – O homem ordenado, perante o universo: arrebatamento pela sua harmonia e sua incomparável beleza 87

No homem, em sua existência terrena: as imperfeições decorrentes do pecado original 88

Consequências da tecnofobia pânica: ateísmo ou gnose (julgamento errado das desarmonias do mundo) – Resultado: vida de orgia (divertimento com prazeres efêmeros arrebatados à própria desordem reinante) 88

Transformação do mundo num oceano de crueldades e dores: resultado do progresso técnico unilateral e materialista 89

"Robô de carne": pessoa nascida e educada num clima de tecnicidade rigorosa 89

Instabilidade e superficialidade (gosto das novidades): dois defeitos do homem moderno – A máxima extensão humana: requisito da faculdade de pensar, julgar e agir, bem como para captar o verdadeiro, o justo e o honesto 90

Gosto das velocidades doidas: transformação do homem num "caniço agitado ao vento", incapaz de se sustentar a si mesmo e aos outros – Verdadeiro progresso: consequência das perfeições resultantes da estabilidade e da fidelidade às tradições 90

Cientificismo (ininteligência científica): predominância dos sentidos e diluição da inteligência, num triste crepúsculo	91
O “homem massa”: “carneiro técnico” – tipo humano sem personalidade, acessório automático e cidadão anônimo do Estado socialista	91
* * *	
O verdadeiro progresso técnico: sábia atuação do homem na ordem universal.....	93
A Corte celeste: a mais alta expressão da ordem da criação – Desígnio da Providência: a humanidade completar de algum modo, com a obra de suas mãos, a excelência da criação.....	93
Aspectos de uma visão veraz da realidade: a) o universo: obra ordenada e excelente de Deus; b) os problemas humanos: resultado de um progresso inspirado e guiado por falsas doutrinas	94
Remédio para os males do mundo contemporâneo: o homem voltar-se para seu Divino Salvador.....	95
Principais teses da Mensagem natalina – Primeira tese: Cristo, recém-nascido, reconforto e penhor de harmonia	95
Segunda tese: a Santíssima Trindade e a harmonia do universo (amor, sabedoria e onipotência)	95
Terceira tese: o homem, colaborador de Deus na manutenção da harmonia do universo.....	96
Quarta tese: a colaboração do homem com Deus não é só um prazer, mas um dever	96
Quinta tese: o dever do homem colaborar com Deus importa não só em trabalhar, mas em lutar – Os grandes inimigos: o mundo, o demônio e a carne	96
Sexta tese: a moral é a base fundamental da harmonia universal	96
Sétima tese: o mundo pode, e deve, ser reconduzido à harmonia, por Nosso Senhor Jesus Cristo.....	96
Oitava tese: o homem não é escravo das forças naturais (fatalismo antigo)	96
Nona tese: o Verbo Encarnado é o centro em torno do qual se move toda a História.....	97
Décima tese: a alma humana (espiritual e imortal) é imagem de Deus e elo das criaturas, umas com as outras – Vida social verdadeira: reflexo das relações de Jesus Cristo com o mundo e com o homem	97
Décima primeira tese: o pecado original é a raiz das desarmonias – No homem e no mundo, a espera de um retorno à condição primeva ..	98
Conclusões – A) Condenação do imanentismo progressista	99

B) Condenação do culto à desarmonia (arte dita moderna), do culto do pecaminoso e do culto do mal..... 99

* * *

Natal: Festa de Glória e de Paz	101
Promover uma vida terra farta, aprazível e segura: falsa concepção da finalidade da sociedade humana – Significado: o homem ter como Deus o seu próprio ventre	102
Consequências da visão errada da finalidade do homem – 1ª) menosprezo pelas questões religiosas, filosóficas e artísticas.....	102
Segunda consequência da visão errada da finalidade do homem: aceitar a ignominia e a eliminação das personalidades para evitar a guerra a todo preço.....	102
Terceira consequência: eliminação do sublime significado da palavra “glória”	103
Dupla lição do Santo Natal: A) possibilidade de ordem e compostura mesmo na pobreza	103
B) O fim do homem não consiste em obter vida gostosa, farta e despreocupada, mas em dar glória a Deus (reconhecer, proclamar e lutar pelas perfeições infinitas e soberanas de Deus)	104
Efeitos nos que vivem para a glória de Deus: a) tornarem-se participante da glória de Deus	104
b) despertar respeito até mesmo naqueles que os odeiam e perseguem – O exemplo da Beata Ana Maria Taigi	104
c) servir de modelo de respeitabilidade, firmeza e elevação.....	105
d) ser, para os outros, como que uma imagem viva de Deus	105
Amor à própria glória, como reflexo da glória de Deus: ato de humildade e não manifestação de orgulho	105
Falso conceito de bondade: nivelamento com os que estão de baixo (“democratizar”-se)	106
Verdadeira bondade: um fruto da dignidade verdadeiramente sobrenaturalizada – Baixar sem se rebaixar	106
“Boa vontade”: quem, de todo coração, procura a glória de Deus	107
* * *	
A glória de Deus no alto dos Céus, aspecto secundário do Natal?	109
No presépio: a) a adoração mais profunda e mais respeitosa; b) maior amor de Deus a uma mera criatura	109
Razões da correlação entre: a) paz na terra; b) homens de boa vontade; c) glória a Deus	109
Forma proveitosa de participar, devidamente, das festas do Santo Natal: nutrir, no espírito, as palavras dos Anjos de Belém – Súplica a Nossa Senhora	110

Conceito falso de “homem de boa vontade”: quem quer, para todos, saúde, alegria, fartura, sem lutas e sem riscos, para aproveitarem, o mais possível, da vida terrena	110
Glória de Deus, para o “homem de boa vontade” (no conceito falso): elemento supérfluo para a boa ordem na vida social e política.....	111
Dar glória a Deus: fonte e condição para a paz, no mundo	112
Boa vontade autêntica: amor ao próximo, por amor de Deus – Falso “homem de boa vontade”: um semeador de guerras e um artífice de ruínas.....	112
Falso conceito de paz: abstração de todas as controvérsias	112
Paz verdadeira (fruto da boa vontade autêntica): a) luta do bem contra o mal; b) polêmica entre a luz e as trevas; c) perpétuo esmagar da cabeça da Serpente.....	113
Três grandes lições do Santo Natal: 1ª) não há paz sem Nosso Senhor Jesus Cristo; 2ª) boa vontade autêntica: amor ao próximo por amor de Deus; 3ª) a paz autêntica não exclui a luta contra o demônio e seus asseclas (o mundo e a carne).....	113
Oração pedindo, à Virgem Maria, todas as verdades católicas.....	114
* * *	
Luz, o grande presente	115
Descrição do ambiente da primeira noite do Natal: as trevas, os pastores e os rebanhos (Ambientes, Costumes e Civilizações) – A vida eterna: tanto o êxito quanto a derrota não terão fim (ao contrário da vida terrena).....	115
Analogias com a situação atual do mundo: sensação de fracasso irremediável e de emaranhado inextrincável de problemas	115
Pontos da análise da história da humanidade após o primeiro Natal – Primeiro ponto: surgimento das nações e auge de cultura, de riqueza e de poder	116
Segundo ponto (o grande problema): terrível vazio de alma por não saber obter felicidade nos instrumentos laboriosamente adquiridos	116
Terceiro ponto: aflição, produzida pelo poder e pela riqueza	116
Orgias e sono: falsas atitudes dos homens diante das trevas (quando baixa a noite).....	117
Atitudes verdadeiras diante das trevas: a) oração e vigia com os olhos postos no céu escuro – Exemplo: os pastores.....	117
Os homens de escol: a) percepção da densidade das trevas (corrupção dos costumes); b) percepção da iminência da catástrofe da inautenticidade da ordem (sociedade baseada nas idolatrias).....	117

Retidão da alma: fator superior, inclusive à penetração da inteligência, para a lucidez de percepção dos grandes horizontes, verdade e erro, bem e mal	117
Efeitos da luz, “que brilhou nas trevas”, espalhada pelos pastores fieis: a) conversões; b) recusa da orgia e do sono estúpido e mole.....	118
No ciclo das perseguições: comoção das almas pelo “cântico evangélico” – O martírio: semente de novas conversões	118
Resultado: a) morte do mundo da carne, do ouro e dos ídolos; b) Nascimento de um mundo novo: Fé, pureza e esperança do Céu	118
A TFP, nos dias de hoje: a) genuínos continuadores dos pastores de Belém; b) autênticos homens de boa vontade; c) vigília nas trevas e no anonimato; d) “resistência” aos pastores autodemolidores; d) inquebrantável certeza na luz, que voltará (promessa de Fátima)	118
* * *	
No "crepúsculo" do sol de justiça	121
Ídolos pagãos do infeliz mundo laicizado: a Economia, a Saúde, o Sexo e a Máquina	121
O Advento, na Cristandade: período de recolhimento, para discreta compulsão e para palpitante esperança do grande júbilo (o nascimento do Messias)	121
O Advento na época neo-pagã (ex-cristã): agitação, perspectivas de despesas com festinhas e presentes, esquecimento da vinda do Redentor	122
O Natal na época neo-pagã: alegria, toda induzida, proveniente do desejo de comprar, de gozar, e de festejar	122
Mamon (comércio) e Estômago: os ídolos dos festejos natalinos na época da Revolução	123
Aspectos do neo-Natal laico: a) reunião em torno da mesa com guloseimas; b) atmosfera de sensualidade e não de pureza.....	123
Pior (talvez) aspecto do Natal “moderno”: substituição da verdadeira caridade pelo silvo da subversão “católica”	123
Tufão do turismo: mais um aspecto do neo-Natal laico	123
Laicização das festas de fim e de começo de ano: comemoração de uma salobra e inautêntica confraternização.....	124
Choramingo: pusilanimidade, derrota e capitulação – Protesto (inspirado por Nosso Senhor Jesus Cristo): brado de reparação, uma proclamação de inconformidade, e mais do que isso, um prenúncio de vitória	124
* * *	
O último Cartão de Natal do Sr. Dr. Plínio	125
* * *	

Adoração dos Reis Magos: exemplo de acontecimento ou de episódio de caráter representativo e de caráter simbólico, nos planos da Providência – A doutrina da representação	129
Nossa Senhora, São João e as santas mulheres, aos pés da Cruz: uma representação de tudo quanto há de bom e fiel, no passado, presente e futuro.....	130
Nos Reis Magos: representação de seus congêneres por seleção e por eleição divina.....	130
Na Contra-Revolução: o dever da fidelidade, aos pés da Igreja humilhada e lançada na pior das confusões de sua história – Fidelidade, pureza, ortodoxia, intrepidez, espírito de iniciativa de ataque e de ação.....	130
Na Contra-Revolução: representação da fidelidade de todos os fiéis da atualidade, do passado e dos que vierem depois de nós.....	131
As exclamações de Clóvis e seus guerreiros: exemplo das interpenetrações da História em função da doutrina da representação.....	131
Na História, a reversibilidade das várias ações: por cima do tempo, tudo, presente, passado e futuro, se “funde” numa cena única e grandiosa .	131
Metáfora da Rainha sendo ultrajada, no seu trono: representação da situação histórica na qual nos encontramos	132
Para os da Contra-Revolução: a felicidade incomparável de representar todas as almas marianas do passado, do presente e do futuro.....	132
A doutrina da representação: um fator de alento para nossa fidelidade na luta pela Santíssima Virgem.....	132
Ter todas as formas de coragem: um pedido aos Reis Magos	132
Bagarre: a nossa consolação, como, para os Reis Magos, foi o Menino Jesus – Uma “estrela” nos dirá, no momento preciso, quando a hora esperada chegar.....	133

+
(IHS)

Angelus:

- uma meditação sobre o Natal, eminentemente lógica e bem construída
- uma devoção, habitual, da Cavalaria, segundo São Luís Grignon de Montfort

+

(IHS)

O Angelus: oração com uma estrutura eminentemente lógica e bem construída

[SD – 1.3.65]

O Angelus é uma meditação eminentemente lógica e eminentemente bem construída a respeito do Natal, feita com muita brevidade, através de três pontos essenciais.

Em todas as coisas, quando elas são verdadeiramente da Igreja, há, por cima de uma estrutura lógica e coerente, com todas as perfeições mais inesperadas, um mundo de verdadeiras belezas, que formam um todo com essa estrutura.

Na oração do Angelus: os três aspectos glorificando a Anunciação

Vejamos, por exemplo, a Anunciação do Natal:

1º ponto: “O Anjo do senhor anunciou a Maria, e Ela concebeu do Espírito Santo”;

2º ponto: “Eis aqui a Escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Sua vontade”;

3º ponto: “O Verbo Divino se encarnou e habitou entre nós”.

São três aspectos do Natal, glorificando o fato de:

- a) ter havido uma mensagem angélica,
- b) a atitude de Nossa Senhora de inteira obediência a essa mensagem angélica,
- c) depois, o fato do Verbo não só se ter encarnado, mas ter habitado entre nós.

Nisso, em três pontos, está condensada toda a História do Natal!

E, de uma forma tão sintética, tão breve, tão lógica e tão densa, que não se devia acrescentar nada a isso.

Cada uma das três Ave-Maria: um aspecto da glorificação de Nossa Senhora, na Encarnação do Verbo

Cada ponto é seguido da recitação de uma Ave-Maria, que é uma glorificação de Nossa Senhora, por esse aspecto daquela verdade que o anjo anunciava.

Natal: o maior fato da História da humanidade

Como esse é, digamos, o maior fato da História da humanidade, e ser a maior honra para o gênero humano é, exatamente, o Verbo se ter encar-

nado e habitado entre nós, acontece que se tornou hábito na piedade católica, recitar sempre o Angelus, pela aurora, pelo meio dia e, depois, pelo crepúsculo. Então, a propósito dessas verdades, repeti-las nas três como que principais etapas do dia, para assim louvar Nossa Senhora e pedir-lhe graças.

O Angelus: apelo a uma fé sólida, alimentada no raciocínio – Um “vitral” mudando de matizes do longo dia

O Angelus é tão lógico, tão coerente, e faz um tal apelo a uma fé sólida, alimentada no raciocínio, que a piedade católica o “cobriu” de um mundo de atenções. E como fica bonito o Angelus rezado pela manhã, ao meio do dia, e depois, no fim do trabalho, às 6 horas da tarde!

Como um vitral que vai mudando de colorido, o Angelus também vai mudando de matizes! Como é diferente o Angelus rezado ao meio-dia, quando o ritmo de trabalho é intenso, e o Angelus rezado no crepúsculo, quando tudo se reveste de uma suavidade, de uma espécie de começo de recolhimento.

Vemos, então, como a Igreja toma essa jóia, que é o Angelus, e a “agita” nas várias horas do dia, como para tirar dela toda a beleza.

Ainda no Angelus: admirável harmonia entre maior clemência, maior simplicidade e maior profundidade de conceitos

Então, compreende-se como as coisas católicas, que são todas construídas na Fé, com uma espécie de instinto do Espírito Santo para se fazer bem feitas, encontra-se um mundo de harmonia.

Por exemplo, aqui, no Angelus. Há uma harmonia, admirável, entre a maior clemência, a maior simplicidade e a maior profundidade de conceitos.

E, depois, uma espécie de beleza indefinível! Beleza que tem enfeites poéticos, literários, mas que não entra em choque com essa coerência. Pelo contrário, é uma espécie de complemento dela.

Angelus: oração nascida da piedade católica – Lógica, coerência e beleza

Imaginem que o Angelus, em vez de ter nascido da piedade cristã, ao longo dos séculos, tivesse sido encomendado a um homem de hoje: “Componha uma oração para ser recitada de manhã, ao meio-dia e à tarde, todos os dias de todos os anos”. Apareceria, ou uma oraçãozinha relâmpago, com uma bobagem qualquer, que nada diria, ou umas orações vazias ou “secas” demais. Poderia aparecer de tudo, mas não apareceria o Angelus.

Porque ao homem e a todo o ambiente católico de hoje, falta exatamente essa espécie de plenitude de espírito, por onde as cogitações e os pensamentos se ordenam, ao mesmo tempo, na linha da lógica, da coerência e da beleza, com tanta naturalidade que a gente nem percebe o que está, por detrás, de bem pensado, de bem sentido, de bem realizado, de bem rezado. E, sobretudo, de bem acreditado.

Sugestão: habituar-se a uma análise racional de toda a vida quotidiana da Igreja

Então é como nós devemos procurar o espírito da Igreja Católica, em toda a vida quotidiana na Igreja. Nos bons tempos e na tradição da Igreja, devemos procurar “abrir”, “desmontar” e analisar esses aspectos. Sujeitando-os a uma análise racional, de dentro saem sóis, saem belezas umas depois das outras. Que é, exatamente, a riqueza inexaurível do espírito católico. Qualquer coisa simples que se toma é uma verdadeira maravilha.

Ressalvas quanto ao “Angelus de Millet”: coisas boas, com certa nota romântica

Isso não significa, de nenhum modo, uma solidariedade com o “Angelus do Millet”, do qual não se pode negar alguma coisa boa, mas que tem uma certa nota romântica. Portanto, não é solidariedade com a nota romântica do quadro do Millet.

No Angelus do Millet há alguma coisa ligada a toda essa beleza da piedade cristã. É o Angelus rezado pelo camponês, tal como o Angelus rezado à tardinha, tanto padre que está terminando seus estudos, rezado pelo cruzado, rezado pelo guerreiro da Reconquista espanhola, rezado pelo trapista, na paz de uma trapa. Tudo esses Angelus são os mil coloridos desse “vitral”. É tão simples, tão fácil em sua composição, tudo tão normal que, por isso mesmo, é uma verdadeira jóia.

Angelus: uma devoção habitual da Cavalaria

Isso nos deve levar a ser cada vez mais devotos do Angelus, não omitindo em nenhuma ocasião. Lembrando-se de tudo quanto o que acabamos de ver, que existe dentro do Angelus.

Por fim, creio que devemos lembrar que são Luís Grignon diz que o Angelus era uma devoção habitual da Cavalaria...

* * *

+
(IHS)

Nossa Senhora da Expectação,

Nossa Senhora da Esperança,

ou

Nossa Senhora do Ó

+

(IHS)

“Semana da Expectação”: significado da denominação

[SD – 18.12.65]

A última semana do Advento é denominada pela Igreja de “Semana da Expectação”.

“Expectação” quer dizer aguardar ou esperar com desejo veemente.

Denomina-se “Semana da Expectação” porque faltava apenas uma semana para o nascimento de Nosso Senhor, e, durante esta semana, a Igreja imagina o júbilo de Nossa Senhora diante do fato de que em breve o Messias haveria de nascer.

E que Nossa Senhora haveria de ver, por fim, a face bendita do Filho que estava gerando nas suas entranhas.

Razões da expectativa de Nossa Senhora na iminência do nascimento de seu divino Filho

1) Realização da vinda do Messias, tão desejada e pedida por Ela

Nossa Senhora havia pedido a Deus que apressasse a vinda do Messias. E sua oração, onipotente, tinha conseguido de Deus que, realmente, a data fosse antecipada.

Nossa Senhora, que tinha sido convidada, e aceito, para ser a Mãe do Verbo, tinha gerado o Verbo Encarnado dentro de seu próprio seio.

2) Visão da face do Menino Jesus, conhecimento de novo esplendor a respeito da alma e da personalidade de seu Filho

Nossa Senhora vê, então, chegar não só o momento em que Ela vai ver a face de seu Filho, e, com a face de seu Filho, um esplendor novo Ela conhecerá, a respeito da alma e a respeito de toda a personalidade de seu Filho.

3) Chegada do resgate do gênero humano, salvação para o mundo e supressão das ofensas a Deus

Além disto, Nossa Senhora vê chegar, então, a salvação para o mundo!

E Ela vê o momento em que a glória de Deus vai deixar de ser ofendida por toda aquela ordem de coisas marcada, sem resgate, pelo pecado original. Aquele reino do demônio que o mundo foi, de modo particular durante cerca 4000 anos, ou um pouco mais, que mediava entre o pecado original e o momento da Encarnação do Verbo.

Tudo isso Nossa Senhora vê que vai acabar!

4) Fim do reino do demônio

Nossa Senhora sente que o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo está próximo, que falta apenas uma semana para acabar o reino do demônio, ao menos o começo do fim do reino do demônio, pelo nascimento do Verbo e do Redentor. E que o reino de demônio vai acabar no momento em que Nosso Senhor for imolado na Cruz.

Resultados – 1) Denominações: Nossa Senhora da Expectação, Nossa Senhora da Esperança ou Nossa Senhora do Ó

Tudo isso, então, enche de esperança a alma de Nossa Senhora.

E é por isso que Nossa Senhora, nesse período, é chamada de Nossa Senhora da Expectação, ou Nossa Senhora da Esperança, ou Nossa Senhora do Ó.

2) No breviário, a antífona de Nossa Senhora do Ó

Em cada um desses dias, até o Natal, no breviário há uma antífona que começa com uma exclamação “Ó, tal coisa...”. Então, Nossa Senhora do Ó.

Essas exclamações são baseadas em alguns pensamentos do Antigo Testamento, ou em alguma ideia piedosa.

Pensamentos que as antífonas devem despertar em nós – Comentário

É interessante considerarmos algumas dessas exclamações:

- 1) “Ó, Adonai, filha da casa de Israel, que aparecestes a Moisés no fogo da sarça ardente e lhes destes a lei no monte Sinai – resgatar-nos com a força de teu braço”.

Há milhares de anos o povo hebraico considerava o aparecimento de Deus a Moisés e sabia que um dia Deus apareceria, só ao povo eleito, de um modo muito mais real, muito mais palpável, do que a Moisés. Então, se trata da obtenção de um pedido de mil ou a dois mil anos, desde a aparição de Deus a Moisés.

- 2) “Vinde, agora, renovar este fato, mas com excelência incomparavelmente maior, ó Deus que aparecestes a Moisés”.

Depois vem:

- 3) “Ó Raiz de Jessé, que estás posto como sinal dos povos, diante do qual todos os reis obedecerão e a quem hão de invocar todos os povos, vem libertar-nos, não tardeis”.

É exatamente isso que aconteceu. É pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo, que nasceu da Raiz de Jessé, que é Nossa Senhora. Nosso Senhor Jesus Cristo, diante do qual todos os reis vão ficar quietos e

a quem todos os povos da terra vão invocar. Que venha a nós, que não tarde, porque a humanidade geme e não quer mais esperar.

Em seguida:

- 4) *“Ó Chave de Davi, e Cetro da Casa de Israel, que abre-se e ninguém fecha, que fecha-se e ninguém abre, vem e arranca do cárcere o prisioneiro imerso nas trevas e nas sombras da morte”*.

Nosso Senhor Jesus Cristo “fecha e ninguém abre”; “abre e ninguém fecha”... Quer dizer, Ele tem o domínio de todas as acontecimentos. Então, “vem libertar-nos das sombras da morte”.

Outra invocação:

- 5) *“Ó Oriente, esplendor da Luz Eterna e Sol de Justiça”*

“Justiça” é uma palavra que designa toda virtude. Ou seja, o estado de graça.

Então, Nosso Senhor Jesus Cristo é um esplendor da luz eterna. E, por outro lado, é o “sol” de todas as virtudes, quem ilumina os que vivem nas trevas e nas sombras da morte.

Realmente Nosso Senhor veio e iluminou. E desta iluminação nasceu a Civilização Cristã!

- 6) *“Ó Rei das Nações, e por elas desejado, pedra angular que faz dos dois pólos um pólo só, vem e salva o homem que formaste do lodo da terra!”*

Nosso Senhor Jesus Cristo é a pedra angular de toda ordem humana e nEle todos os dissídios se reconciliam. Reconciliam verdadeiramente e não apenas de um modo como que “ecumênico”, no mau sentido da palavra. Então, salva o homem, que é criatura dEle, que Ele formou do lodo da terra.

- 7) A última invocação, pois o Natal já está iminente: *“Ó Emanuel” – Emanuel quer dizer Messias, o Salvador – “Ó Emanuel, nosso rei e legislador, esperança e salvação das nações, vem salvar-nos, Senhor nosso Deus!”*

Quase se sente Cristo já próximo, separado de nós por apenas algumas horas!

Então alegria de todas as nações que esperam nEle, de todas as nações que esperam em seu Salvador, que se voltam para Ele, e diz: “Senhor nosso Deus, vem salvar-nos!”

Esses são alguns pensamentos que essas antífonas devem despertar em nós.

* * *

+
(IHS)

Maria Santíssima e seu Divino Filho: 1) afeto sublime, sem sentimentalismo

Plínio Corrêa de Oliveira

[Catolicismo, n° 720 - Dezembro de 2010]²

[SD – 23-12-1988]

Na época de Natal, é natural que nossas atenções estejam voltadas para a festa do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa foi a ocasião em que, no grau mais elevado, se manifestou o afeto de uma criatura para com Deus, seu Criador – o afeto daquela Mãe Celeste para com seu Filho único e incomparável.

Como Nossa Senhora é o modelo por excelência de humildade, pode-se dizer que Ela não se aproximou do Divino Salvador sem antes ter manifestado todo o respeito e toda a admiração que Ele merece.

Enquanto criatura e obra-prima da Criação, Ela não poderia deixar de se colocar nessa posição humilde diante do Salvador. Estando tão infinitamente abaixo do Criador, embora seja a mais alta das criaturas, Ela se dirige a Nosso Senhor como se fosse a última das criaturas.

Imaginemos uma pessoa que pense estar mais próxima do Sol por ser 10 centímetros mais alta que o comum dos homens. Não há seriedade nisso, pois 10 centímetros não são nada em relação à distância da Terra ao Sol. Sendo Deus infinito, até mesmo a distância tão grande que separa Nossa Senhora de nós é pequena diante da que a separa de Deus. De maneira que é compreensível a série de atos de humildade que Ela manifestou na presença do Divino Menino.

2) Humildade teocêntrica, não voltada para si próprio

A manifestação d'Ela não foi de uma humildade egocêntrica, mas teocêntrica. Mais do que ter em vista sua condição limitada de criatura, Ela levou em consideração a grandeza infinita de Deus. Por isso, na gruta de Belém seus afetos começam por atos de admiração, manifestando tudo quanto Ela admirava em seu Divino Filho enquanto Homem-Deus.

Nisso há uma ordenação lógica. Quando amamos muito alguém, devemos começar por admirá-lo. Não como se admira um bonequinho, por

² Conferência do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, proferida em 23-12-1988. Nela ele desenvolve a temática natalina sob o aspecto das manifestações de admiração e afeto da Santíssima Virgem, contemplando o Menino Jesus na pobre gruta de Belém, ao mesmo tempo que procurava vislumbrar como seria a vida de seu Divino Filho e a História da Humanidade em função d'Ele. Explicita ainda as características que deve ter um sincero pedido de perdão, como também as preces e os agradecimentos a serem apresentados pelos católicos junto ao Presépio na abençoada noite de Natal.

exemplo, o que seria sentimentalismo, mas uma admiração que é fundamento do amor. Ela amou aquele recém-nascido, sabendo-o o mais admirável entre todas as criaturas, hipostaticamente unido à Santíssima Trindade.

Por revelação divina, Maria Santíssima sabia que o Filho gerado n'Ela era o Filho de Deus. Tão frágil e pequenino, entretanto Ele era Deus na sua infinita grandeza, na sua admirabilidade incomensurável. O primeiro pensamento d'Ela esteve voltado para o Ser Divino no que este tem de mais grandioso; em segundo lugar, seu pensamento voltou-se para o Menino. Entra então o afeto de Mãe, contemplando no olhar d'Ele o sol de Deus que aí se faz refletir. Nossa Senhora analisa o corpinho d'Ele, toca em seus braços e os sente frios. Manifesta-se assim a ternura da mãe.

Alguém poderia objetar que nesse momento a admiração desapareceu, manifestando Ela somente o afeto. Não é verdade, porque na hora em que a admiração morresse, o afeto desapareceria, da mesma forma que se extinguiria a admiração no momento em que morresse o afeto.

3) Admiração e afeto de uma mãe por seu filho, ao nascer

Quando a mãe comum dá à luz um filho, nasce ele tão engraçadinho que a genitora se entenece. No subconsciente da mãe verdadeiramente católica, passa-se o seguinte: “Este recém-nascido é como um projeto de anjo”.

Quanta grandeza há em uma criatura humana ser chamada a uma longa vida, com seus graves deveres para com Deus! A ser um bom filho da Igreja Católica; a dominar suas paixões; a santificar-se e ir para o Céu por toda a eternidade. Que coisa extraordinária!

A mãe fica enternecida, vendo como tão grande chamado está contido naquele pequenino que acaba de nascer!

Nesta consideração entra uma ternura muito grande, mas também grande admiração: Que mistério admirável, pelo qual eu, criatura humana, gerei outra criatura humana! Ela formou-se em meu seio, nasceu de mim, é alimentada por mim; eu a liberei para a vida, e está aqui tão pequenina. Mas para ela existir, realizou-se um imenso mistério!

A infusão da alma: uma obra de Deus somada à obra da mãe – A criança, para a mãe: “um ‘outro eu mesmo’ sobre o qual Deus insuflou uma alma imortal

Quanto à Santíssima Mãe de Deus, de um lado podemos considerar o mistério belíssimo, incompreensível pela ciência. Mas, de outro lado, podemos pensar na hora em que Deus, debruçando-se sobre aquele embrião,

sopra nele uma alma, dando-lhe algo que a mãe não gerou, que não procede do ato nupcial, mas do Criador. Que coisa magnífica!

Na ternura de uma mãe verdadeira e bem orientada para com seu filho, aparece toda essa série de mistérios que se formaram nela. O nascimento de outra criatura que é carne de sua carne e sangue de seu sangue, um "outro eu mesmo", um outro ser sobre o qual Deus insuflou uma alma imortal. Ou seja, a obra de Deus somou-se à obra da mãe, para algo tão imensamente maior.

Essa vinculação da alma abre os horizontes para aquela criança. Horizontes de luta, abnegação, alegria, vitória.

Mas também horizontes de tristeza, abatimento, desfalecimento, em que se tem que pedir graças a Deus para suportá-los.

Revela-se nisso outro aspecto do nascimento de uma simples criança. Para a Igreja, a vida de toda criatura é comparável à de um herói que se prepara com exercícios para a luta, a fim de capacitar-se para enfrentar e combater, de um herói que pega as armas e o escudo para entrar na arena da vida. Ela se encontra no início de uma imensa batalha, e assim a mãe poderia dizer a um filho: Batalhador, eu te admiro, porque és combatente do bom combate! Teu dever é este. Uma vez que recebas o batismo, a graça te chamará e começará uma vida sobrenatural em ti, mais ou menos como uma vela na qual alguém ateia fogo. Quanto irá tua alma iluminar? Que bem farás? Que glória darás a Deus?

Na sagrada casa de Nazaré, convívio de Nosso Senhor com sua Santíssima Mãe: enorme felicidade de estarem juntos, se olharem e se quererem bem.

O Pe. Manoel Bernardes, escrevendo sobre Nossa Senhora como Mãe de Deus Encarnado, fez um jogo de palavras, dizendo que sobre a cruz de seus braços Ela deitará esse Menino, para que durma tranquilamente até o momento de dormir nos braços de uma Cruz. São dois extremos, e a comparação é muito bela e tocante.

Neste Natal, quando formos reverenciar Nosso Senhor no presépio, podemos meditar nisso, refletir na história pessoal d'Ele: Nos 30 anos que passou recolhido na casa de Nossa Senhora; na assistência d'Ele e d'Ela por ocasião da morte de São José; na elevação das conversas, das trocas de pensamentos que mantinham quando estavam sozinhos; nas refeições muito sóbrias, mas prazerosas; na enorme felicidade de estarem juntos, se olharem e se quererem bem.

Meditar na sagrada casa de Nazaré, imaginar Nossa Senhora pensando no que deveria acontecer: Que em determinado momento os anjos haveriam de trasladar a casa santa e levá-la pelos ares, para não cair nas mãos dos

maometanos; que seria colocada numa cidade chamada Loreto, na Itália; que um número incontável de peregrinos, provavelmente até o fim do mundo, iria venerar ali as paredes santas onde ecoaram as conversas da Sagrada Família e os risos cândidos e cristalinos do Menino Jesus; que nessa casa se teria ouvido a voz grave, paterna e afetuosa de São José, e a própria voz de Nossa Senhora, modelada quase ao infinito, exprimindo adoração e veneração em todos os seus graus, em todas as modalidades. Em tudo isso Ela pensava.

Reflexões, de Nossa Senhora, sobre a vida pública do Divino Redentor: a) recusa dos judeus, moleza dos Apóstolos e traição de Judas

A Santíssima Virgem pensava nos lances da vida pública de seu Divino Filho, nos milagres que Ele operaria, nas almas que atrairia. Pensava em como tudo isto desfecharia, a partir do momento em que começaria a ser recusado pelos judeus, esquecido por seus próprios Apóstolos devido à sua moleza, e ainda na traição de Judas.

b) Pentecostes, dilatação da Santa Igreja, imperador Constantino, invasão dos bárbaros, São Bento e nascimento da Idade Média

Depois Ela cogitava em Pentecostes, na dilatação da Igreja por toda a bacia do Mediterrâneo e pelos lugares misteriosos onde andariam os Apóstolos, enchendo a Terra com sua presença. Meditava na libertação da Igreja pelo imperador Constantino; na Igreja que brilharia em todo o mundo; na invasão e civilização dos bárbaros; e depois em São Bento, que em Subiaco se tornaria o patriarca do Ocidente e implantaria nova vida espiritual, da qual nasceria a Idade Média.

c) Pecado Imenso e surgimento da Revolução (renascimento, humanismo e protestantismo, Revolução Francesa, Comunismo e anarquismo)

Ela terá lamentado que no final do período medieval, numa contestação à obra de São Bento, um pecado imenso se cometeria e teria início a Revolução, cujas ondas subiriam como injúrias atrozes: O Renascimento, o humanismo e o protestantismo, aos quais se seguiriam a Revolução Francesa, o comunismo e a revolução anarquista – enigmática, difícil de definir em seus verdadeiros contornos, infame em tudo quanto dela já sabemos.

Em tudo isso Nossa Senhora refletiria.

d) Aparecimento, no século, de uma “pétala de rosa” sobre o “mar de lama”: atração de filhos fieis a lutar por Nossa Senhora

Mas também se regozijaria em que, por um desígnio d'Ela, sobre esse mar de lama começaria a boiar em certo momento uma pétala de rosa, atraindo os seus filhos fiéis para lutar por Ela em nosso século.

Exame de consciência e prece junto ao presépio: analise da própria história individual

Aos pés do presépio, cada um pode voltar-se para analisar sua história individual: Como caminhou a graça de Deus em sua alma; os altos e baixos, as correspondências e as recusas à graça; os movimentos do orgulho e da sensualidade; a vitória, por vezes a derrota, mas de novo a vitória e a misericórdia de Deus.

Nossa Senhora sabia que alguns caíam ao longo do caminho; aguardaria a prece dos que permaneceram pelos que caíram; e de vez em quando conseguiria reerguer algum filho para que voltasse ao bom caminho. Isto se passaria através de obscuridades que não conhecemos, até o momento da sua intervenção final e implantação do Reino de Maria, que Ela revelou em Fátima em 1917.

Orações aos pés do presépio

Devemos considerar tudo isso quando estivermos aos pés do presépio, e dizer:

a) Menino Jesus enquanto divisor, na História, entre Revolução e Contra-Revolução

“Menino Jesus, sois a pedra de divisão, a pedra de escândalo que divide a História ao meio. Tudo que está convosco é a Contra-Revolução, tudo que está contra Vós é a Revolução”³.

b) Agradecimento ao Redentor e oferecimento para batalhar pela Contra-Revolução

Podemos elevar uma prece enquanto veneramos o presépio:

“Aqui está um filho, Senhor Jesus Cristo, trazido pela graça que vossa celeste Mãe, por suas preces, obteve de Vós. Aqui está um filho ajoelhado

³ Revolução é o processo quatro vezes secular que vem desagregando a civilização cristã; Contra-Revolução é o movimento que visa restaurar essa mesma civilização. Ambos os termos são empregados nesta conferência pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira segundo este conceito, por ele exposto em sua obra Revolução e Contra-Revolução.

diante de Vós, antes de tudo para vos agradecer, mas desde já pronto a batalhar por Vós na Contra-Revolução, confiante na vossa Graça”.

Não podemos esquecer os incontáveis agradecimentos que devemos a Deus, e dizer:

“Agradeço-vos, ó Jesus, a vida que destes a meu corpo no momento em que insuflastes minha alma.

Agradeço o plano eterno que tínheis a respeito de mim – um plano determinado e individual que, pelos vossos desígnios, deveria eu ocupar lugar no enorme mosaico de criaturas humanas que devem subir ao Céu.

Agradeço-vos por terdes apresentado uma luta em meu caminho, para que eu pudesse tornar-me herói.

Agradeço-vos a força que me concedestes para resistir, combater e rezar – a Dios orando y con el mazo dando (a Deus rezando, e golpeando com o cajado), como dizia Santo Antonio Maria Claret.

Agradeço-vos tudo isso, e também todos os anos de minha vida que já se foram e se tenham passado na vossa graça.

Agradeço-vos os anos que não se passaram em vossa graça, pois Vós os encerrastes em determinado momento com vossa graça, abandonando eu o caminho do pecado para entrar de novo na vossa amizade.

Agradeço-vos, Divino Infante, a hora em que vos procurei. Agradeço-vos tudo o que fiz de árduo para combater meus defeitos. Agradeço-vos por não vos terdes impacientado comigo e por me terdes concedido tempo para corrigi-los até a hora da morte.

E se uma prece vos posso dirigir nesta noite de Natal, Senhor Jesus, é a que se encontra em um salmo: "Não me chameis na metade dos meus dias" (Salmo 101). Transformando-a um pouco, não quero saber quantos serão os meus dias, que talvez já tenham tido uma duração exorbitante, mas altero-a suplicando: "Não me tireis os dias na metade da minha obra". Peço-vos que me ajudeis, para que meus olhos não se fechem pela morte, meus músculos não percam seu vigor, minha alma não perca sua força e agilidade antes que eu tenha, por vossa glória, vencido em mim todos os meus defeitos, galgado todas as alturas interiores para as quais fui criado; e que, no vosso campo de batalha, eu tenha prestado a Vós, por feitos heroicos, toda a glória que esperáveis de mim quando me criastes.

+
(IHS)

"Glória a Deus no Céu, e paz na terra aos homens de boa vontade"

Plínio Corrêa de Oliveira

[O Legionário, nº 224 - 27 de Dezembro de 1936]

Enquanto os Anjos de nossos piedosos presépios ostentam dísticos em que se lê: "Glória a Deus nos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade", a imprensa diária está cheia de notícias terríveis que destoam tristemente da promessa angélica.

As três correntes da opinião pública (1936): esquerda, centro e falsa direita

Há, no mundo contemporâneo, três grandes correntes, que se convencionou chamar da esquerda, do centro e da direita.

Em nenhuma delas, Nosso Senhor Jesus Cristo, se nascesse hoje, poderia encontrar refúgio seguro.

O Natal nos arraiais da esquerda: horríveis sacrilégios – Horror ao próprio Barrabás

Nos arraiais da esquerda, o Natal será comemorado com horríveis sacrilégios. Os túmulos violados; a santidade dos lugares sagrados profanada; as imagens, outrora veneradas, hoje atiradas à fogueira, por entre horríveis imprecções; as famílias destroçadas; a honra imaculada das virgens de Deus ou do lar, entregue a um bando de salteadores infrenes; a velhice abandonada sem defesa à sanha criminosa de bandidos que causariam horror ao próprio Barrabás. É assim que a "esquerda" comemora o Santo Natal.

O Natal no Centro liberal: espetáculo profundamente triste

No Centro liberal, o espetáculo, sem ser tão negro, não deixa de ser profundamente triste.

O Sr. Blum tenta roubar à Igreja a sua gloriosa Primogênita. E atija em surdina as brasas com que reeditará na França os horrores da Espanha.

Nos Estados Unidos, na Inglaterra, em outros países menos distantes, a política liberal fecha os olhos à propaganda comunista, manifestando cegueira que confina a um tempo com a covardia de Pilatos e a ganância de Judas. Alguns lavam as mãos, dizendo-se irresponsáveis pelos desatinos de uma multidão que lhes caberia jugular. Outros, com o beijo do Judas, traem a Igreja Católica, abandonando-a nas mãos de seus inimigos, tintas de sangue.

O Natal na falsa direita: a) nazismo: a suástica (uma forma de instrumento de tortura); b) fascismo: o novo César contra os católicos autênticos

Na direita, o Sr. Hitler já tem, para Nosso Senhor, preparada uma Cruz. Apenas, para não ser muito arcaico, deu ao seu instrumento de tortura um "it" de modernismo: a forma suástica.

Na Itália, os Rocos e os Croces, os Gentiles, procuram lançar contra Cristo o novo César, como os judeus intrigavam os Imperadores Romanos com os primeiros cristãos.

Por toda a parte, só encontramos ódio, rancor, perseguição.

O Natal nos membros da Contra-Revolução (disposição de alma): a) fidelidade às graças do batismo; b) recusa da inércia e do pessimismo

E, no entanto, cumpre que não desanimemos. Não seríamos dignos da graça inestimável do Batismo que recebemos, se permitíssemos que o pânico se apoderasse de nós. Nem na ordem natural, nem na ordem sobrenatural, há motivos que justifiquem a inércia e o pessimismo.

* * *

Tarefa dos militantes da Contra-Revolução: a) persuasão vigorosa e magnífica; b) contestação à mentalidade do Mundo contemporâneo; c) proclamação de que Nosso Senhor é o único salvador, em todos os tempos

O que a Igreja espera, hoje em dia, de seus filhos, é a realização de uma tarefa ao mesmo tempo muito grande e muito simples. Ela quer que todos os católicos (os católicos dignos desse nome, e não a turbamulta dos pagãos que usam rótulo católico), com uma persuasão vigorosa e magnífica, se ergam no tumulto do Mundo contemporâneo, proclamando o Cristianismo como seu único Salvador.

Único, dissemos. E insistimos sobre esta palavra.

Erraria crassamente quem supusesse que Nosso Senhor Jesus Cristo só veio salvar a humanidade de seu tempo. Em todos os tempos, em todos os países, para todos os povos, em todos os perigos, em todas as dificuldades, apesar de todos os pecados, Cristo é o ÚNICO Salvador.

* * *

Loucura e ilusão da democracia: pensar em prosperidade e paz através de pequenas "receitas políticas" (mistura de liberdade e autoridade)

Os países democráticos pensam que podem atingir a prosperidade e a paz, por meio de pequenas receitas políticas em que misturam, em doses variáveis, a autoridade e a liberdade. Loucura e ilusão. Se eles não aceitarem as normas sociais e morais da Igreja, se não derem ao catolicismo a in-

fluência preponderante a que tem direito, não escaparão à ruína. De reforma em reforma, rolarão para o abismo.

Loucura e ilusão da "direita": pensar que em atingir a felicidade por meio do braço vigoroso de um ditador

Os países da "direita" pensam que o braço vigoroso de um ditador lhes pode restituir a felicidade.

Loucura, ainda, e ilusão...

Porque o maior homem do mundo, dotado da mais lúcida inteligência, da mais alta moralidade, da mais vigorosa energia, do mais formidável poder, não conseguiria organizar convenientemente um povo que vivesse entregue à anarquia intelectual e efetiva. O que, fora da Igreja, é inevitável.

Um povo é um conjunto de homens. Um povo disciplinado não pode ser composto de homens anarquizados no mais íntimo do seu ser, como um copo de água pura não pode constar de um conjunto de gotas de água impuras.

Nosso Senhor Jesus como base da civilização: uma das grandes lições do Natal

Cristo como base da civilização, e as formas do governo como aspectos secundários e acidentais da vida de um povo, eis aí uma das grandes lições do Natal.

* * *

Mas, dirá alguém, "Cristo é um Salvador ausente. Eternamente mudo, atrás da cortina de nuvens que o escondem no Céu. Ele não se mostra à humanidade aflita. E esta então corre à busca de outros pastores".

É horrível dizê-lo, mas há entre católicos quem fale assim.

Há ainda quem não ouse falar, mas pense assim.

E há quem não ouse pensar, mas sinta assim!

Daí o existirem católicos que tem mais esperança na ação da democracia ou das direitas, do que na ação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ah! São esses os corações que recebem a visita eucarística de Cristo Nosso Senhor, mas não recebem o seu Espírito: "in propria venit, et sui eum non receperunt".

Ah! São esses os corações que ouvem a palavra de Cristo, vinda do Vaticano, e não conhecem na voz do Papa o timbre da voz de Deus. A palavra do Papa ecoa no mundo, e o mundo não a conhece: "lux in tenebrae lucet, et tenebrae eam non cognoverunt".

A Santa Igreja Católica Apostólica e Romana: Nosso Senhor Jesus Cristo sempre presente na terra

Nosso Senhor Jesus Cristo, para o bom católico, não está ausente.

Na Eucaristia, Ele está tão realmente, quanto esteve na Judéia. E do Vaticano fala tão verdadeiramente, quanto falou ao Povo de Israel.

A Igreja é tão seguramente guiada por Nosso Senhor em 1936, quanto o eram os Apóstolos, antes da Ascensão.

O que Nosso Senhor Jesus Cristo quer fazer, fá-lo por meio da Igreja. O que Nosso Senhor Jesus Cristo quer dizer, di-lo por meio do Papa. Logo, a Igreja em certo sentido é onipotente e onisciente porque é instrumento da onipotência e porta-voz da onisciência de Deus.

Se Nosso Senhor Jesus Cristo é o Salvador único, a Salvação virá da Igreja.

Frutos da meditação de Natal: 1ª) resolução de combater pelo supremo ideal da Santa Igreja; 2ª) dar continuidade e realização da obra redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo

Trabalhar, lutar, sofrer, rezar, imolar-se ou sacrificar-se alegremente pela Igreja, deve ser o fruto desta meditação de Natal. Porque todas as causas e todos os ideais devem vir depois da suprema Causa e do supremo ideal da Igreja.

“Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade”

Um dos erros mais frequentes entre católicos consiste em considerar a missão do Salvador como definitivamente encerrada com a sua Ascensão ao Céu.

Em geral, supõe o povo que, tendo subido ao Céu, Jesus Cristo deu por finda a obra redentora para cuja realização veio à terra. E a Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo é hoje um episódio histórico do passado, tão distante de nós quanto as guerras de Augusto ou a morte de Cleópatra.

Desse erro fundamental, decorre outro ainda mais grave...

Enquanto os anjos proclamam a glória de Deus, os comunistas profanam os restos de seus servos.

Enquanto os Anjos almejam "paz na terra aos homens de boa vontade", a civilização burguesa materialista arma-se para uma hecatombe.

+
(IHS)

Adveniat Regnum tuum

Plínio Corrêa de Oliveira

[O Legionário, Nº 328, 25 de Dezembro de 1938]

Natal devidamente festejado: clareira alegre e tranquila no curso da vida de todos os dias

Se, em todas as épocas da História cristã, a data de Natal abre uma clareira alegre e tranquila no curso normal e laborioso da vida de todos os dias, em nossa época a trégua natalícia assume um significado especial, porque ela vale por um grande e universal "sursum corda" clamado a uma humanidade tumultuosa e sofredora, que vai imergindo aceleradamente no caos da mais completa dissolução moral e social.

Nossa época é um vale sombrio entre duas culminâncias, a civilização do passado, da qual decaímos através de sucessivas catástrofes que começaram com a pseudo-Reforma, e culminaram com os totalitarismos da direita e da esquerda e a civilização do futuro, para a qual caminhamos através de lutas e de dissabores que enchem, a cada momento, de cruces o nosso caminho.

Por isso mesmo, porque vivemos nos últimos minutos de um mundo que expira, e já vemos os sinais precursores de um outro mundo que nasce, a lição do Natal tem para nós um significado profundo, que devemos meditar no dia de hoje.

* * *

Deplorável situação da humanidade antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo

Em outra secção de nossa edição de hoje, trazemos uma súpula das aspirações que a humanidade pré-cristã nutria, a respeito da vinda de um Salvador.

O povo eleito esperava essa salvação por meio de um Messias, nascido do tronco de David, conforme a autêntica e insofismável promessa divina. Todos os outros povos da terra, não tendo embora recebido as mensagens divinas por meio dos profetas, conservavam uma reminiscência da promessa de um Salvador, feita por Deus a Adão e Eva, quando da saída destes, do Paraíso. E por isto também eles conservavam, ora mais ora menos deformada, a esperança tradicional de que um Salvador haveria de regenerar a humanidade sofredora e pecadora.

Esta esperança, entretanto, chegou ao seu auge na época em que Nosso Senhor veio ao mundo.

Como afirmou um historiador famoso, toda a humanidade, então, sentia velha e gasta. As fórmulas políticas e sociais então utilizadas, já não correspondiam aos anseios e ao modo de ver dos homens do tempo. Um imenso desejo de reforma sacudia diversos povos.

A luta de classes fervera, não havia muito tempo, na Grécia, na Itália, na Fenícia, em outros países ainda. A organização política se tornava cada vez mais opressiva.

Roma dilatara por todo o mundo as fronteiras de seu Império, e a Cidade Eterna era, naquela época, não a rainha, mas a tirana da humanidade inteira, que ela sujeitava às mais injustas extorsões para pagar as orgias dos patrícios romanos.

Em todos os países, o contraste entre a riqueza e a miséria era patente. De um lado, homens riquíssimos viviam no fausto e no luxo desordenado. Do outro lado, uma multidão de sem-trabalhos infestava muitos bairros de grandes cidades de então.

Finalmente, como negro fundo de quadro, milhões e milhões de escravos, acorrentados nos porões das naus ou atrelados como animais, aos carros de transporte, ou presos indissolúvelmente ao arado, gemiam sob o guante de uma opressão que parecia não ter mais fim.

Uma imensa corrupção de costumes se alastrava por todo o território do Império, e punha em ruína todas as instituições políticas.

Os escândalos se multiplicavam nas fileiras da mais alta aristocracia e daí se projetavam sobre todas as camadas da sociedade. Augusto tentava em vão reagir contra a crescente decadência. Não surtiam efeito suas leis reacionárias. Era no seio de sua própria família, que as aberrações mais monstruosas se multiplicavam. E todo o mundo sentia que uma crise imensa ameaçava a sociedade de uma ruína inevitável.

* * *

Foi neste ambiente, enquanto os homens de Estado e os moralistas da época discutiam gravemente sobre tantos e tão insolúveis problemas, que, no estábulo de Belém, no meio de uma noite profunda, raiou para o mundo a salvação. É possível que, no momento exato em que o Salvador nasceu, o orgulhoso imperador romano estivesse, em seu palácio, entregue às mais amargas reflexões que lhe sugeriam o fracasso de sua política moralizadora. É possível que, a pouca distância da casa imperial, se prolongasse pela noite adentro alguma daquelas descabeladas orgias que eram o tema obrigatório dos "potins" de época. Nem uns, nem outros, nem o genial impera-

dor, nem os sibaritas que punham a perder a sociedade, tinham ideia do que naquele momento, ocorria em Belém. Entretanto, não era no palácio imperial, nem nas orgias aristocráticas, nem nos conciliábulos dos conspiradores, que o destino do mundo se decidia.

Das virginais mãos de Maria Santíssima: nascimento da solução perfeita e completa dos vitais problemas da sociedade do futuro

A sociedade do futuro, oriunda da solução perfeita e completa dos mais importantes e vitais problemas da época, nascia em Belém, e era das mãos virginais de Maria, que o mundo recebia o Messias que haveria de redimir o mundo com seu sangue e reorganizá-lo com seu Evangelho.

* * *

Lição primordial para os tempos atuais: sómente nos ensinamentos tradicionais da Santa Igreja Católica devemos concentrar nossas esperanças

Qual a lição primordial que daí devemos tirar?

É, em primeiro lugar, que, assim como, para a humanidade do tempo de Augusto, a solução dos mais intrincados problemas sociais e políticos não foi encontrada a não ser em Cristo, assim também, em nosso tempo, é só na Igreja Católica, o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, que devemos concentrar nossas esperanças.

É possível que, imitando inconscientemente a vigília de Augusto na noite de Natal, muito César hodierno (que diferença de envergadura entre o César Autêntico, e seus fac-símiles contemporâneos!), tenha passado a noite de Natal, indiferente à piedade das massas que oram nas Igrejas, debruçado sobre uma mesa de trabalho, a excogitar meios para arrancar do atoleiro da crise contemporânea, sua pátria sofredora. É possível que, nessa mesma noite, as orgias desmandadas de muito palácio (não mais os palácios da aristocracia como na Roma antiga, mas os suntuosos "dancings" modernos, palácios que o mundo hodierno erige em honra de sua própria corrupção) façam estrugir o silêncio da noite com o som das músicas profanas do "réveillon". É possível que muito conspirador esteja tramando a revolução e a guerra, no silêncio da noite, enquanto o povo comemora o nascimento do Príncipe da Paz.

Sem embargo de tudo isto, não é dos novos césaes, nem do conspirador de nossos dias e muito menos da sociedade que se corrompe nos "dancings", que nos virá a salvação. Se somos católicos, devemos esperar a salvação exclusivamente de quem representa Cristo hoje na terra. É para Pio XI, e só para ele neste mundo, que devemos voltar nossos olhos.

* * *

Reflexão de maior utilidade: somente pela intercessão onipotente de Maria Santíssima alcançaremos os auxílios de Deus

Mais ainda há outra reflexão da maior utilidade. Todos os teólogos são acordes em afirmar que, se a salvação raiou para o mundo na época em que raiou, devemos-lo às preces onipotentes de Maria, que conseguiu antecipar o dia do nascimento do Messias. Ninguém pode dizer quantos anos ou quantos séculos teria ainda demorado a Redenção, sem as preces de Maria.

Não foi, pois, daqueles que, no tempo de Augusto, se agitavam nas praças públicas ou nos conciliábulos políticos para conseguir a reorganização do mundo, que esta reorganização veio. Ela veio da oração humilde e confiante da Virgem Maria, inteiramente ignorada por seus contemporâneos, e vivendo uma vida contemplativa e solitária, no pequeno recanto, onde a Providência a fez nascer.

Outra reflexão de grande utilidade: a contemplação, e sobretudo a oração, beneficiam o mundo mais do que o estudo e a ação

Sem, com isto, desmerecer por pouco que seja à vida ativa, é preciso notar que foi por meio da oração e da contemplação, que se antecipou o momento da Redenção.

E que os benefícios que o gênio de Augusto, o tino de todos os grandes políticos, todos os grandes generais, financistas e administradores de seu tempo não puderam dar ao mundo, Deus os dispensou por meio de Maria Santíssima.

Quem mais beneficiou ao mundo não foi quem mais estudou, nem quem mais agiu, mas quem mais e melhor soube orar.

* * *

Voltar-se para a Igreja (tradicional): única saída para o caos do mundo contemporâneo

Se o mundo contemporâneo quiser sair do caos em que se encontra, ele deve, em primeiro lugar, voltar-se para a Igreja.

É com uma suave e austera lição, que se termina esta breve meditação de Natal.

A grandeza do Brasil (restauração do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo): obra sobretudo dos lutadores da Contra-Revolução

É sobretudo dos lutadores da Ação Católica, e das almas eleitas que Deus chamou ao estado sacerdotal ou ao religioso para viver a vida da ação ou a vida de oração, que, no plano humano, pode depender uma antecipa-

ção ou um retardamento da restauração do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Côncios da grandeza desta missão, o que nós, os leigos que militam pela Igreja devemos fazer, é uma prece junto ao presepe do Senhor Menino.

"Domine, adveniat regnum tuum".

"Senhor, venha a nós o vosso Reino", que nós o realizemos em nós, para que depois, com Vosso auxílio, o realizemos também em torno de nós.

+

(IHS)

Junto ao Presepe

Plínio Corrêa de Oliveira

[O Legionário, Nº 750 - 22 de Dezembro de 1946]

1) Os olhos maternais e doces de Maria

Aproxima-se mais uma vez, Senhor, a festa de vosso Santo Natal. Mais uma vez, a Cristandade se apresta a Vos venerar na manjedoura de Belém, sob a cintilação da estrela, ou sob a luz ainda mais clara e fulgente, dos olhos maternais e doces de Maria.

2) São José, os coros de Anjos, os pastores e os animais

A vosso lado está São José, tão absorto em Vos contemplar, que parece nem sequer perceber os animais que Vos rodeiam, e os coros de Anjos que rasgaram as nuvens, e cantam, bem visíveis, no mais alto dos Céus.

3) Os Reis Magos com os presentes: ouro, incenso e mirra

Daqui a pouco, se ouvirá o tropel dos Magos que chegam trazendo presentes de ouro, incenso e mirra no dorso de extensas caravanas guardadas por uma famulagem sem conta.

4) No decurso dos séculos: a) povos das várias partes do mundo; b) peregrinos; c) Cruzados

No decurso dos séculos, outros virão venerar vosso presepe: da Índia, da Núbia, da Macedônia, de Roma, de Cartago, da Espanha, gauleses, francos, germanos, anglos, saxões, normandos.

Aí estão os peregrinos e os Cruzados que vieram do Ocidente para beijar o solo da gruta em que nascestes.

5) Piedade e sinceridade de multidões junto ao presépio espalhado em toda a face da terra

Vosso presepe encontra-se agora em toda a face da Terra. Nas grandes catedrais góticas ou românicas, nas mesquitas conquistadas ao mouro e consagradas ao culto verdadeiro, multidões imensas se acumulam em torno de Vós, e Vos trazem presentes: ouro, prata, incenso, e sobretudo a piedade e a sinceridade de seus corações.

Na expansão ocidental: a) o brilho da “estrela” sobre toda a face da terra; b) a promessa angélica a todos os povos; c) o tesouro inapreciável ao alcance de todos os corações de boa vontade; d) os benefícios da Redenção são jorrados sobre o mundo inteiro

Abre-se o ciclo da expansão ocidental. Os benefícios de vossa Redenção jorram abundantes sobre terras novas. Incas, astecas, tupis, guaranis, negros de Angola, do Cabo ou da Mina, hindus bronzeados, chineses esguios e pensativos, ágeis e pequenos nipões, todos estão em torno de vosso presepe e Vos adoram.

A estrela brilha agora sobre o mundo inteiro. A promessa angélica já se fez ouvir a todos os povos, e sobre toda a Terra os corações de boa vontade encontraram o tesouro inapreciável de vossa paz.

Superando todos os obstáculos, os ensinamentos evangélicos se fazem ouvir por fim aos povos do mundo inteiro. No meio da desolação contemporânea, esta grande afluência de homens, raças e nações em torno de Vós é, Senhor, a única consolação, a esperança que resta.

A Contra-Revolução: também junto ao Presépio – “O que somos nós”: intransigência, fidelidade, pureza, recusa a qualquer pacto com a heresia, obras e infiltrações

E no meio de tantos, eis-nos aqui também. Estamos de joelhos, e Vos olhamos.

Vede-nos, Senhor, e considerai-nos com compaixão. Aqui estamos, e Vos queremos falar.

Nós? Quem somos nós?

Os que não dobram os dois joelhos, e nem sequer um joelho só, diante de Baal. Os que temos a vossa Lei escrita no bronze de nossa alma, e não permitimos que as doutrinas deste século gravem seus erros sobre este bronze sagrado que vossa Redenção tornou.

Os que amamos como o mais precioso dos tesouros a pureza imaculada da ortodoxia, e que recusamos qualquer pacto com a heresia, suas obras e infiltrações.

Os que temos misericórdia para com o pecador arrependido, e que para nós mesmos, tantas vezes indignos e infiéis, imploramos vossa misericórdia. Mas que não poupamos a impiedade insolente e orgulhosa de si mesma, o vício que se estadeia com ufanía, e escarnece a virtude.

Os que temos pena de todos os homens, mas particularmente dos bem-aventurados que sofrem perseguição por amor à vossa Igreja, que são oprimidos em toda a Terra por sua fome e sede de virtude, que são abando-

nados, escarnecidos, traídos e vilipendiados porque se conservam fiéis à vossa Lei. Aqueles que sofrem sem que a literatura contemporânea se lembre de exaltar a beleza de seus sofrimentos: a mãe cristã que reza hoje sozinha diante de seu presepe, no lar abandonado pelos filhos que profanam em orgias o dia de vosso Natal; o esposo austero e forte que pela fidelidade a vosso Espírito se tornou incompreendido e antipático aos seus; a esposa fiel que suporta as agruras da solidão da alma e do coração, enquanto a levianidade dos costumes arrastou ao adultério aquele que devera ser para ela a coluna de seu lar, a metade de sua alma, "um outro eu mesmo"; o filho ou a filha piedosa, que durante o Natal, enquanto os lares cristãos estão em festa, sente mais do que nunca o gelo com que o egoísmo, a sede dos prazeres, o mundanismo paralisou e matou em seu próprio lar a vida de família. O aluno abandonado e vilipendiado pelos seus colegas, porque permanece fiel a Vós. O mestre detestado por seus discípulos, porque não pactua com seus erros. O Pároco, o Bispo, que sente erguer-se em torno de si a muralha sombria da incompreensão ou da indiferença, porque se recusa a consentir na deterioração do depósito de doutrina que lhe foi confiado. O homem honesto que ficou reduzido à penúria porque não roubou.

Estes são, Senhor, os que no momento presente, dispersos, isolados, ignorando-se uns aos outros, entretanto, agora, se acercam de Vós para oferecer o seu dom, e apresentar a sua prece.

Dom tão esplendido na verdade, que se eles Vos pudessem dar o sol e todas as estrelas, o mar e todas as suas riquezas, a terra e todo o seu esplendor, não Vos dariam dom igual.

É o dom de si, íntegro e feito com fidelidade.

Quando eles preferem a ortodoxia completa às palmas dos fariseus; quando preferem a pureza à popularidade entre os ímpios; quando escolhem a honestidade de preferência ao ouro;

Quando permanecem na vossa Lei ainda que por isto percam cargos e glória, praticam o amor de Deus sobre todas as coisas, e atingem a perfeição da [vida] espiritual, rija e verdadeira dileção. Não, por certo, do amor como o entende o século, amor todo feito de sensibilidade esparramada e ilógica, de afetos nebulosos e sem base na razão, de obscuras condescendências consigo mesmo, e escusas acomodações de consciência. Mas o amor verdadeiro, iluminado pela Fé, justificado na razão, sério, casto, reto, perseverante. Em uma palavra, o amor de Deus.

Prece formulada pelos Contra-Revolucionários (Intenções diversas): a) pela Santa Igreja; b) pelo Papado; c) pela civilização cristã; d) pelos pecadores; e) pelas almas do purgatório

E eles Vos formulam uma prece.

Prece, antes de tudo, por aquilo que mais amam no mundo, que é a vossa Igreja santa e imaculada.

Pelos pastores e pelo rebanho. Sobretudo pelo Pastor dos Pastores e do rebanho, isto é, por Pedro que hoje se chama Pio.

Que vossa Igreja, que geme cativa nas masmorras desta civilização anticristã, triunfe por fim deste século de pecado, e plasme para vossa maior glória uma nova civilização.

Pelos santos, para que sejam mais santos.

Pelos bons, para que se santifiquem.

Pelos pecadores, para que se tornem bons, pelos ímpios, para que se convertam.

Que os impenitentes, refratários à graça e nocivos às almas, sejam dispersos, humilhados e aniquilados por vossa punição.

Que as almas do Purgatório quanto antes subam ao Céu.

Prece pelos da Contra-Revolucionários (intenções próprias): exigência na ortodoxia e na pureza, fidelidade na adversidade, altivez nas humilhações, energia nos combates, terror para os ímpios, compassividade para os de “boa vontade”

Prece, depois, por si mesmos. Que os façais:

- mais exigentes na ortodoxia,
- mais severos na pureza,
- mais fiéis na adversidade,
- mais ativos nas humilhações,
- mais enérgicos nos combates,
- mais terríveis para com os ímpios,
- mais compassivos para com os que, envergonhando-se de seus pecados, louvam de público a virtude e se esforçam seriamente por a conquistar.

Prece, por fim, para que vossa Graça, sem a qual nenhuma vontade persevera duravelmente no bem e nenhuma alma se salva, seja para eles tanto mais abundante quanto mais numerosas forem suas misérias e infidelidades.

+
(IHS)

Populus Qui Habebat In Tenebris Vidit Lucem Magnam

"Alegrem-se os céus e exulte a terra ante a face do Senhor, porque ele veio"

Plínio Corrêa de Oliveira

["Catolicismo" nº 12, Dezembro de 1951]

As várias noções decorridas do Santo Natal

Na festa do Santo Natal há várias noções que por assim dizer se superpõem.

Primeira noção: a) prenúncio da libertação do domínio do demônio, do mundo e da carne; b) o Céu e a terra tornam a constituir uma só sociedade

Antes de tudo, o nascimento do Menino Deus torna patente a nossos olhos o fato da Encarnação. É a segunda Pessoa da Santíssima Trindade que assume natureza humana e se faz carne por amor de nós.

Ademais, é o início da existência terrena do Senhor. Um início refulgente de claridades, que contém em si um antegosto de todos os episódios admiráveis de Sua vida pública e privada. No alto desta perspectiva está sem dúvida a Cruz. Mas, nas alegrias do Natal mal divisamos o que ela tem de sombrio. Vemos apenas jorrar do alto dela, sobre nós, a Redenção. O Natal é assim o prenúncio da libertação, o sinal de que as portas do Céu vão ser reabertas, a graça de Deus vai novamente difundir-se sobre os homens, e a terra e o Céu constituirão outra vez uma só sociedade sob o cetro de um Deus Pai, e não mais apenas Juiz.

Segunda noção: a alegria da virtude (gaudio da paz e da caridade)

Se analisarmos detidamente cada uma destas razões de alegria, compreenderemos o que é o júbilo do Natal, este gáudio cristão unguento de paz e de caridade que faz com que durante alguns dias todos os homens experimentem um sentimento bem raro neste triste século vinte: a alegria da virtude.

* * *

Terceira noção: Deus presente sensivelmente entre os homens

A primeira impressão que nos vem do fato da Encarnação é a ideia de um Deus presente sensivelmente, e muito junto de nós.

Antes da Encarnação, Deus era para nossa sensibilidade de homens o que seria para um filho um pai imensamente bom mas morando em terras

distantes. De todos os lados nos vinham os testemunhos de sua bondade. Porém não tínhamos a ventura de haver experimentado pessoalmente seus afagos, de ter sentido pousar em nós seu olhar divinamente profundo, gravemente compreensivo, nobremente afetuosos. Não conhecíamos a inflexão de sua voz. A Encarnação significa para nós o gáudio deste primeiro encontro, a alegria do primeiro olhar, o acolhimento carinhoso do primeiro sorriso, a surpresa e o alento dos primeiros instantes de intimidade. E por isto, no Natal, todos os afetos se tornam mais expansivos, todas as amizades mais generosas, toda a bondade mais presente no mundo.

* * *

Quarta noção: Natal, de um lado: festa da humildade; de outro lado: festa da solenidade – A glória em ser irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela natureza e pela graça

Na alegria do Natal há porém uma grande nota de solenidade. Pode-se dizer que o Natal é de um lado a festa da humildade, mas de outro lado a festa da solenidade.

Com efeito, o fato da Encarnação traz ao nosso espírito a noção de um Deus que assumiu a miséria da natureza humana na mais íntima e profunda das uniões que há na criação. Se da parte de Deus há a manifestação de uma condescendência quase incalculável, reciprocamente, quanto aos homens há uma promoção quase inexprimível. Nossa natureza foi promovida a uma honra que jamais pudéramos imaginar. Nossa dignidade cresceu. Fomos reabilitados, enobrecidos, glorificados.

E, por isto, há qualquer coisa de discreta e familiarmente solene nas festas de Natal. Os lares se enfeitam como para os dias mais importantes, cada qual usa seus melhores trajes, a polidez de todos se torna mais requintada. Compreendemos à luz do presépio, a glória e a bem-aventurança de ser, pela natureza e pela graça, irmãos de Jesus Cristo.

Sexta noção: júbilo da surpresa, do bem-estar e da gratidão

Na alegria do Natal há também um quê do júbilo do prisioneiro indultado, do doente curado. É um júbilo feito de surpresa, de bem-estar e de gratidão.

Com efeito, não há o que possa exprimir a tristeza desabusada do mundo antigo. O vício havia dominado a terra, e as duas atitudes possíveis perante ele conduziam igualmente ao desespero.

Uma consistia em buscar nele o prazer e a felicidade. Foi a solução de Petrônio, que morreu pelo suicídio.

Outra consistia em lutar contra ele. Foi a de Catão, que, depois da derrota de Tharsus, esmagado pela borra do império, pôs fim à vida exclamando: "Virtude, não és senão uma palavra".

O desespero era, pois, o termo final de todos os caminhos.

Jesus Cristo nos veio mostrar que a graça abre para nós as veredas da virtude, que torna possível na terra a verdadeira alegria que não nasce dos excessos e das desordens do pecado, mas do equilíbrio, dos rigores, da bem-aventurança, da ascese.

O Natal nos faz sentir a alegria de uma virtude que se tornou praticável, e que é na terra um antegoço da bem-aventurança do céu.

* * *

Sétima noção: Natal, cântico de alegria: a) da derrota do pecado e da morte eterna; b) da alegria da inocência redimida e da ressurreição da carne; c) da alegria da eterna contemplação de Deus

Não há Natal sem Anjos. Sentimo-nos unidos a eles, e participantes daquela alegria eterna que os inunda.

Nossos cânticos procuram neste dia imitar os seus. Vemos o Céu aberto diante de nós, e a graça elevando-nos desde já a uma ordem sobrenatural em que as alegrias transcendem a tudo quanto pode o coração humano ex-cogitar. É que sabemos que com o Natal começa a derrota do pecado e da morte. Sabemos que ele é o início de um caminho que nos levará à Ressurreição e ao Céu. Cantamos no Natal a alegria da inocência redimida, a alegria da ressurreição da carne, a alegria das alegrias que é a eterna contemplação de Deus.

E por isto é que, quando os sinos anunciarem à Cristandade dentro de alguns dias o Santo Natal, haverá mais uma vez a alegria santa sobre a terra.

+
(IHS)

Et vocabitur princeps pacis, cujus regni non erit finis

Plinio Corrêa de Oliveira

["Catolicismo" nº 24, Dezembro de 1952]

Santo Natal: primeiro dia de vida da civilização cristã – Primeiro dia de uma era histórica

Considerando os fatos numa vasta perspectiva histórica, o Santo Natal foi o primeiro dia de vida da civilização cristã. Vida ainda germinativa e incipiente, como os primeiros clarões do sol que nasce. Mas vida que já continha em si todos os elementos incomparavelmente ricos, da esplendida maturidade a que se destinava.

Com efeito, se é bem verdade que a civilização é um fato social, que para existir como tal nem sequer pode contentar-se de influenciar um pequeno punhado de pessoas, mas deve irradiar sobre uma coletividade inteira, não se pode dizer que a atmosfera sobrenatural que emana do presépio de Belém sobre os circunstantes já estava formando uma civilização.

Mas se, de outro do, consideramos que todas as riquezas da civilização cristã se contém em Nosso Senhor Jesus Cristo como em sua fonte única, infinitamente perfeita, e que a luz que começou a brilhar sobre os homens em Belém havia de alongar cada vez mais seus clarões, até se estender sobre o mundo inteiro, transformando mentalidades, abolindo e instituindo costumes, infundindo espírito novo em todas as culturas, unindo e elevando a um nível superior todas as civilizações, pode-se dizer que o primeiro dia de Cristo na terra foi desde logo o primeiro dia de uma era histórica.

Quem o haveria de dizer? Não há ser humano mais débil do que uma criança. Não há habitação mais pobre do que uma gruta. Não há berço mais rudimentar do que uma manjedoura.

Na gruta e na manjedoura: a transformação do curso da História

Entretanto, esta Criança, naquela gruta, naquela manjedoura, haveria de transformar o curso História.

E que transformação! A mais difícil de todas, pois que se tratava, não de acelerar o curso das coisas no rumo em que seguiam, mas de orientar os homens no caminho mais avesso a suas inclinações: a via da austeridade, do sacrifício, da Cruz. Tratava-se de convidar à Fé um mundo apodrecido pelas superstições, pelo sincretismo religioso e pelo ceticismo completo.

Tratava-se de convidar para a justiça uma humanidade afeita a todas as iniquidades: o domínio despótico do forte sobre os fracos, das massas sobre as elites, e da plutocracia - que reúne em si todos defeitos de umas e outras - sobre a própria massa.

Tratava-se de convidar ao desapego um mundo que adorava o prazer sob todas as suas formas.

Tratava-se de atrair para a pureza um mundo em que todas as depravações eram conhecidas, praticadas, aprovadas. Tarefa evidentemente inviável, mas que a Divina Criança começou a realizar desde o seu primeiro momento nesta terra, e que nem a força do ódio judaico, nem a força do domínio romano, nem a força das paixões humanas poderia conter.

* * *

O mundo da Revolução (neo-paganismo): uma volta ao ponto antes do Natal – a) adoração do dinheiro; b) divinização das massas; c) exasperação do gosto dos prazeres; d) superstições; e) sincretismo religioso

Dois mil anos depois do Nascimento de Cristo, parecemos ter voltado ao ponto inicial. A adoração do dinheiro, a divinização das massas, a exasperação do gosto dos prazeres mais vãos, o domínio despótico da força bruta, as superstições, o sincretismo religioso, o ceticismo, enfim o neo-paganismo em todos os seus aspectos invadiram novamente a terra.

Blasfêmia contra Nosso Senhor Jesus Cristo quem afirmasse que este inferno de confusão, de corrupção, de revolta, de violência que temos diante de nós é a civilização cristã, é o Reino de Cristo na Terra. Apenas um ou outro grande lineamento da antiga cristandade sobrevive, abalado, no mundo de hoje. Mas, em sua realidade plena e global a civilização cristã deixou de existir, e da grande luz sobrenatural que começou a fulgir em Belém muito poucos raios brilham ainda sobre as leis, os costumes, as instituições e a cultura do século XX.

Porque isto? Teria a ação de Jesus Cristo - tão presente em nossos tabernáculos como na gruta de Belém - perdido algo de sua eficácia? Evidentemente não.

E, se a causa não está nem pode estar nele, por certo está nos homens. Vindo a um mundo profundamente corrompido, Nosso Senhor e depois dele a Igreja nascente encontraram almas que se abriram à pregação evangélica.

Hoje, a pregação evangélica se dissemina por toda a terra. Mas cresce assustadoramente o número dos que se recusam com obstinação a ouvir os ensinamentos de Deus, dos que pelas ideias que professam, pelos costumes

que praticam, estão precisamente no pólo oposto à Igreja. "Lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt".

Nisto, só nisto, está a causa de ruína da civilização cristã no mundo. Pois se o homem não é, e não quer ser católico, como pode ser cristã a civilização que nasce de suas mãos?

* * *

Não cumprimento da Lei de Deus: causa da crise titânica da situação atual do mundo

Espanta que tantos homens perguntem qual a causa da crise titânica em que o mundo se debate. Basta imaginar que a humanidade cumprisse a Lei de Deus, para que se entenda que ipso facto a crise deixaria de existir.

O problema, pois, está em nós. Está em nosso livre arbítrio. Está em nossa inteligência que se fecha à verdade, em nossa vontade que, solicitada pelas paixões se recusa ao bem. A reforma do homem é a reforma essencial e indispensável. Com ela, tudo estará feito. Sem ela, tudo quanto se fizer será nada.

Esta é a grande verdade que se deve meditar no Natal. Não basta que nos inclinemos ante Jesus Menino, ao som dos hinos litúrgicos, em uníssonos com a alegria do povo fiel. É necessário que cuidemos cada qual de nossa reforma, e da reforma do próximo, para que a crise contemporânea tenha solução, para que a luz que brilha do presépio recobre campo livre para sua irradiação em todo o mundo.

* * *

Lição preciosa do Santo Natal: confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo e confiança no sobrenatural

Mas como conseguir isto? Onde estão nossos cinemas, nossos rádios, nossos diários, nossas organizações? Onde estão nossas bombas atômicas, nossos toques, nossos exércitos? Onde estão nossos bancos, nossos tesouros, nossas riquezas? Como lutar contra o mundo inteiro?

A pergunta é ingênua. Nossa vitória decorre essencialmente e antes de tudo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Bancos, rádios, cinemas, organizações, tudo isto é excelente, e temos obrigação de o utilizar para a dilatação do Reino de Deus. Mas nada disto é indispensável. Ou, em outros termos, se a causa católica não contar com estes recursos, não por negligencia e falta de generosidade nossa, mas sem nossa culpa, o Divino Salvador fará o necessário para que vençamos sem isto. O exemplo, deram-no os primeiros séculos da igreja: não venceu esta, a despeito de se terem coligado contra ela todas as forças da terra?

Confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo, confiança no sobrenatural, eis outra lição preciosa que nos dá o Santo Natal.

* * *

O Reino de Deus em nós e em torno de nós: graça única a ser pedida a Nossa Senhora, no Natal

E não terminemos sem colher mais um ensinamento, suave como um favo de mel. Sim, pecamos. Sim, imensas são as dificuldades que se nos deparam para voltar atrás, para subir. Sim, nossos crimes e nossas infidelidades atrairão sobre nós a cólera de Deus. Mas, junto ao presépio, temos a Medianeira clementíssima, que não é juiz mas advogada, que tem em relação a nós toda a compaixão, toda a ternura, toda a indulgência da mais perfeita das mães.

Olhos postos em Maria, unidos a Ela, por meio dela, peçamos neste Natal a graça única, que realmente importa: o Reino de Deus em nós e em torno de nós.

Todo o resto nos será dado por acréscimo.

+
(IHS)

Lux fulgebit hodie super nos

Plínio Corrêa de Oliveira
["Catolicismo" nº 36, Dezembro de 1953]

Natal: na obscuridade das trevas, acendeu-se a Luz – O grande acontecimento da História

"Lux in tenebris lucet": foi com estas palavras (Jo. 1, 5), que o Discípulo amado anunciou para seu tempo e para os séculos vindouros, o grande acontecimento que celebramos neste mês. Fórmula sintética, sem dúvida, mas que exprime o conteúdo inexaurivelmente rico, do grande fato: havia trevas por toda a parte, e na obscuridade dessas trevas se acendeu a Luz. Por isto é que a Santa Igreja afirma com estas palavras proféticas de Isaías o seu júbilo na noite do Natal: "A Luz brilhará hoje sobre nós, porque nos nasceu o Senhor. Seu Nome é Admirável, Deus, Príncipe da Paz, Pai do século futuro, e Seu reino não terá fim" (Is. 9, 2 e 6, Intróito da 2a. Missa do Natal).

As trevas: conformação defeituosa do Estado e da sociedade – Idolatria, ceticismo, ganância e injustiça, cegueira dos judeus

Qual a razão destas metáforas? Porque luz? Porque trevas?

Os comentadores são unânimes em afirmar que as trevas que cobriam a terra quando o Salvador nasceu eram a idolatria dos gentios, o ceticismo dos filósofos, a cegueira dos judeus, a dureza dos ricos, a rebeldia e o ócio dos pobres, a crueldade dos soberanos, a ganância dos homens de negócio, a injustiça das leis, a conformação defeituosa do Estado e da sociedade, a sujeição do mundo inteiro à prepotência de Roma.

A luz: Nosso Senhor Jesus Cristo – Missão da luz: dissipar as trevas

Foi na mais profunda escuridão dessas trevas que Jesus Cristo apareceu como uma luz.

Qual a missão da luz? Evidentemente, dissipar as trevas. De fato, aos poucos, foram elas cedendo. E, na ordem das realidades visíveis, a vitória da luz consistiu na instauração da civilização cristã que, ao tempo de sua integridade, foi, embora com as falhas inerentes ao que é humano, autêntico Reino de Cristo na terra.

No crepúsculo da Cristandade: a) as trevas: a Revolução; b) a luz: a Contra-Revolução

Não é o caso de se fazer aqui a história do crepúsculo da Cristandade ocidental. Basta lembrar que, do século de S. Tomás e S. Luiz deslizamos para esta nossa era de laicismo e de ateísmo militante. Os ricos são novamente duros, os pobres tendem cada vez mais para a rebeldia e o ócio, a crueldade penetrou novamente nas leis dos povos e nas relações entre as nações, a ganância dos homens de negócios não tem limites, as leis são cada vez mais socialistas e, pois, cada vez mais injustas, a conformação da sociedade e do Estado se torna cada vez mais defeituosa.

O quadro que traçamos do mundo antigo poderia aplicar-se facilmente ao mundo de hoje, com simples mudanças de nomes, falando por exemplo não de Roma, mas de Washington e Moscou. Essas as trevas.

E a luz? A luz é Jesus Cristo, e a luz somos nós, pois "christianus alter Christus". Como agir para dissipar as trevas? Como fez Jesus Cristo que foi a luz por excelência. Concretamente como? Que métodos empregar?

Poucas vezes talvez, na vida da Igreja, tenha a questão do método de apostolado despertado tanto interesse. As três grandes correntes que a este respeito se delineiam poderiam descrever-se assim:

Os três fatores do pecado: a) o demônio, com suas tentações; b) o mundo, com suas seduções; c) a carne, com seu incitamento

I - Todas admitem que três são, em essência, os fatores que retêm os homens no erro e no pecado: o demônio com suas tentações; o mundo com suas seduções; a carne com seu aguilhão.

As três correntes de apostolado em face dos três fatores do pecado

II - Em que proporções agem estes três fatores no produzir a imensa apostasia do mundo contemporâneo? Aqui nasce a divisão. Não pretendemos apontar as várias posições teoricamente possíveis no problema assim considerado, as que se extremam num sentido, as que se extremam no outro sentido, e por fim o meio termo moderado. Queremos registrar apenas os dois estados de espírito mais generalizados, e os vários matizes com que se apresentam.

A) Primeira corrente: posição rotineira de apostolado, instituíva e irrefletida (a mais generalizada) (consiste na não compreensão e na não consideração dos fatores dos pecados)

III - Temos antes de tudo a posição rotineira, que era há alguns anos ainda a mais generalizada, e que consiste em não compreender, em não

considerar sequer o problema. Ao escolher para si um campo de trabalho na imensa linha de ação, a muito poucos ocorria considerar previamente, e em seu conjunto, os interesses da Igreja, para tomar posição no ponto mais importante, mais abandonado talvez, e em que o trabalho seria mais útil ou mais urgente. Agia-se ao sabor das circunstâncias. As relações pessoais atraíam para esta ou aquela obra ou associação, e ali se ficava. Ou então um pendor pessoal por certo gênero de atividade, uma circunstância fortuita que fazia ver este ou aquele aspecto de um problema, era o motivo determinante da escolha.

Como se vê, este sistema tinha um que de instintivo e irrefletido, e este cunho se transmitia, da escolha do campo de ação para a do método. Seguiam-se pura e simplesmente os precedentes já fixados. Na escolha dos horários, dos temas das reuniões, dos métodos de ação e propaganda, tudo se passava como se estivéssemos meio século atrás.

Este sistema - trata-se no fundo de algo que é, além de um sistema, uma mentalidade e um estilo - tinha inconvenientes tão óbvios que nem é necessário enunciá-los.

Vantagens, acidentais, de um sistema de apostolado instintivo e sem método: 1) ortodoxia (valores inestimáveis e perenes); 2) campo livre para atuação da graça

Manda a justiça que se enumerem algumas das vantagens que - acidentalmente o mais das vezes - trazia consigo:

1) - esta rotina era profundamente ortodoxa, e pois carregava consigo valores inestimáveis e perenes que lhe asseguravam de qualquer forma um teor de espiritualidade e eficácia não despendendo;

2) - a Providência não dirige as almas apenas por raciocínios científicos, e a espontaneidade das tomadas de posição deixava campo livre aos impulsos da graça, que aponta por vezes o caminho a certas pessoas por meios todo excepcionais.

Não achamos que em tese estas vantagens sejam inerentes à rotina; mas afirmamos que no caso concreto essa rotina tinha ou tem, ao lado de graves inconvenientes, pelo menos essas vantagens.

B) Segunda corrente de apostolado: os “ardorosos” (julgam inútil saber qual dos três fatores de degradação é preponderante)

IV - Ao lado dos rotineiros, havia e há os “ardorosos”. Para estes, implicitamente algumas vezes, explicitamente outras, o quadro se apresenta muito claro. A questão de saber qual dos três fatores - demônio, mundo ou carne - é o preponderante no mundo de hoje, é em boa parte falsa e inútil,

como seria a do homem que, fortemente agarrado pelo pescoço por um agressor, em lugar de reagir, se perguntasse a si mesmo se era do antebraço, do braço ou dos dedos do adversário que provinha o mais forte da pressão.

De fato, o homem entregue às volúpias da carne tende a atirar-se com todo o peso de sua miséria às delícias do mundo; e sua alma cheia de tanto lodo está preparada para receber a ação do demônio.

Cada um destes fatores abre pois o campo para o outro, em lugar de lhe disputar o terreno. E por isto, instaurado numa alma o jugo do demônio, ela se torna mais escrava do mundo e da carne. É o que se pode chamar um círculo vicioso.

A interação entre carne, mundo e demônio (três abismos sucessivos): um “círculo vicioso” que se inicia na primeira capitulação

De mais a mais, carne, mundo e demônio não constituem três etapas distintas, três abismos sucessivos. A capitulação diante de qualquer deles, por mais incipiente que seja, dá imediato vigor aos outros. O círculo vicioso tem início logo na primeira derrota. E já é sob a forma de círculo vicioso que se apresentam as primeiras tentações.

Saber por qual destes três “dedos” o inferno bateu, pela primeira vez, à porta de uma alma, quem o poderá dizer, suposto que de fato não se tenha utilizado de todos os três!

E, de resto, para o “ardoroso”, pouco importa isto à questão de método.

O “ardoroso” considera ele que a ação do demônio cresce na alma com o pecado, e que por sua vez agrava as devastações do pecado na alma.

Pior ação do demônio: dar vivacidade, energia e maior baixeza aos impulsos de desordem instalados, nas almas, pelo pecado original

Mas, no que consiste precisamente a ação do demônio?

- Em dar aos impulsos de desordem que o pecado original instalou em nós uma vivacidade, uma energia, uma baixeza ainda maior;
- Em arrastar os homens a uma esfera de degradação, de sensualidade e de impiedade pior ainda que a da simples malícia humana.
- Arrastando, pois, para baixo os pecadores, procurando dar coesão, unidade, acerto de movimentos em toda a terra às energias caóticas e por si mesmas anárquicas da corrupção, soprando, estimulando, capitaneando, o demônio é o verdadeiro chefe do reino das trevas no mundo.

Consequências da ação do demônio, no mundo revolucionário: a) incapacidade do discernimento entre bem e mal, verdade e erro; b) cegueira ante milagres estupendos; c) idolatria da carne; d) endurecimento no mal

Daí as notas tão frequentes no mundo de hoje, e que estão num nível inferior ao da natureza humana:

- a incapacidade quase total de discernir entre a verdade e o erro;
- a indiferença completa entre o bem e o mal;
- a cegueira ante milagres estupendos como os de Lourdes;
- o ódio militante à Igreja;
- a idolatria da carne.

E, acima de tudo isto, um tão formidável endurecimento no mal, como poucas vezes antes o registrou a História.

Elementos de um verdadeiro apostolado: a) resistir com todas as forças; b) procurar abrir os olhos dos “cegos” e fazer ouvir os “surdos”; c) combater todas as manifestações da lascívia, do mundanismo e do satanismo

Visto assim o quadro, é claro que se trata de resistir com todas as forças a este turbilhão dos elementos desencadeados, dentro do qual sopra ademais o espírito das tempestades. É preciso acender holofotes tão potentes que abram os olhos aos cegos; falar tão alto que os surdos ouçam; combater em todas as suas manifestações, ainda as menores, os surtos da lascívia, do mundanismo, do satanismo, pois toda concessão é uma semente da qual nascerão não só árvores, mas florestas.

* * *

C) Terceira corrente de apostolado: os “otimistas” – Falsa posição psicológica: a) o homem contemporâneo é fundamentalmente bom, sem malícia fundamental; b) a sua conquista se faz por meio de amabilidades e concessões sobretudo quanto à castidade e à condenação

V - Muito diversa é a posição dos "otimistas". Para eles, o homem contemporâneo não é senão um meninão travesso, mas bom no fundo, que só tem um ponto difícil: é irritável. Por certo ele está algum tanto longe de praticar todos os mandamentos. A culpa entretanto não é principalmente sua, mas dos que não o souberam compreender. Em lugar de o ter irritado com dogmas, preceitos, penas, dever-se-ia tê-lo nutrido com o mel suave das concessões, dever-se-ia tê-lo tratado a pão de ló e sorrisos. Não se compreendeu isto e, como ele é irritável, e algum tanto traquinas, ei-lo que quebra igrejas, desencadeia guerras, multiplica revoluções.

Bem entendido, desde que se admite que nada disto encerra uma malícia fundamental, é de se excluir uma ação durável e profunda do demônio.

E nem é de se admitir que a carne e o mundo sejam tão vigorosos em seu império sobre o menino. O mal, repetimos, foi que o irritaram. A cura consistirá em abrandá-lo.

Concessões? Mas o que conceder? Bem entendido, não o essencial, mas o accidental.

O que é o essencial? O que é o accidental? É aqui que o problema começa a sair do puro âmbito da metodologia.

Antes de tudo, é preciso não dizer as coisas claramente, porque "pode irritar".

Castidade, sim. Mas pronuncie a palavra bem baixinho; só quando for essencial, indispensável; ou melhor, renuncie a fazer uso dela por muito tempo. Obediência ao magistério da Igreja? Sim, sem dúvida. Mas não fale propriamente em obediência, nem propriamente em magistério: poderíamos irritar o menino. Melhor seria falar vagamente em fé. Pecado? Não é termo conveniente: fale-se antes em fraqueza, em lapso, em deslize. E cuidado: fale-se sobre isto sorrindo.

Inferno? Para que? Se nosso menino percebe que pode ir ter lá, acabará por sentir um terrível ódio contra Deus. Há no Evangelho algumas referências a este assunto. Mas é que os publicanos ouviam falar nisto, e lhes fazia bem. Nosso menino, pelo contrário, é emancipado e fez várias "tomadas de consciência". Ele se revoltaria. Deixemos o assunto para mais tarde, será mais prudente. Tudo isto quanto ao modo de enunciar a doutrina. Quanto ao modo de aplicar, as coisas vão mais longe. É preciso ceder em matéria de saias curtas, de trajes de banho, de promiscuidade sexual; é preciso ceder em matéria de danças lascivas, de atitudes provocantes, de romances e filmes imorais; é preciso ceder em matéria de existencialismo, e de qualquer outra moda ideológica que represente um passageiro capricho do menino. Pois o contrário poderá irritá-lo pavorosamente. De concessão em concessão, chega-se ainda mais longe. É bem certo que há mal em tudo isto? Há neste assunto as capitulações implícitas. Proclama-se que não há mal no namoro, mas não se distingue entre o namoro feito em tempo oportuno e modos decentes com vistas ao casamento, e todos os outros estilos de namoro. Afirma-se que não há mal nas saias curtas, mas evita-se dizer o que se entende por "curta". Sustenta-se que não há mal em usar trajes de banho, mas evita-se lembrar que a imensa maioria dos trajes usados é má. Diz-se que, em si, dançar não é pecado, mas evita-se acrescentar que hoje em dia a maior parte das danças é perigosa. Verdades acacias que levam ao equívoco, tudo para não irritar o menino. E às vezes se vai mais longe ainda. À boca pequena, acaba-se confessando que a Igreja evoluirá... por-

que senão o menino é capaz de fazer coisas horríveis! Mas, bem entendido, o menino é muito bom. Quem representa o demônio não é ele, mas os retrógrados, os carrancudos, os reacionários, que têm a mania maldita da lógica, da coerência, das ideias claras, das posições nítidas. Estes, sim, é preciso ser inflexível, combativo, intransigente com eles, pois do contrário... o mundo se transformará num grande convento onde não caberá o menino... isto é, num verdadeiro inferno!

* * *

Elementos de apostolado, ensinados por Nosso Senhor Jesus Cristo: a) nunca silenciar a verdade; b) alternar semblantes de indulgência e de ameaça, conforme o momento oportuno; c) clareza na distinção entre bem e mal, verdade e erro; d) nunca transigir com o mal

O que nos ensina a este respeito Aquele que é por excelência a Luz brilhando nas trevas? Por Seu exemplo e por Suas palavras, Nosso Senhor nos ensina antes de tudo que é preciso nunca silenciar a verdade; que cumpra proclamá-la inteira, ainda que nossos ouvintes não nos aplaudam, ainda mesmo que nos queiram lapidar ou crucificar. É preciso anunciá-la com palavras de ameaça? É preciso anunciá-la com um semblante de indulgência e de bondade? Nosso Senhor fez uma e outra coisa, conforme o estado de alma daqueles a quem se dirigia, e o mesmo faremos nós. Nem havemos de renunciar às apóstrofes candentes e ao tom polêmico, nem às palavras de doçura e incitamento. E pediremos a Nosso Senhor que nos dê o discernimento dos espíritos necessário para fazer uma e outra coisa no momento oportuno. Santos houve que fizeram principalmente uma coisa, e Santos houve que fizeram principalmente outra. Não houve um só Santo que jamais fizesse prova de severidade, ou jamais fizesse prova de suavidade. Cada qual agiu segundo nele soprava o Espírito, e por isto uns e outros foram canonizados pela Igreja. Cada um de nós proceda segundo o espírito que tem, e não atire pedras no outro porque age de modo diferente.

Com uma ressalva porém, e esta muito importante. É que na aplicação dos princípios jamais se pode ceder. Sorrindo ou increpando, pouco importa, diga-se que o mal é mal e o bem é bem. Não se tenha a menor transigência para com o mal, nem a menor e mais velada de suas manifestações. E não se deixe de estimular, incentivar, pregar o bem em todos os seus aspectos, doa a quem doer.

Pois agir de outro modo não é trabalhar para propagar a luz, é velá-la, é querer extingui-la.

* * *

Toda razão de ser do homem: imitar aquele que é nosso ideal

Esta é a lição que nos deixou Aquele cujo nascimento neste mês celebramos genuflexos.

Saibamos imitá-lo até o fim do caminho, ainda que repudiados e vilipendiados por todos. Que mal haverá em que algum dia se ponha em nosso epitáfio "sui eum non receperunt" (Jo. 1, 11), se com isto imitamos Aquele cuja imitação é nosso único ideal, é toda a nossa razão de ser?

+
(IHS)

Apparuit benignitas et humanitas salvatoris nostri dei⁴

Plínio Corrêa de Oliveira

["Catolicismo" nº 60, Dezembro de 1955]

Natal: dia em que se abrem as portas da misericórdia divina

Quem poderá dizer quantas pessoas, neste Natal de 1955, se ajoelharão diante de um presépio? Quem poderá enumerar os homens de todas as raças, em todas as latitudes, que se acercarão do berço do Menino-Deus, a fim de Lhe implorar graças particularmente ricas e abundantes, nesse dia em que se abrem em toda a sua largueza as portas da misericórdia divina?

Também nós, diretores, colaboradores e leitores de CATOLICISMO nos preparamos para acercar-nos do santo presépio. Queremos meditar as lições que dele decorrem, robustecer nossas vontades nas graças que dele promanam, alentar nossos corações na alegria de que é Ele fonte imperecível.

No presépio: a representação dos dois extremos da escala humana dos valores – Reis Magos (sabedoria): a mais alta expressão da capacidade intelectual – Os pastores: expressão da ignorância

Quis a Providência que o Menino Jesus recebesse a visita de três sábios - que segundo uma venerável tradição eram também Reis - e alguns pastores. Precisamente os dois extremos da escala humana dos valores. Pois o Rei está de direito no ápice do prestígio social, da autoridade política e do poder econômico. O sábio é a mais alta expressão da capacidade intelectual. O pastor se encontra, na escala dos valores, em matéria de prestígio, de poder e de ciência, no grau mínimo, no rés do chão. Ora, a graça divina, que chamou ao presépio os Reis Magos, do fundo de seus longínquos países, chamou também os pastores, do fundo de sua ignorância.

A graça nada faz de errado ou incompleto. Se ela os chamou, e lhes mostrou como ir, há de lhes ter ensinado também como apresentar-se ante o Filho de Deus. E como se apresentaram eles? Bem caracteristicamente como eram. Os pastores lá foram levando seu gado, sem passar antes por Belém para uma "toilette" que disfarçasse sua condição humilde. Os Magos se apresentaram com seus tesouros, ouro, incenso e mirra, sem procurar ocultar sua grandeza a fim de não destoar do ambiente supremamente humilde em que se encontrava o Divino Infante.

⁴ "Apareceu a benignidade e o amor de Deus, nosso Salvador". (Tit. 3, 4)

A piedade cristã, expressa numa iconografia abundantíssima, entendeu durante séculos, e ainda entende, que os Reis Magos se dirigiram para a gruta com todas as suas insígnias. Quer isto dizer que ao pé do presépio cada qual se deve apresentar tal qual é, sem disfarces nem atenuações. Pois há lugar para todos, grandes e pequenos, fortes e fracos, sábios e ignorantes. É questão, apenas, para cada qual, de conhecer-se, para saber onde se pôr junto de Jesus.

* * *

Ordens e Congregações religiosas: imitação do papel dos nove Coros angélicos – A Contra-Revolução: representar, mais nitidamente, e lutar por certas perfeições da infinita riqueza de Deus

Ora, o que é Catolicismo? Qual seu lugar na Casa de Deus? Respondendo a esta pergunta, teremos encontrado nosso próprio lugar junto a Jesus.

Sabemos que, no Céu, os Anjos, distribuídos nos nove Coros, contemplam diretamente a essência divina, em cuja riqueza infinita cada qual vê mais nitidamente certas perfeições.

Na Igreja, dá-se um fato análogo.

As Ordens e Congregações Religiosas têm, em geral, seu espírito próprio, seu feitio, sua escola de santificação. E por isto cada qual contempla e imita mais especialmente certas perfeições do Divino Redentor.

Repercussão no laicato e na vida espiritual dos fiéis: admirável variedade de obras apostólicas

Este fato tem sua repercussão na vida espiritual dos fiéis. Percorrido pelas mais variadas e fecundas correntes de espiritualidade, nascidas de Ordens Religiosas, ou de Santos dos mais variados estados, distribui-se o laicato em grandes famílias espirituais, de contornos mais precisos, ou menos, cuja vitalidade se identifica com a própria vitalidade religiosa de um povo. Congregados Marianos, Filhas de Maria, Acistas, Terceiros carmelitas, franciscanos, dominicanos, norbertinos, servitas, Oblatos beneditinos, Cooperadores salesianos e tantos outros representam apenas os pontos de cristalização mais visível dessas diversas correntes.

De fato, o espírito de Santo Inácio, como o de S. Domingos, S. Bento, S. Francisco, S. João Bosco e dos demais Santos, sopra ainda muito mais largamente em toda a Cristandade, dotando-a de uma diversidade maravilhosamente harmoniosa.

Os fatos espirituais, por sua vez, geram consequências no terreno do apostolado. E assim vemos na Igreja militante uma admirável variedade de

obras apostólicas que agem cada qual com meios peculiares, falam aos homens uma linguagem própria, e se articulam explícita ou tacitamente com as demais, para a realização do Reinado de Jesus Cristo sobre a terra.

Era necessário que assim fosse. Pois os homens, Deus os cria muito diversos entre si, com necessidades, aspirações e vias muito pessoais. As verdades que mais tocam a uns não são sempre as que mais facilmente movem ou esclarecem os outros.

Assim, apropriando-nos de uma formosa imagem utilizada em um de seus brilhantes discursos pelo Exmo. Revmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Antonio de Castro Mayer, poderíamos comparar o conjunto das obras católicas de um país a um imenso carrilhão, em que cada sino emite um som próprio, seja ele grave, solene, possante, seja cristalino, álaçre, juvenil. Do fato de tocarem todos, resulta a harmonia do conjunto.

No imenso carrilhão das obras de apostolado do Brasil, qual o papel de Catolicismo?

* * *

Papel da Revista Catolicismo: apresentação da boa doutrina católica

Infelizmente, a publicação de nossos anuários católicos está um pouco atrasada. Não possuímos o de 1954. Dá gosto folhear os mais recentes, pois não há quem não se maravilhe considerando todo o esforço coletivo, se destina à salvação [...], no recrutamento das vocações, na formação dos seminaristas e noviços, no ensino catequético, na instrução primária, secundária, profissional, normal e superior da mocidade que continua no século, na organização de editoras, na propagação de folhas católicas de todos os feitios e de todos os tamanhos, desde os grandes diários até os mais humildes boletins, e no apostolado do rádio em todas as amplitudes, desde as mais apagadas emissoras locais, até as mais possantes. Ademais, é impossível a um espírito apostólico não estremecer de júbilo, na consideração de tudo quanto, nesse imenso esforço coletivo se destina à salvação e ao alívio dos silvícolas, dos doentes, dos pobres, dos órfãos e dos encarcerados. Por fim, e sem pretender incluir nessa sumaríssima enumeração todas as formas de apostolado tão variadas, que se realizam em nosso país, lembremos tudo quanto se faz para a formação e conquista do laicato nas inúmeras associações de fiéis, e para a solução da questão social em todos os seus aspectos. No seu conjunto, estamos em presença de uma imensa obra de sementeira, que estende sua ação benfazeja a todo o território nacional.

Qual, nesse gigantesco esforço de construção, nossa parcela de colaboração?

Ajoelhados aos pés do Menino Jesus, na visita de Natal, todos Lhe oferecerão seus presentes: educadores, missionários, oradores, dirigentes de obras, terão frutos positivos a Lhe oferecer.

Enquanto tantos se Lhe apresentarão com as mãos cheias de ouro e incenso, o que Lhe daremos nós?

Uma coleção de jornais. Nesta coleção, o que há? Se cada palavra contendo boa doutrina, por mais modesta que seja, tem aos olhos da misericórdia divina o valor do ouro, e Lhe é agradável como incenso, por certo há muitos grãos de incenso e ouro em nossas paginas. Mas também há muita mirra. Do que, aliás, sentimos alegria, já que o Evangelho conta que os Reis Magos levaram ao presépio não só ouro e incenso, mas também mirra.

* * *

Os diversos tipos de verdades – Primeiro tipo: a mirra – a) beleza discreta, austera e forte; b) disciplina e sobriedade

Há verdades que aos homens impressionam como o ouro. Há outras que lhes são suaves e perfumadas como o incenso.

Quanto à mirra, é mais modesta. A raiz etimológica dessa palavra se relaciona com o vocábulo "mur", que em árabe quer dizer "amargo". Os especialistas descrevem a mirra como uma resina gomosa, em forma de lágrima, dotada de gosto amargo, aromática, vermelha, semitransparente, frágil e brilhante. Seu odor é agradável, mas um pouco penetrante. Como se vê, tem ela a beleza discreta, austera, forte, do sangue. E seu perfume é o da disciplina e da sobriedade.

c) a mira, no campo ideológico: princípio de contradição (quintessência da lógica, da coerência e da objetividade)

Diríamos que no campo ideológico a grande verdade representada pela mirra é o princípio de contradição, pelo qual o sim é sim e o não é não.

Todas as outras são ouro e incenso, mas só valem se apreciadas num ambiente perfumado pela mirra. E é desta mirra que larga, muito, muito largamente necessita o Brasil.

Não se confunda o princípio de contradição, que é quinta-essência da lógica, da coerência, da objetividade, com o espírito de contradição. Este é um vício que resulta do prazer jactancioso de contrariar o próximo: é volúvel, e faz do sim, não e do não sim, conforme convenha à posição arbitrariamente tomada de momento.

Uma característica do povo brasileiro: possuir o defeito de suas qualidades
– Devido à propensão à bondade, tornar-se infenso a tudo quanto é mau –
Exemplificações históricas

Somos um povo que tem o defeito de suas qualidades. Propensos habitualmente a tudo que é bom, infelizmente não somos ao mesmo tempo infensos a tudo quanto é mau.

Em geral, os outros povos, quando amam uma verdade, odeiam o erro que lhe é contrário. E reciprocamente, quando amam o erro detestam a verdade que a ele se contrapõe. Em última análise, é pelo jogo desse princípio que se explicam as grandes fidelidades, como as grandes apostasias. Na psicologia do brasileiro, o ódio explícito e declarado à verdade e ao bem é raro. Neste sentido somos um dos melhores povos da terra. Mas quando se trata, para nós, de deduzir do amor à verdade e ao bem uma atitude militante contra o erro e o mal, o caso é outro. E no fundo isto se dá porque o princípio de contradição é antipático à pacateza brasileira. Uma expressão muito conhecida exprime em linguagem popular o princípio de contradição: "pão, pão; queijo, queijo". Mas em inúmeros casos confundimos pão com queijo.

Esta tendência de espírito se reflete em muitos aspectos da nossa mentalidade. O Brasil é uma República. Entretanto, em nenhum lugar o monarca destronado e a monarquia deixaram mais saudades. Separamo-nos de Portugal numa atmosfera borrascosa. Entretanto, no tratado em que a antiga Metrópole reconhecia nossa independência asseguramos a D. João VI até o fim de seus dias o título de Imperador do Brasil. O quadro corrente, e por assim dizer oficial do Marechal Deodoro, proclamador da República, apresenta-o com o peito constelado com as insígnias do Império que derrubou. Expulsamos em 1930 o Presidente Washington Luiz. Restaurado o regime constitucional regressou ele ao Brasil num ambiente de respeito e de simpatia tão gerais, que com exceção de D. Pedro II nenhum homem público reuniu em torno de si unanimidade maior. Porque então foi destituído? Dessas pitorescas contradições, poder-se-ia fazer uma longa lista. E o assunto Getúlio Vargas - ainda quente demais para ser abordado num artigo desta índole - forneceria a este respeito farta documentação.

* * *

Bonomia (não combatividade) em relação ao erro e ao mal: a) um defeito moral; b) tendência psicológica contrária à Lei de Deus

Talvez, à vista destas reflexões, algum leitor sorria, como quem está em presença de um amável defeito. Pois não deixa de ter algo de simpático e tranquilizador um tal cúmulo de bonomia.

Mas estudemos este assunto no terreno da moral. Trata-se de analisar esta tendência psicológica, para ver se é conforme à Lei de Deus. E não é com meros sorrisos, mas com muita seriedade que se resolvem os problemas morais.

Aquele que veio ao mundo para pregar as Bem-aventuranças, nos deixou por preceito que fossemos fiéis ao princípio de contradição: "seja vossa linguagem sim, sim; não, não" (Mt. 5, 37). E se tal deve ser nossa linguagem, tal deve ser nosso pensamento. Em matéria de moral, mais do que em qualquer outra, todo excesso é um mal, ainda que seja de qualidades tão simpáticas quanto a bonomia, e a suavidade de trato. E um mal que conforme o caso pode tornar-se muito grave.

Exemplifiquemos.

Consequências nefastas: a) amortecimento do princípio de contradição; b) surgimento de católicos "não praticantes"; c) aceitação de modas imorais

No terreno religioso, não é bem verdade que o amortecimento do princípio de contradição nos conduz com muita frequência a atitudes lamentáveis? Quantos são os católicos que se julgam no direito de discordar da Igreja em algum ou em muitos pontos? Com isto, embora se ufanem de católicos, pecam contra a fé. Porque? Simplesmente porque imaginam possível um "tertium genus" entre ser católico e não ser. O mesmo se diga da naturalidade com que se admite entre nós uma categoria de católicos "não praticantes"! Claro que os há no mundo inteiro. Mas parece-nos que em nenhum país eles têm tão pouca consciência do que seu estado apresenta de cacofônico, de antitético, em uma palavra, de contraditório.

Por fim, mais um exemplo. Quantas famílias temos, modelarmente constituídas! Porque progridem tanto as modas imorais? É que essas famílias, que prezam tanto a virtude, são por vezes pouco enérgicas no combate ao vício. Em todos estes casos o que nos falta? Viveza no princípio de contradição lapidarmente definido por Nosso Senhor, quando mostrou a incompatibilidade entre o "sim" e o "não".

Consequências maléficas, no campo político, da carência do princípio de contradição: a) atonia em matéria ideológica; b) predomínio das questões pessoais; c) anemia da vida partidária

Este artigo se vai alongando. Não resisto entretanto ao desejo de indicar outro exemplo. Todos se queixam da anemia de nossa vida partidária, de nossa atonia em matéria de ideologia política, e do predomínio das questões pessoais em nossa vida pública.

Uma das causas deste fato está na carência do princípio de contradição. Pois se em face de uma ideia que temos por certa não nos arregimentamos para a defender resolutamente contra as que lhe são opostas, como pode haver partidos de verdadeiro conteúdo ideológico?

Outro defeito do brasileiro (grave consequência do amortecimento do princípio de contradição): a mania das posições intermediárias (servidão às soluções intermediárias)

O amortecimento do princípio de contradição gera o gosto, a mania das soluções intermediárias, eu quase diria a servidão às soluções intermediárias. Dados dois caminhos, escolher sempre o do meio, o que não é carne nem peixe: é no que se cifra para muita gente toda a sabedoria. Ora, se rejeitar por princípio as soluções intermediárias é um erro, erro também é adotá-las por princípio. Pois há casos em que a Sabedoria as condena formalmente: "Oxalá fosses frio ou quente; mas, como és morno, nem frio nem quente, começarei a vomitar-te de minha boca" (Apoc. 3,15).

As soluções intermediárias: a) posição ideal para todos os velhacos – b) tática de maquiagem do erro para torná-lo aceito pelos ingênuos

A pessoa viciada nas soluções intermediárias é a vítima ideal de todos os velhacos. Pois a habilidade do velhaco consiste precisamente em fazer com que o ingênuo aceite, com algum disfarce, aquilo que, a nu e sem maquiagem, ele repudiaria.

c) Tática adotada pelas heresias: pelagianismo-->semi-pelagianismo; arianismo --> semi-arianismo; comunismo --> socialismo "mitigado"

Os hereges são useiros e vezeiros em velhacarias desta natureza. Rejeitado o pelagianismo, obtiveram eles a adesão de inúmeros ingênuos por meio do semi-pelagianismo. Condenado o arianismo, puseram eles em circulação o semi-arianismo. Fulminado o protestantismo, inventaram o baianismo e o jansenismo. Condenados o comunismo e o socialismo fabricam um "socialismo mitigado", que em última análise não é senão comunismo velado. E assim por diante.

A tática da 5ª coluna (falsa direita): forma mais hábil de solapar os meios católicos

Que essa tática é particularmente desenvolvida em nosso tempo, nada mais notório. Estamos no século da 5ª coluna. E que uma das formas mais hábeis de solapar os meios católicos é esta, as mais altas Autoridades Eclesiásticas de nossos dias já o disseram. Disse-o Sua Eminência o Cardeal Salviège, Arcebispo de Toulouse, quando afirmou em declaração mundialmente famosa, que tudo se passa como se houvesse uma ação articulada para "preparar no seio do Catolicismo um movimento de acolhida ao comunismo" (cf. CATOLICISMO, nº 37, de janeiro de 1954, pág. 8).

Amortecimento do princípio de contradição: o defeito mais perigoso para a grandeza do Brasil

E assim nada mais perigoso para o Brasil, nesta hora, do que o amortecimento do princípio de contradição.

E nada mais necessário do que trabalhar para que, em nosso país, este princípio tome mais força, mais cor, mais eficiência em toda a vida mental.

* * *

Súplica ao Menino Jesus pela grandeza do Brasil e por sua missão histórica

Não sei se um leitor não brasileiro compreenderá bem toda esta problemática. Duvido bastante. Mas para um brasileiro isto é bem mais inteligível.

E é inteligível sobretudo para Vós, Senhor Jesus, que, deitado num berço rústico, sondais entretanto até o fundo as almas e os corações.

Para Vós que, sendo a Sabedoria incriada, e tendo nascido d'Aquela que é a Sede da Sabedoria, conheceis totalmente a índole de cada povo, a todos amais, a todos quereis santificar.

Para Vós que desde toda a eternidade tão particularmente amastes o povo brasileiro, e o predestinastes a uma grandeza que encherá a história de amanhã.

A revista Catolicismo: uma obra de mirra, destinada ao católicos militantes e praticantes

Nossa obra é principalmente de mirra. Jornal feito para católicos militantes e praticantes, queremos que eles Vos amem sem mescla de qualquer outro amor. Que só sirvam a um Senhor. Que sejam cada qual em seu coração uma cidade sem divisão, contra a qual nada pode o Inimigo. Que não olhem para trás, ao empunhar o arado, e que no afã de semear não se esqueçam de arrancar a erva daninha.

Os católicos militantes e praticantes: “sal da terra e luz do mundo”

De certo modo, os católicos militantes e praticantes são, também eles, sal da terra e luz do mundo. Em parte depende da cooperação deles que o mundo não se corrompa, nem caia nas trevas. Queremos que eles sejam um sal muito e muito salgado, uma luz posta no mais alto da montanha, e muito brilhante. Neste sentido, Senhor, é nossa cooperação. Este o presente de Natal que acumulamos durante o ano inteiro, para Vos oferecer. Outros Vos darão o incenso de suas inúmeras obras, capazes de um bem inapreciável. Nós nos inserimos nessa grande obra queimando em abundância, no solo bem amado do Brasil, a mirra austera mas odorífera do "sim, sim; não, não".

No apostolado: a) encanto do ouro e do incenso; b) na mirra (suor, sangue e lágrimas): o melhor da alegria e da beleza da ação apostólica

Que Maria Santíssima aceite essa mirra em suas mãos indizivelmente santas e Vo-las ofereça.

Ela terá para Vós então o encanto do ouro, e do incenso. Com alguma coisa a mais: e isto lhe virá do suor, do sangue de alma, e das lágrimas de um apostolado que tem suas horas muito amargas...

Mas, na Cruz está a luz.

E neste amargor, o melhor da alegria e da beleza de nosso apostolado.

+
(IHS)

Hodie in Terra Canunt Angeli, Laetantur Archangeli, Hodie exsultant Justi⁵

Plínio Corrêa de Oliveira
["Catolicismo" n° 84, Dezembro de 1957]

Natal: uma das datas mais relevantes do ano

Na Liturgia, a festa do Natal ocupa certamente um lugar considerável. Não, porém, dos de primeira grandeza. Páscoa e Pentecostes, por exemplo, têm rito duplex de 1ª classe, com oitava privilegiada de 1ª ordem; ao passo que o Natal é uma festa duplex de 1ª classe, com oitava privilegiada de 3ª ordem.

Entretanto, a piedade dos fiéis dela faz uma das datas mais relevantes do ano. E isto por várias razões.

* * *

Primeira razão de relevância: o Verbo de Deus preferir ser homem descendente de Adão – Nobilitação infável da natureza humana e ponto de partida para outros dons insondáveis

O nascimento do Salvador constituiu, em si mesmo, uma honra de infinito valor para o gênero humano.

Poderia o Verbo de Deus unir hipostaticamente a Si algum dos Anjos mais santos e rútilos das alturas celestes. Pelo contrário, preferiu ser homem, fazer-se carne, pertencer por sua humanidade à descendência de Adão. Dom absolutamente gratuito, nobilitação, para nós, de um valor infável, ponto de partida histórico, para nós, de outros dons, também eles insondáveis.

* * *

Segunda razão de relevância do Natal: a) suspensão da herança do pecado original (Nossa Senhora); b) realização da esperança dos justos da Antiga Lei

Assim, na previsão de que o Verbo se encarnaria, já a Providência criara um ser que continha em si perfeições maiores que as de todo o universo reunido, e para ele suspendera a sucessão hereditária do pecado original. Dos méritos previstos da Redenção, se alimentara a virtude de todos os justos da antiga lei. Mas essa multidão de eleitos estava sentada "às portas da

⁵ "Hoje na terra cantam os Anjos, rejubilam os Arcanjos, hoje exultam os justos" - Antífona das segundas vésperas do Natal

morte" (Sl. 106, 18), à espera de que se imolasse por todos nós o Cordeiro de Deus.

* * *

Outra razão de relevância do Natal: a) restauração do curso da História, encalhado num lodaçal de corrupção; b) recuperação da riqueza e da força dos homens, para construir um mundo digno de sua natureza

E não era só a multidão dos eleitos que esperavam parados. Por assim dizer, parada numa muda expectativa estava toda a história.

No momento em que Jesus Cristo nasceu, o mundo conhecido vivia num período de epílogo. Florescera o Egito e, chegado a uma certa culminância, ruíra. O mesmo se podia dizer dos outros povos, caldeus, persas, fenícios, citas, gregos e tantos mais. Por fim, os romanos estavam também a ponto de entrar no longo ocaso que, com períodos de decadência rápida, de estagnação mais ou menos prolongada, de efêmera reação, conduziu de Augusto a seu remoto sucessor e seu miserável homônimo, Rômulo Augusto.

Todos estes impérios tinham subido suficientemente alto para atestar a profundidade e a variedade dos talentos e capacidades dos respectivos povos. Mas o nível mais ou menos igual a que todos se haviam alçado não estava à altura das aspirações das almas verdadeiramente nobres. Dir-se-ia que essas magníficas civilizações haviam deixado patente, não tanto o que tinham, mas o que lhes faltava, e a incurável incapacidade do talento, da riqueza e da força dos homens, para construir um mundo digno deles.

* * *

Tudo isto constituía na Ásia, como na África ou na Europa, uma atmosfera irrespirável, que acrescia o tormento dos escravos em sua vida já tão miserável, e minava secretamente os lazeres e os deleites dos ricos. Opressão imponderável mas onipresente, impalpável mas evidente, indescritível mas muito definida.

O curso da história encalhara num lodaçal de corrupção, cheio dos escombros do passado, no qual só as formas doentias de vida ainda se patenteavam.

Aspectos do lodaçal de corrupção do mundo, por ocasião do Natal: a) no campo político: alternância entre anarquia e arruação ou despotismo militar

Assim, no terreno político, um fim de luta entre duas expressões de demagogia: anárquica e arruaceira, ou militar e despótica. No terreno cultural, o cepticismo religioso, a devorar as idolatrias antigas. No terreno internacional, as várias pátrias acabando de se deteriorar no recipiente do Impé-

rio, para constituir esse moloch cosmopolita anorgânico em que Roma se transformou.

b) No campo moral: depravação dos costumes

No terreno moral, a depravação dos costumes dominando a existência cotidiana.

c) No terreno social: o ouro arvorado em valor supremo

No terreno social, o ouro arvorado em valor supremo.

Para os bem-instalados, as coisas corriam aprazivelmente, na aparência. Mas em épocas tais, os bem-instalados são habitualmente a vasa moral e intelectual do país. E padecem, exatamente os melhores, os mil tormentos das situações imerecidas e inadequadas.

* * *

d) No povo eleito: realeza vã, sacerdócio “ralé da Sinagoga”, desprezo da casa real de David, marginalização dos justos

Haja vista o quadro do povo eleito, no momento em que o Verbo se encarnou. Herodes cingira o diadema de Rei. De fato era, porém, um celebrado, dos piores do reino, medíocre, cívico, cruel, consciente instrumento do opressor para iludir os judeus com as aparências de uma realeza vã. Os sacerdotes eram, no que diz respeito ao espírito de fé, à sinceridade e ao desprendimento, a ralé da Sinagoga. A casa real de David vivia desprezada e na maior obscuridade. Os justos eram os "marginais" dessa ordem de coisas tão fundamentalmente má que acabou por excluir de si e reatar o Justo.

Então, o que mais? Era o fim...

Natal (cântico de surpresa e de esperança): anúncio da hora da Encarnação, promessa implícita da Redenção, começo de uma nova era

Pois foi nas trevas deste fim que, quando menos se pensava, e onde menos se esperava, uma luz muito pura se acendeu. Nesta luz havia o anúncio da hora da Encarnação, a promessa implícita da Redenção tão esperada, e da nova era que começou para o mundo com o incêndio de Pentecostes.

É o esplendor desta luz inaugurando nas trevas uma aurora que triunfalmente se transformou em dia, é o cântico de surpresa e esperança diante dessa renovação sobrenatural, o anelo e o antegosto de uma ordem nova baseada na fé e na virtude, que os fiéis de todos os séculos se comprazem em considerar, quando seus olhos se detêm no Menino-Deus, deitado na manjedoura, a sorrir enternecido para a Virgem-Mãe e seu castíssimo Esposo.

Situação do mundo contemporâneo (Revolução): frisante analogia com a situação do tempo do primeiro Natal

Também hoje, uma imensa opressão pesa sobre nós. É inútil tentar disfarçar a gravidade da hora, pondo em ação as castanholas e os pandeiros de um otimismo já agora sem repercussão. Com a única diferença de que temos em nossos dias a Santa Igreja, a situação do mundo é terrivelmente parecida com a do tempo em que ocorreu o primeiro Natal.

1º aspecto - Comunismo: epílogo da decadência religiosa e moral iniciada no século XVI

Também entre nós, o comunismo marca um fim. É o epílogo da decadência religiosa e moral iniciada com o protestantismo no século XVI. Nesse epílogo se esvai o mundo burguês, cada vez mais intoxicado de sincretismo, socialismo e sensualidade. E, como se isto não bastasse, a Rússia acelera este processo de decadência, difundindo seus erros em todos os países.

Temos entre nos a Igreja, é verdade. Mas essa augusta e sobrenatural presença não salva senão na medida em que os homens lhe aceitam a influência. Se a repelem, estão por alguns aspectos mais expostos ao castigo do que os próprios pagãos. Os judeus tiveram entre eles o Homem-Deus. Rejeitaram-no e foram punidos por uma ruína mais terrível e muito mais próxima que a dos romanos.

2º aspecto – Situação da Igreja: “relâmpagos” que se desprendem, sempre mais frequentes, da auto demolição

Ora, qual é a situação da Igreja em nossos dias? Temos vontade de sorrir, e mais ainda de chorar, quando alguém nos diz pura e simplesmente que é boa.

É claro que, por alguns lados, essa situação pode ser dita boa. Mais ou menos como se poderia dizer no Domingo de Ramos que era grande o entusiasmo dos judeus para com Nosso Senhor.

Mas dizer que a situação da Igreja é boa hoje em dia, no conjunto de seus aspectos, e tomados na devida conta os fatores positivos e negativos, há nisto uma afronta à verdade.

Com efeito, só é boa para a Igreja a situação em que a cultura, as leis, as instituições, a vida doméstica e cotidiana dos particulares são conformes à Lei de Deus. Que tal não se dá hoje, nada é mais notório. Então, por que tapar o sol com uma peneira?

Que os bem-instalados possam desejar a duração desta lenta agonia, é compreensível. Também os micróbios, se pudessem pensar, prefeririam

matar lentamente sua vítima, pois a agonia desta é a opulência deles e a morte dela será morte para eles também. Indivíduos que em geral não têm mérito para estar onde os ventos do caos os levaram, têm todas as razões para desejar que não volte a ordem: pois neste caso voltariam ao pó.

Mas eles próprios não podem escapar ao mal-estar profundo do momento que passa, e não podem deixar de estremecer com os relâmpagos que se desprendem, sempre mais frequentes, da atmosfera saturada.

3º aspecto – A voz de Fátima: claridades que prolongam e reafirmam as luzes da primeira noite de Natal

No alto, porém, dessa montanha sagrada que é a Igreja, coroada pelo diadema régio com que lhe cingiu a fronte o Legado - tão querido dos brasileiros - que a piedade do imortal Pio XII para este ato constituiu, ergue-se a imagem maternal e melancólica de Nossa Senhora de Fátima.

E de lá partem para o mundo oprimido as claridades de esperança que lhe veio trazer a Rainha do Universo, claridades que suscitam entre nós esperanças análogas às que a Boa Nova despertou na humanidade antiga.

Análogas é dizer pouco. São claridades que brotam da Igreja, e, pois, de Jesus Cristo. Claridades que simplesmente prolongam e reafirmam as da primeira noite de Natal.

"Por fim meu Imaculado Coração triunfará": promessa e cântico da vitória da Contra-Revolução

"Por fim meu Imaculado Coração triunfará", disse a Virgem em sua terceira aparição na Cova da Iria.

Oh neopaganismo, mil vezes pior que o paganismo antigo, teus dias estão contados. Cairá o poderio soviético, e ruirá também a influência da Revolução no Ocidente. Nossa Senhora o disse. E diante d'Ela são impotentes todos os grandes da terra e todos os príncipes das trevas.

O Triunfo do Imaculado Coração de Maria, o que pode ser, senão o Reinado da Santíssima Virgem, previsto por São Luis Maria Grignon de Montfort? E esse Reinado, o que pode ser, senão aquela era de virtude em que a humanidade, reconciliada com Deus, no regaço da Igreja, viverá na terra segundo a Lei, preparando-se para as glórias do Céu?

Neste conturbado ano de 1957, não pensemos em "sputniks" nem em bombas de hidrogênio, na noite de Natal, senão para confirmar nossa convicção de que Jesus Cristo venceu para todo o sempre o demônio, o mundo e a carne, e prepara dias da mais alta glória para sua Mãe Imaculada, que resplandecerão depois de Provas terríveis.

+

(IHS)

Admirável progresso: substituição equívoca de valores

Plínio Corrêa de Oliveira

["Catolicismo" n° 89 - Maio de 1958]

"Examinai, por exemplo, a substituição equívoca de valores realizada pelo progresso admirável da velocidade mecânica. Fascinado por ela e transpondo as vantagens da rapidez do movimento a coisas que não esperam sua perfeição como consequência de mudanças rápidas, mas, pelo contrário, adquirem a fecundidade na estabilidade e fidelidade às tradições, o homem 'das velocidades doidas' tende a se tornar na vida como que um caniço agitado pelo vento, estéril em obras duradouras e incapaz de se sustentar a si mesmo e aos outros". Pio XII

A monumental Mensagem de Natal do Santo Padre Pio XII⁶ merece um estudo aprofundado, da parte de todo o orbe católico. É para servir de subsídio a tal estudo que queremos consagrar ao documento pontifício alguns comentários.

Salvo nos círculos especializados, em que se segue com interesse a marcha cambaleante da filosofia dita moderna, os progressos da técnica estão provocando impressões simultâneas e díspares, em que coexistem um entusiasmo vivaz e cândido que toca as raias da adoração, e uma certa desilusão ainda incipiente, se bem que já veemente. Essas impressões, entretanto, não são ainda tais, que estejam a se transformar em atitudes filosóficas definidas. É bem este o momento para esclarecê-las com as luzes da fé e do bom senso, de maneira a evitar futuros desastres. E para pessoas nesse estado de espírito, o documento pontifício é rico em "aperçus" do maior valor.

O fato fundamental: a ideia de que a ciência é nociva, o progresso conduz ao desastre e o universo é mal construído

O Sumo Pontífice tem em mente, em sua Mensagem, um fenômeno cultural que é particularmente agudo na Europa e nos Estados Unidos.

De um lado, os erros da filosofia desgarrada da Fé vêm conduzindo sistematicamente certas escolas a um pessimismo total em relação à existência e ao universo.

De outro lado, as condições da vida hodierna criam em muitas almas uma profunda receptividade a essa tendência filosófica. O gosto do absurdo

⁶ Publicada nas edições n. 87 e 88, de março e abril de 1958,

em certos ambientes "blasés"; a sensação, em outros círculos, de que a técnica vai tornando cada vez mais penosa, e até insuportável, a existência quotidiana, as recordações ainda vivas das tragédias da segunda guerra mundial, e por fim as perspectivas de uma hecatombe cósmica produzida pela técnica na eventual terceira guerra, geram em certos espíritos a ideia de que o progresso tem por consequência forçosa uma catástrofe, a ciência é nociva e, em última análise, o universo é mal construído. Pois, se até o próprio progresso conduz ao desastre, é porque não há ordem no cosmos.

Acrescente-se a esse quadro a visão de uma indiscutível decadência moral e intelectual das massas, uma baixa de tom em todos os campos, tanto mais acentuada quanto mais progride a técnica, e será fácil compreender como os espíritos desiludidos estão propensos a receber as elucubrações apresentadas com algum vigor literário por Sartre, mero divulgador de Kierkegaard, pensador mais profundo, mas que em uma época menos preparada teve fama muito menos geral.

Perante esse estado de espírito de largos setores da opinião ocidental, e das doutrinas filosóficas em que eles procuram escudar-se, Pio XII reafirma o princípio de que o universo é uno e bem construído, obra que é de um Deus infinitamente sábio, bom e poderoso. Em seguida, mostra o papel de Nosso Senhor Jesus Cristo na ordem universal, e por fim aponta o papel da Fé e da moral na direção de um progresso que não pode ser nocivo senão quando se desvia do ensinamento da Igreja.

Procuremos fazer uma enumeração das diversas doutrinas ou estados de espírito contra os quais o Santo Padre alerta, direta ou indiretamente, os fiéis, em sua mencionada alocução.

Estados de espírito, danosos, estimulados pela Revolução: a “tecnolatria” (adoração ou embriaguez da técnica) em oposição ao “glória in excelsis Deo”

Em primeiro lugar, a "tecnolatria", isto é, uma tal admiração técnica e do progresso que pode levar a uma verdadeira apostasia: "Outros, contemplando o vasto desenvolvimento da ciência moderna, que estendeu o conhecimento, e o poder do homem até os espaços siderais, como que fascinados e cegos pelos resultados que obtiveram, não sabem admirar senão as ‘grandezas do homem’, e fecham voluntariamente os olhos às ‘grandezas de Deus’. Ignorando ou esquecendo que Deus está ainda mais alto do que os próprios céus e que seu trono repousa sobre o cume das estrelas (cfr. Job 22, 12), eles não percebem mais a verdade e o sentido do hino cantado pelos Anjos sobre a gruta onde se manifestou a suprema grandeza divina: ‘Gloria in excelsis Deo’; são pelo contrário tentados a substituí-lo por um

‘Gloria na terra ao homem’, ao homem que inventa e realiza tantas coisas, ao ‘homo faber’, como o chamam certos filósofos, porque revelou sua grandeza nas obras que aparentam sobrepujar toda medida humana”.

Como se vê, a sobrestimação da técnica pode afastar tanto de Deus quanto uma seita filosófica errada.

Claro está que muitas vezes essa adoração passa despercebida às próprias pessoas que a ela se entregam. Será o caso de incluir no exame de consciência, relativamente ao 1º Mandamento, esta pergunta: amei exageradamente a técnica?

Este entusiasmo pela técnica pode não chegar a tão flagrante excesso. Pode não constituir uma adoração, mas "uma espécie de embriaguez", como bem diz o Santo Padre. Neste caso produzirá naturalmente efeitos menos graves.

Efeitos produzidos pela “tecnolatria”: a) desinteresse pela Religião e pela moral; b) desprezo pela filosofia, pela literatura e pelas belas artes; c) substituição do 1º Mandamento pela embriaguez da técnica

Alguns destes efeitos podem ser:

- a) desinteresse pelos assuntos da Religião, e inapetência do que é espiritual, porque afastam o espírito do ambiente próprio à técnica;
- b) confiança na técnica para resolver todos os problemas do homem e da sociedade, relegadas a um plano secundário a Religião e a moral;
- c) desprezo das vantagens proporcionadas ao homem pela filosofia, pela literatura, pelas belas artes: só os frutos da técnica são indispensáveis, o mais é supérfluo;
- d) a glória verdadeira toca ao "homo faber", pois seu espírito se consolida varonilmente nas certezas que as ciências conducentes à técnica e a experiência conferem; sua vontade forte e audaciosa está em vias de conquistar o universo; o teólogo, o filósofo, o literato e o artista são espíritos fracos, que vivem nas penumbras das meias certezas, guiados pelo sentimento, fechados à realidade prática, e por isto incapazes de participar com energia na luta pela subjugação do universo.

Como se vê, essas consequências menos graves são no entanto gravíssimas.

A embriaguez da técnica poderia ser, ao lado da adoração da técnica, um ponto utilíssimo de exame de consciência quanto ao 1º Mandamento.

O combate à tecnolatria é formal desejo do Pontífice: "É chegado o momento de reconduzir a suas justas proporções a admiração do homem moderno por si mesmo".

Não se trata de recusar ao técnico o valor que em justiça lhe pertence. Mas é preciso reconhecer que, enquanto ele, escravo dessa "espécie de embriaguez que as conquistas da técnica suscitam", ficar só na técnica e recusar dobrar o joelho ante o mundo do espírito e, principalmente, ante a ordem sobrenatural, o técnico será irremediavelmente incompleto: "...os admiradores do 'homo faber' deveriam persuadir-se de que, ao se deterem com admiração e em atitude de adoração diante do presépio do Deus Menino, eles não retardariam sua marcha para o progresso, mas a coroariam com a perfeição do 'homo sapiens'".

"Candura" tecnolátrica: deslumbramento infantil perante resultados imediatos da técnica

Muitas pessoas, no Brasil, professam a ideia ingênua de que todo progresso técnico, pelo próprio fato de constituir um passo à frente em sua esfera peculiar, não produz nem pode produzir inconvenientes em outros campos.

Esta candura resulta de um deslumbramento infantil em face de certos resultados imediatos da técnica.

Assim, as grandes cidades, cujas ruas enxameiam, durante o dia, de automóveis esplêndidos, e cujos céus fulguram à noite com anúncios luminosos coruscantes; os arranha-céus parecidos com palácios de gigantes; a ostentação da riqueza, tudo enfim nos deslumbra. E, embora saibamos que há mil inconvenientes na construção das grandes cidades, continuamos obstinadamente a fazê-las. Porque? Candura invencível: é tão "bonito", tão "adiantado", tão "progressista", que não acreditamos seriamente que daí possam vir males profundos.

O Soberano Pontífice mostra-nos, pelo contrário, que a técnica, depois de um momento de deslumbramento, pode apresentar surpresas tão grandes que até angustiam certos espíritos: "Por isto, o Anjo que anunciou aos pastores as maravilhas do Natal começou por encorajá-los: 'Não temais, pois vos dou a nova de uma grande alegria para todo o povo' (Luc. 2, 12). Bem diferentes, ao contrário, os sentimentos que provoca a notícia das novas maravilhas da técnica. Uma vez passado o primeiro movimento de exultação, os homens de hoje, ante o desenvolvimento inesperado de seus conhecimentos e as conseqüências deles decorrentes, ante esta invasão inaudita no microcosmo e no macrocosmo, atormentados por uma certa ansiedade,

se perguntam se conservarão o domínio do mundo ou se cairão vítimas do seu próprio progresso".

A “tecnofobia pânica” (extremo oposto da “candura tecnolátrica”): a ideia de que todo progresso técnico é um atentado à ordem do universo – Aplicação da tática da Revolução em jogar com extremos contraditórios

Esta angústia, ela própria, pode levar e já levou até a um erro que fica no extremo oposto. É a ideia de que todo progresso técnico é em si mesmo um atentado contra a ordem do universo, estabelecida pela Providência.

Técnica e Providência seriam necessária, radical e inevitavelmente termos antitéticos. E a técnica seria o suicídio do homem: "As mudanças imprevisíveis a que conduzem os novos caminhos abertos pela ciência e técnica modernas são encaradas por alguns como qualquer coisa de desarmonioso, destinada a lançar a perturbação e a desordem na unidade feita de ordem e harmonia que é o próprio da razão humana; por outros, ao invés, são essas mudanças consideradas como motivos de séria apreensão pela própria sobrevivência de seus autores. O homem começa a temer o mundo que ele crê ter por fim entre as mãos. Teme-o mais do que nunca. E principalmente lá onde Deus não vive verdadeiramente nos espíritos e corações,..."

Egolaria técnica: a embriaguez da técnica leva o “homo faber” a admirar unicamente a si mesmo – Consequência lógica: desespero face ao sentimento da sua própria insignificância

Temos depois a egolaria técnica. Não é senão um aspecto da embriaguez da técnica. O "homo faber" "se admira unicamente a si mesmo". Hoje, "o genero humano é composto em grande parte de homens tais".

Em face da técnica, eles "começam a temer a si próprios", e por isto é que começam a sentir a tecnofobia pânica.

Justo castigo da apostasia tecnolátrica. Negando a Deus, o "gigante" técnico começa a sentir-se uma formiga.

A raiz deste sentimento de sua própria insignificância está no pecado original e suas consequências.

O universo: evidente e maravilhosa perfeição – O homem ordenado, perante o universo: arrebatamento pela sua harmonia e sua incomparável beleza

Há uma evidente e maravilhosa perfeição no universo: "Desde seu primeiro contato com o universo, o homem foi arrebatado por sua incomparável beleza e por sua harmonia. O céu resplandecente de luz ou constelado de estrelas, os oceanos de extensões imensas e matizes variegados, os

cumes inacessíveis das montanhas coroadas de neve, as verdes florestas regurgitantes de vida, a sucessão regular das estações, a variedade multiforme dos seres, arrancaram-lhe do peito um grito de admiração! Participante ele próprio dessa beleza, entreviu-a mesmo nos elementos desencadeados, como expressão do poderio do Criador: 'Potentior aestibus maris, potens in excelsis est Dominus' (Sl. 92, 4); 'Tonabit Deus in voce sua mirabiliter' (Job 37, 5). Com razão, um povo antigo de elevada civilização não encontrou palavra mais apta para designar o universo do que 'kosmos', isto é, ordem, harmonia, beleza".

No homem, em sua existência terrena: as imperfeições decorrentes do pecado original

Entretanto, em tudo quanto o homem faz, em sua existência terrena, e em seu próprio ser, há uma imperfeição que vem do pecado original e dos pecados que se lhe seguiram: "No entanto, cada vez que o homem se contemplou a si mesmo e comparou as próprias aspirações com suas obras, prorrompeu em gemidos de desalento em virtude das contradições, desarmonias e desordens numerosíssimas que dilaceravam sua vida. Como seu antepassado, o homem moderno se debate entre a admiração extática do mundo da natureza, explorado até seus recantos mais profundos e longínquos, e a amargura do desalento que lhe proporciona a existência caótica por que ele próprio é responsável. O contraste entre a harmonia da natureza e a desarmonia da vida, em lugar de se atenuar com o desenvolvimento da capacidade de conhecer e agir, parece, ao contrário, acompanhá-lo como sombra sinistra. No isolamento em que está envolvido, o homem moderno não cessa de repetir as lamentações do sofredor de Hus: "Eis que eu brado sob a opressão e ninguém me escuta; reclamo ajuda mas não há justiça" (Job 19, 7)".

Consequências da tecnofobia pânica: ateísmo ou gnose (julgamento errado das desarmonias do mundo) – Resultado: vida de orgia (divertimento com prazeres efêmeros arrebatados à própria desordem reinante)

As "almas abertas ao otimismo mais amplo e mesmo mais absurdo" são precisamente as vítimas mais frequentes da tecnofobia pânica.

Seu erro consiste em "estender a todo o cosmos e a suas leis fundamentais as incoerências inegáveis que o mundo apresenta e cuja responsabilidade faz-se recair sobre o próprio Criador".

Daí o fato de que, "em parte da humanidade atual, a vista das desarmonias do mundo conduz a um julgamento de condenação de toda a criação, como se a desarmonia devesse ser a marca necessária dela, sua inevi-

tável fatalidade, ante a qual não resta ao homem senão cruzar os braços e resignar-se..."

Como se sabe, a gnose admite a existência de dois deuses, um dos quais, precisamente o criador do universo, é mau. Se não se admitir um deus mau, que é realmente absurdo, cai-se no ateísmo.

E também numa vida de orgia, pois o que resta é "divertir-se com alguns prazeres efêmeros arrebatados à própria desordem reinante".

Transformação do mundo num oceano de crueldades e dores: resultado do progresso técnico unilateral e materialista

O progresso técnico é essencialmente material. A tecnolatria e a embriaguez da técnica conduzem, pois, à construção de um mundo "materializado", se assim se pode dizer.

De onde uma terrível decadência moral e cultural, e, em uma palavra, humana: "Como explicar tanta indiferença pelo direito de outrem à vida, tanto desprezo dos valores humanos, tanto rebaixamento no tom da verdadeira civilização, a não ser pelo fato de que o progresso material preponderante decompôs o todo harmonioso e feliz do homem, e como que lhe mutilou a sensibilidade a estas ideias e valores, aperfeiçoando-o unicamente numa determinada direção?"

Essa decadência transformou o mundo "num oceano de crueldades e dores que dilacera indivíduos e povos, e que acompanha direta ou indiretamente as realizações do progresso exterior".

“Robô de carne”: pessoa nascida e educada num clima de tecnicidade rigorosa

Nesse ambiente saturado de materialismo técnico gera-se um "robot" de carne, monstro verdadeiro: "A um homem nascido e educado num clima de tecnicidade rigorosa faltará necessariamente uma parte, e não a menos importante, de sua totalidade, como se ela se tivesse atrofiado sob a influência de condições hostis a seu desenvolvimento natural. Da mesma maneira que uma planta cultivada em terreno a que se subtraíram substâncias vitais manifesta uma ou outra qualidade, mas não reproduz o tipo inteiro e harmonioso, assim também a civilização 'progressista', queremos dizer unicamente materialista, banindo certos valores e elementos necessários à vida das famílias e dos povos, acaba por privar o homem da faculdade autêntica de pensar, de julgar e de agir".

Instabilidade e superficialidade (gosto das novidades): dois defeitos do homem moderno – A máxima extensão humana: requisito da faculdade de pensar, julgar e agir, bem como para captar o verdadeiro, o justo e o honesto

Quem não tem lamentado esses dois defeitos do homem moderno: a instabilidade e a superficialidade?

Pio XII, com visão genial, os relaciona com a idolatria ou a embriaguez da técnica: "Esta (a faculdade autêntica de pensar, de julgar e de agir), com efeito, para captar o verdadeiro, o justo, o honesto, para ser, numa palavra, 'humana', exige a máxima extensão, e isto em todos os sentidos.

O progresso técnico, pelo contrário, quando aprisiona o homem em seus elos, separando-o do resto do universo, especialmente do espiritual e da vida interior, conforma-o a suas próprias características, das quais as mais notáveis são a superficialidade e a instabilidade".

Entretanto, aponta Sua Santidade também para este mal uma causa essencialmente moral, isto é, o gosto das novidades. São numerosos hoje, e causam explicável apreensão, os homens que "se deixam seduzir tão fortemente pela atração das novidades que desprezam os outros valores autênticos, em particular os que sustentam a sociedade humana".

Na raiz última destes males, Pio XII aponta sempre, com sábia insistência, o pecado original, com seu triste cortejo de consequências: "O processo desta deformação não parecerá misterioso se se considerar a tendência do homem a aceitar o equívoco e o erro, quando estes lhe prometem uma vida mais fácil".

Gosto das velocidades doidas: transformação do homem num "caniço agitado ao vento", incapaz de se sustentar a si mesmo e aos outros – Verdadeiro progresso: consequência das perfeições resultantes da estabilidade e da fidelidade às tradições

Desta chaga vem uma propensão contínua para destruir as sábias e santas barreiras, que a tradição cristã conserva para refrear os desmandos do espírito e da carne.

Estas barreiras vêm sendo aluídas por um tufão inovador e revolucionário, uma verdadeira mania de novidades, cuja relação com a técnica o Pontífice aponta com esplêndida sagacidade: "Examinai, por exemplo, a substituição equívoca de valores realizada pelo progresso admirável da velocidade mecânica. Fascinado por ela e transpondo as vantagens da rapidez do movimento a coisas que não esperam sua perfeição como consequência de mudanças rápidas, mas, pelo contrário, adquirem a fecundidade na esta-

bilidade e fidelidade às tradições, o homem 'das velocidades doidas' tende a se tornar na vida como que um caniço agitado pelo vento, estéril em obras duradouras e incapaz de se sustentar a si mesmo e aos outros".

Cientificismo (ininteligência científica): predominância dos sentidos e diluição da inteligência, num triste crepúsculo

Esta errônea transposição do ambiente tecnicista para outras esferas acaba criando um cientificismo ininteligente, em que os sentidos têm um papel preponderante e a inteligência se dilui num triste crepúsculo: "Equívoco semelhante resulta do desenvolvimento, admirável em si, da eficácia dos sentidos, a que os prodigiosos instrumentos modernos de pesquisa dão o poder de ver, ouvir, medir o que existe, o que se move e se transforma, quase que nos últimos recantos do universo. Orgulhosos de um poder a tal ponto acrescido, e quase inteiramente absorvido pelo exercício dos sentidos, o homem 'que tudo vê' é levado, sem se dar conta, a reduzir a aplicação da faculdade plenamente espiritual de ler no interior das coisas, isto é, da inteligência, a tornar-se cada vez menos capaz de amadurecer as ideias verdadeiras de que se nutre a vida".

O "homem massa": "carneiro técnico" – tipo humano sem personalidade, acessório automático e cidadão anônimo do Estado socialista

Por fim cria-se um tipo humano sem personalidade, sem iniciativa, mero acessório escravizada à máquina, carneiro de uma docilidade automática e imbecil, cidadão ideal e anônimo do Estado igualitário e socialista: "Igualmente as aplicações múltiplas da energia material, admiravelmente aumentada, tendem dia a dia mais a encerrar a vida humana num sistema mecânico que faz tudo por si mesmo e a sua própria custa, diminuindo assim os estímulos que antes constrangiam o homem a desenvolver sua energia pessoal". Veremos, em outro artigo, como o Santo Padre aponta em Nosso Senhor Jesus Cristo o remédio para estes males, e no verdadeiro católico, vulnerado pelo pecado original mas confortado pela graça, o homem capaz de usar a técnica sem as horríveis aberrações com que dela se tem feito uso no século XIX e no século XX.

+
(IHS)

O verdadeiro progresso técnico: sábia atuação do homem na ordem universal

Plínio Corrêa de Oliveira
["Catolicismo" nº 91 - Julho de 1958]

Concluimos hoje o comentário do pensamento pontifício contido na Mensagem de Natal de 1957⁷.

Lembram-se por certo nossos leitores de que, ao expor seu luminoso ensinamento, Sua Santidade tem particularmente em vista aqueles que, aterrorizados ante a imensa catástrofe do tecnicismo moderno no plano individual como no coletivo, chegam a uma conclusão dramática: não há mais solução para os problemas humanos.

A Corte celeste: a mais alta expressão da ordem da criação – Desígnio da Providência: a humanidade completar de algum modo, com a obra de suas mãos, a excelência da criação

A ordem da criação, aqui manifestada na sua mais alta expressão, que é a Corte celeste, rege também o homem durante sua existência terrena.

E é desígnio da Providência que, agindo segundo essa ordem, a humanidade complete de algum modo, com a obra de suas mãos, a excelência da criação. Quando a técnica se deixa guiar inteiramente pela doutrina da Igreja, ela concorre para produzir o verdadeiro progresso, muito diverso do imenso caos a que nos conduziu o tecnicismo neopagão. No clichê, miniatura de Jean Fouquet, século XV

Ao refutar esse erro, Pio XII deixa bem claro que há nele uma importante parcela de verdade. Essa parcela está na crítica dos gravíssimos prejuízos que a adoração da técnica tem trazido ao mundo.

Consagramos à monumental análise destes prejuízos, feita pelo augusto Pontífice, os nossos comentários anteriores.

Hoje, queremos mostrar o que o Santo Padre aponta de errado na doutrina dos que, à vista da crise da técnica, a responsabilizam por todo o mal, se insurgem contra qualquer progresso, e acabam por sustentar que o universo constitui um caos, uma desordem sem coerência nem significação. O que importa em afirmar que não há Deus, ou que Deus não é bom. São "os que cedem – na expressão da Mensagem – aos assaltos do pessimismo total, não sabem ver no mundo outra coisa que não seja o oceano de crueldade

⁷ O primeiro artigo desta série foi publicado em nosso nº 89. A Mensagem de Natal foi reproduzida na íntegra nos nºs 87 e 88 da Revista Catolicismo.

des e dores que dilacera indivíduos e povos, e que acompanha direta ou indiretamente as realizações do progresso exterior".

As outras razões que parecem justificar este pessimismo são:

- 1) a mania das novidades, que leva ao menosprezo dos "valores autênticos... que sustentam a sociedade humana"⁸;
- 2) a barbarização interior, progressiva, do homem contemporâneo, concomitante a seu constante progresso material;
- 3) o progresso material preponderante "decompôs o todo harmonioso e feliz do homem, e como que lhe mutilou a sensibilidade" para os princípios morais mais elementares.

Daí, no homem de nossos dias, uma imensa "admiração por si mesmo", resultante de uma "espécie de embriaguez que suscitam as conquistas da técnica moderna", e uma "admiração sem reservas por um produto material qualquer".

Aspectos de uma visão veraz da realidade: a) o universo: obra ordenada e excelente de Deus; b) os problemas humanos: resultado de um progresso inspirado e guiado por falsas doutrinas

Mas um exame mais atento do assunto conduz às seguintes conclusões:

- 1) não é verdade que o universo seja um caos; ele é, pelo contrário, uma obra ordenada e excelente de Deus;
- 2) em consequência, o progresso técnico em si mesmo, não pode não trazer benefícios para a humanidade.
- 3) se, in concreto, não os trouxe, e até concorreu para agravar imensamente os problemas humanos, deve-se atribuir isto ao fato de que o progresso contemporâneo, sob muitos e muitos aspectos, não é mais um progresso autêntico; ele se deixou inspirar e guiar por doutrinas falsas, e assim passou a ser, não in totum, mas de várias maneiras, um fator de deformação do homem e de agravamento de seus problemas;
- 4) este dramático desvio do progresso foi possível porque existe na humanidade um fator de desordem, causado pelo pecado original e pelos pecados atuais. Este fator, pelo qual, como vimos, tantas vezes o progresso se deixou dominar e corromper, não é obra de Deus, mas do homem;

⁸ Neste trabalho, todas as citações em grifo e entre aspas são extraídas da Mensagem de Natal de 1957.

Remédio para os males do mundo contemporâneo: o homem voltar-se para seu Divino Salvador

- 5) o remédio para este mal consiste em Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador nosso. Se dEle não se tivesse afastado o homem, não teria o progresso sofrido tão trágico desvio. Se o homem voltar ao seu Divino Salvador, o progresso se desenvencilhará de suas deturpações e produzirá os frutos mais excelentes.

* * *

Estas verdades, Pio XII as expõe não propriamente nesta ordem, mas dentro da altíssima e preciosa perspectiva das relações entre o progresso humano e o Verbo Encarnado, que a festa do Natal nos faz considerar no Presépio de Belém. Dada a extraordinária riqueza doutrinária desse documento, parece-nos conveniente adotar em nosso trabalho uma forma tanto quanto possível esquemática.

Principais teses da Mensagem natalina – Primeira tese: Cristo, recém-nascido, reconforto e penhor de harmonia

A tese essencial da alocução pontifícia se enuncia, pois, assim: "Cristo recém-nascido se manifesta e se oferece ao mundo atual:

- 1) como reconforto dos que deploram as desarmonias e desesperam da harmonia do mundo;
- 2) como penhor da harmonia do mundo;
- 3) como luz e caminho de todo esforço do gênero humano para estabelecer a harmonia no mundo".

O desenvolvimento dessa tese se dá através dos itens seguintes:

Segunda tese: a Santíssima Trindade e a harmonia do universo (amor, sabedoria e onipotência)

O Santo Padre desenvolve o tema das relações entre a Santíssima Trindade e a harmonia do universo nestes termos grandiosos:

"A onipotência dAquele que 'faz tudo aquilo que quer' (Sl. 115, 3), assistido por sua sabedoria infinita que 'se estende com força de uma extremidade à outra e governa todas as coisas com doçura' (Sab. 8, 1), estabeleceu a grande lei da harmonia, que enche o mundo e lhe explica os acontecimentos. O Espírito de Deus, que nas origens presidiu do alto à criação, como que se difundiu nela; e quando na plenitude dos tempos, por obra do Amor misericordioso, o próprio Verbo Eterno, ao encarnar-Se, inseriu-Se nela pessoalmente, tomou posse dela visível e definitivamente. 'Jesus Cristo, ontem e hoje; e Ele também eternamente' (Hebr. 13, 8). O universo se apresenta desse modo como uma sinfonia admirável, ditada pelo Espírito

de Deus e cujo acorde fundamental brota da fusão das perfeições divinas: a sabedoria, o amor, a onipotência. "Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra" (Sl, 8,2)!"

Terceira tese: o homem, colaborador de Deus na manutenção da harmonia do universo

Esta harmonia universal constitui "um tema único e genial", que cabe à humanidade executar, como imensa orquestra, sob a direção de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Sabedoria Eterna e Encarnada.

Quarta tese: a colaboração do homem com Deus não é só um prazer, mas um dever

Deus conferiu ao homem a realeza sobre o universo. O bom exercício dessa realeza é para o homem gravíssimo dever, que implica em conservar ou restaurar a harmonia, ainda que com grandes trabalhos. Disto lhe deu maravilhoso exemplo o Divino Salvador.

Quinta tese: o dever do homem colaborar com Deus importa não só em trabalhar, mas em lutar – Os grandes inimigos: o mundo, o demônio e a carne

"A obra de restauração realizada por Jesus Cristo foi por Ele próprio definida como uma luta contra o 'príncipe deste mundo', e seu epílogo como uma vitória: 'Ego vici mundum' (Jo. 12, 31; 16,33)".

O mundo, e não só ele como também o demônio e a carne, são os grandes inimigos que nesta luta cumpre ao cristão derrotar.

Sexta tese: a moral é a base fundamental da harmonia universal

A lei de que decorre a harmonia universal é a vontade de Deus. Quanto mais se obedece a esta lei, tanto mais perfeita a harmonia. E quanto mais se transgride, tanto maior a cacofonia.

Sétima tese: o mundo pode, e deve, ser reconduzido à harmonia, por Nosso Senhor Jesus Cristo

A glória de Deus, objetivo da criação e da Encarnação, não poderia realizar-se na desordem e no caos. E assim Deus quer a harmonia do universo.

Oitava tese: o homem não é escravo das forças naturais (fatalismo antigo)

O fatalismo antigo caía no erro de supor que o homem é escravo das forças naturais. Nessas condições, seria ele joguete dócil, por sua ignorância e fraqueza, das suas paixões e dos espíritos malignos.

O homem hodierno, pelo conhecimento que tem da natureza, está ainda mais sujeito a deixar-se dominar por ela, em razão da adoração que tende a tributar às suas maravilhas. Mas deste perigo pode salvá-lo o auxílio do Verbo Encarnado.

Nona tese: o Verbo Encarnado é o centro em torno do qual se move toda a História

Assim, o próprio centro em torno do qual se move toda a história é Nosso Senhor Jesus Cristo:

"De acordo com o conceito cristão de um cosmos modelado pela sabedoria criadora de Deus, e conseqüentemente unificado, ordenado e harmonioso, se ergue, talvez distanciada de diversos séculos, a previsão de um acontecimento solene, quando 'nos céus novos e na nova terra' (cfr. 2 Pedr. 3, 13), 'tabernáculo de Deus entre os homens para habitar com estes... Ele enxugará toda lágrima de seus olhos; e não haverá mais morte nem luto, nem gritos, não haverá mais dor, porque as primeiras coisas são passadas' (Apoc. 21, 1-4); noutros termos, as desarmonias presentes serão vencidas. Mas isto significa que a realização do desígnio harmonioso da criação está completamente adiado? Deus, que no próprio ato de o criar, 'deu ao homem o poder sobre todas as coisas que estão na terra' (Ecl. 17, 3), teria retirado sua palavra? Não, certamente. Bem ao contrário de tirar do homem o poder de dominar a terra, Deus lho confirmou no dia em que revestiu de carne humana seu Filho Unigênito, tendo 'decidido reunir na plenitude dos tempos, em Cristo, todas as coisas, as que estão nos Céus e as que estão sobre a terra' (Ef. 1, 10). De sorte que Jesus Cristo, Verbo Encarnado, Deus-Homem, vindo ao mundo, desde o primeiro instante de sua existência visível, atesta que o domínio do mundo pertence em graus diferentes a Deus e ao homem, e que não poderá, em consequência, ser obtido a não ser no Espírito de Deus.

"Em Jesus Cristo, na verdade, habitou o próprio Espírito divino (cfr. Col. 2, 9) que no princípio do tempo disse: 'Que a luz seja. E a luz foi' (Gen. 1, 3); o mesmo Espírito divino que, impresso como selo indelével sobre todas as coisas criadas, é para todas, inanimadas e vivas, o elo que estabelece sua unidade, o germe da ordem, o acordo fundamental".

Décima tese: a alma humana (espiritual e imortal) é imagem de Deus e elo das criaturas, umas com as outras – Vida social verdadeira: reflexo das relações de Jesus Cristo com o mundo e com o homem

Mesmo antes da difusão do Evangelho, os gregos e romanos chegaram a conhecer a existência da alma humana. A filosofia cristã acrescentou

maiores luzes a esse conhecimento. O espírito humano, "imagem do Espírito de Deus, é o elo que une e solda interiormente as coisas umas às outras".

Trabalham contra a ordem do universo os técnicos que se negam a tomar em consideração, em seus estudos, a existência da alma imortal.

Recusadas a Encarnação e a espiritualidade da alma, o mundo fica sem sentido:

"Se, ao invés, se retira este fundamento do espírito, e como decorrência a imagem (no homem) e o vestígio (nas criaturas desprovidas de razão) do Ser divino eterno nas coisas criadas, perde-se por isto a harmonia nas relações do homem com o mundo. O homem se reduziria a um simples ponto de localização de uma vitalidade anônima e irracional. Ele não mais estaria no mundo como em sua própria casa. O mundo se tornaria para ele algo de estranho, obscuro, perigoso, sempre exposto a perder o caráter de instrumento e transformar-se em seu inimigo.

"E quais seriam as relações reguladoras da vida em sociedade sem a luz do Espírito divino e sem levar em conta a relação de Jesus Cristo com o mundo? A esta questão responde infelizmente a amarga realidade dos que, preferindo a obscuridade do mundo, se declaram adoradores das obras exteriores do homem. Sua sociedade não consegue, graças à disciplina de ferro do coletivismo, senão manter a existência anônima de uns ao lado da dos outros. Bem diferente é a vida social fundada sobre o exemplo das relações de Jesus Cristo com o mundo e com o homem: vida de cooperação fraterna e de respeito mútuo do direito de outrem, vida digna do princípio primeiro e do fim último de toda criatura humana".

Décima primeira tese: o pecado original é a raiz das desarmonias – No homem e no mundo, a espera de um retorno à condição primeva

Diz o Sumo Pontífice:

"Mas a obscura e profunda desarmonia, raiz de todas as outras, que o Verbo Encarnado veio iluminar e recompor, consistia na ruptura produzida pelo pecado original, que arrastou em suas amargas consequências toda a família humana e o mundo, sua morada. O homem decaído, tendo o espírito obscurecido, não vê mais ao seu redor um mundo submisso, dócil instrumento de seu destino, mas como que a conjuração de uma natureza rebelde, executora inconsciente do decreto que deserdava seu primeiro senhor.

Todavia, no homem e no mundo nunca se extinguiu a espera de um retorno à condição primeva, à ordem divina; e, segundo a frase do Apóstolo, ela se exprime pelos gemidos de todas as criaturas (cfr. Rom. 8,22), pois, malgrado a escravidão do pecado, o homem permanece sempre a Imagem do Espírito divino, e o mundo a propriedade do Verbo. Jesus Cristo veio

para reanimar aquilo que a queda havia mortificado, sanar o que ela havia ferido, iluminar o que ela obscurecera, tanto no homem quanto no mundo, restituindo ao primeiro seu domínio sobre a natureza, conforme o Espírito de Deus, e subtraindo o outro ao abuso culpável do homem. Todavia, se a ruptura foi curada em sua raiz, certas consequências, dúvidas, dificuldades e dores continuam sendo a herança da natureza humana. Mas até mesmo para estes frutos do pecado Jesus Cristo é penhor de redenção e restauração".

Conclusões – A) Condenação do imanentismo progressista

É bem de ver que esta concepção, fazendo a história resultar da ação do livre arbítrio enquanto aceita ou recusa o auxílio de Deus, implica na condenação de um imanentismo segundo o qual a história não seria senão um processo fatal de desenvolvimento de forças cegas.

B) Condenação do culto à desarmonia (arte dita moderna), do culto do pecaminoso e do culto do mal

Transcrevemos textualmente as palavras do Sumo Pontífice sobre o importantíssimo assunto em epígrafe:

"Tal reciprocidade de relações (entre o espírito e a harmonia) aponta à reprovação os que no domínio literário e artístico propagam o culto da desarmonia, e, como eles mesmos o afirmam, do absurdo.

Que seria feito do mundo e do homem se o gosto e a estima da harmonia se perdessem?

E', no entanto, isto que visam os que tentam revestir de beleza e sedução o que é vergonhoso, pecaminoso, mau. E bem mais, para além da estética sua ofensiva fere a própria dignidade do homem, que, imagem do Espírito divino, é essencialmente feito para a harmonia e a ordem. Não se nega todavia que o próprio mal possa ser representado sob a luz da arte verdadeira, desde que, entretanto, sua representação apareça ao espírito e aos sentidos como uma contradição, oposta ao espírito, como o sinal de sua ausência. A dignidade da arte resplandece tanto mais quanto em maior grau reflete ela o espírito do homem, imagem de Deus, e, conseqüentemente, manifesta mais sua fecundidade criadora, sua plena maturidade, quando desenvolve o tema divino da unidade e da harmonia por suas ações e pelos diferentes aspectos de sua vida".

* * *

Concluindo esse admirável périplo doutrinário, o Santo Padre adverte os homens e as nações contra os perigos de um pseudoprogresso, não inspirado pela sabedoria:

"Hoje uma sedução quase cega do progresso arrasta as nações a negligenciar perigos evidentes e a não levar em conta perdas não indiferentes. Quem não vê, com efeito, como o desenvolvimento e a aplicação de certas invenções acarretam quase por toda parte prejuízos sem proporção com as vantagens, mesmo de natureza política, que delas derivam, e que se poderiam obter por outros meios com menos gastos e perigo, ou adiar decididamente para tempos melhores? Quem poderia traduzir em cifras o prejuízo econômico do progresso não inspirado pela sabedoria?"

* * *

E esta consideração leva o augusto Pontífice a pensar na corrida armamentista, e nos riscos iminentes de uma guerra atômica. É com um ardoroso apelo à paz, que Sua Santidade encerra sua magnífica Mensagem.

+
(IHS)

Natal: Festa de Glória e de Paz

Plínio Corrêa de Oliveira
["Catolicismo" nº 108, Dezembro de 1959]

"Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade" (Lc. 2, 14)! É impossível a qualquer católico meditar sobre o Santo Natal, sem que lhe venham à mente, e diríamos quase aos ouvidos, as palavras harmoniosas e iluminadas com que os Anjos, cantando, anunciaram aos homens a grande nova do advento do Salvador. Assim, é a propósito dessas palavras que faremos, junto ao Presépio, aos pés do Menino-Deus, e bem unidos a Maria Santíssima, nossa meditação de Natal.

"Glória". Como os antigos compreendiam o significado deste vocábulo, quantos valores morais refulgentes e arrebatadores viam nele.

Foi para conquistá-la que tantos reis dilataram seus domínios, tantos exércitos enfrentaram a morte, tantos sábios se entregaram aos mais árduos estudos, tantos desbravadores se embrenharam pelas solidões mais temíveis, tantos poetas fizeram suas produções mais altas, tantos músicos arrancaram do fundo de si mesmos as suas notas mais vibrantes, e tantos homens de negócios, por fim, se atiraram aos mais ingentes trabalhos. Sim, porque até na riqueza se procurava, não só um fator de fartura, conforto e segurança, mas também de poder, de prestígio -- em uma palavra, de glória.

Mas que elementos se continham nessa noção de glória?

Alguns eram inerentes à pessoa: alta mentalidade, virtude insigne, prática de ações relevantes.

Outros estavam ligados ao que hoje se chama opinião pública. A glória, vista deste ângulo, seria o reconhecimento notório, largo, altissonante, dos eminentes predicados de alguém.

De que vale a glória? Em que sentido o desejo de glória engrandece a alma?

Pode-se responder facilmente à pergunta, comparando um homem ávido de glória com outro que coloca todos os seus anelos em bens de natureza diferente: dormir muitas e longas noites em cama macia, nutrir-se com regalo e abundância, sentir-se a salvo de riscos e incertezas, viver sem luta nem esforço, imerso em diversões e prazeres, etc.

Não há dúvida de que os bens materiais foram criados para nosso uso, e que, na justa medida, e com os devidos conformes, pode o homem apeteer estes bens.

Promover uma vida terra farta, aprazível e segura: falsa concepção da finalidade da sociedade humana – Significado: o homem ter como Deus o seu próprio ventre

Mas se os erigir em valores supremos da existência, o que se dirá dele? Que é um espírito baixo, egoístico, estreito. Em uma palavra, que pertence à categoria daqueles que a Escritura Sagrada marca com um estigma significativo: têm por deus o seu próprio ventre (cf. Filip. 3, 19). Espíritos que só compreendem o que importa ao corpo, que ignoram todos os verdadeiros bens da alma, e que, se pudessem, fariam -- como escreveu Claudel - - as estrelas caírem do céu e se transformarem em batatas.

Lembramos tudo isto, porque nos aspectos imponderáveis da visita de Kruchev aos Estados Unidos, e nas entrelinhas de inúmeros comentários favoráveis a essa visita, que têm sido publicados em todo o orbe, o que se insinua é precisamente essa cosmovisão. A sociedade humana teria por único fim sólido, palpável, autêntico, promover uma vida farta e aprazível.

Consequências da visão errada da finalidade do homem – 1ª) menosprezo pelas questões religiosas, filosóficas e artísticas

Todas as questões religiosas, filosóficas, artísticas, etc. não teriam senão uma importância secundária, ou mesmo não teriam importância nenhuma.

Segunda consequência da visão errada da finalidade do homem: aceitar a ignomínia e a eliminação das personalidades para evitar a guerra a todo preço

Se, pois, o mundo está dividido em um "hemisfério" comunista e outro que não o é, o importante na divisão não seria a divergência ideológica, mas a contradição dos interesses econômicos. No plano das vantagens materiais, o que mais importa é evitar uma guerra. E isto ainda que o mundo se resigne implicitamente a uma bolchevização gradual. Assim, o que o Ocidente deve acima de tudo preservar é o tranquilo convívio entre os povos. A paz deve ser alcançada a todo preço, porque a restauração dos danos de uma guerra não tem preço.

Que isto nos traga uma vida de ignomínia, pouco importa. Seremos escravos do Estado onipotente, perdidos em uma imensa massa de anônimos, desfigurados por uma "cultura" que visa eliminar as personalidades e padronizar os homens, que nega a moral, a existência da alma e até de um Deus justo e misericordioso: pouco importa. Pelo menos teremos evitado para nós e nossos filhos as devastações e as privações da guerra. A infâmia

é um preço bem pago para obviar tantos males. E por isto mais vale cessar toda polêmica com o comunismo.

Ora, que se faça o possível para evitar a guerra, empregando todos os recursos da diplomacia, inclusive encontros de cúpula, nenhum coração cristão negará a isto seu ardente assentimento. Mas que para chegar a tal resultado se deseje uma desmobilização geral dos espíritos em relação ao perigo comunista, e assim se dê ocasião a Moscou para promover a penetração ideológica fácil e eficiente de seus erros no orbe inteiro, é o que de nenhum modo se pode admitir.

Terceira consequência: eliminação do sublime significado da palavra "glória"

Nisto reside, entretanto, para milhões de almas, a tentação suprema a que ficaram expostas por viverem em um mundo para o qual a palavra "glória" já não tem quase significado. Ela ainda existe nos dicionários, emprega-se um pouco na linguagem corrente -- há, por exemplo, no Rio um Outeiro da Glória, um bairro da Glória, um Hotel Glória, há gente que fuma charutos "Glória de Cuba" -- quase se diria que fora desse gênero de aplicações o vocábulo está morto. E, com o desuso dessa palavra, vão também desaparecendo outras que lhe são correlatas: honra, prestígio, decoro...

Seria interessante ler um jornal de há cem anos atrás, para ver o papel que tinham nas relações humanas, entre pessoas, famílias, grupos sociais ou nações, esses valores. Hoje, abra-se um jornal, e ver-se-á que o mais das vezes os homens se aliam ou se guerreiam por motivos bem outros: exportações, importações, divisas cambiais, tarifas e coisas congêneres.

Dupla lição do Santo Natal: A) possibilidade de ordem e compostura mesmo na pobreza

Ora, diante desse mundo que hipertrofiou até o delírio a importância do que conduz à vida material farta, larga e segura, Nosso Senhor nos dá, por ocasião do Santo Natal, uma dupla lição da maior oportunidade.

Consideremos do ponto de vista da boa instalação na vida a Sagrada Família. Uma dinastia que perdeu o trono e a riqueza tem em São José um rebento que vive na pobreza. A Santíssima Virgem aceita esta situação com uma paz perfeita. Ambos se empenham em manter uma existência ordenada e composta nessa pobreza, porém suas mentes estão cheias, não de planos de ascensão econômica, de conforto e prazeres, mas de cogitações referentes a Deus Nosso Senhor. Para seu Filho, a Sagrada Família apresenta uma gruta para primeira morada e uma manjedoura por berço. Mas o Filho é o próprio Verbo Encarnado, para cujo nascimento a noite se ilumina, o

Céu se abre e os Anjos cantam, e a Quem dos confins da terra vêm Reis cheios de sabedoria oferecer ouro, incenso e mirra...

Quanta pobreza, e quanta glória! Glória verdadeira porque não é "coitação" junto aos homens meramente utilitários e farisaicos de Jerusalém, que apreciam os outros segundo a medida de suas riquezas, mas uma glória que é como o reflexo da única verdadeira glória: a de Deus no mais alto dos Céus.

Costuma-se dizer que a pobreza da Sagrada Família em Belém nos ensina o desprendimento dos bens da terra, e isto é mil vezes verdade. Convém acrescentar, contudo, que há além disto no Santo Natal um alto e lícido ensinamento sobre o valor dos bens do Céu e dos bens morais que são na terra como a figura dos bens celestes.

B) O fim do homem não consiste em obter vida gostosa, farta e despreocupada, mas em dar glória a Deus (reconhecer, proclamar e lutar pelas perfeições infinitas e soberanas de Deus)

E, a este respeito, há talvez uma confusão a desfazer.

Deus criou o universo para sua glória extrínseca. Assim, todas as criaturas irracionais tendem inteiramente para a glorificação de Deus. E o homem, dotado de inteligência e livre arbítrio, tem obrigação de empregar as potências de sua alma, e todo o seu ser, para o mesmo fim. O seu fim último não consiste em viver gostosa, farta e despreocupadamente, mas em dar glória a Deus.

Ora, isto, o homem o alcança dispendo todos os seus atos interiores e externos de maneira a reconhecer e proclamar sempre as perfeições infinitas e o soberano poder do Criador.

Efeitos nos que vivem para a glória de Deus: a) tornarem-se participante da glória de Deus

Criado à imagem de Deus, ele Lhe dá glória procurando imitá-lo quanto possível à sua natureza de mera criatura.

E assim o próprio exercício do amor de Deus, à medida que nos vai assemelhando a Ele, também nos torna participantes de sua glória.

b) despertar respeito até mesmo naqueles que os odeiam e perseguem – O exemplo da Beata Ana Maria Taigi

É o que explica o imenso respeito que os Santos sempre despertaram, mesmo nos que os odiavam e perseguiram. Uma simples cozinheira como a Beata Ana Maria Taigi, ao andar pelas ruas de Roma, impressionava os transeuntes por sua respeitabilidade. Em todas as aparições de Nossa Se-

nhora, Ela se manifesta sumamente materna, amável e condescendente, mas ao mesmo tempo inexprimivelmente digna, respeitável, refulgente de régia majestade. Quanto a Nosso Senhor, fonte de toda santidade, que dizer? Tão condescendente, que chegou a lavar os pés aos Apóstolos! Mas tão infinitamente majestoso, que uma palavra sua prostrou de rosto em terra todos os soldados que vinham prendê-lo (cf. Jo. 18, 6).

c) servir de modelo de respeitabilidade, firmeza e elevação

Ora, Jesus Cristo é nosso modelo. Os Santos, que eximamente O imitaram, o são também. E assim todo verdadeiro católico deve tender a uma alta respeitabilidade, a uma gravidade, a uma firmeza, a uma elevação que o deve distinguir da vulgaridade, da sordície, da extravagância de tudo quanto cai sob o domínio de Satanás.

d) ser, para os outros, como que uma imagem viva de Deus

E aí não se trata só de um esplendor decorrente do exercício da virtude. Todo poder vem de Deus (cf. Rom. 13, 1), o do Rei como o do nobre, do pai, do patrão ou do professor. E de algum modo o detentor de um cargo deve ser, enquanto tal, para os seus súditos, como que uma imagem de Deus. Há uma dignidade intrínseca de todo poder, que é um reflexo da majestade divina. Assim, numa sociedade cristã, o detentor de qualquer situação de relevo deve respeitar-se a si próprio em razão dessa situação. E deve transfundir esse respeito nos que com ele tratam.

Dessa maneira, a sociedade temporal cristã é toda ela refulgente da glória de Deus. Ela a canta a seu modo, como também a canta com acentos inefáveis a sociedade espiritual, que é a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana.

E, aqui na terra, a vida do homem é um prenúncio daquele cântico de glória que entoará no Céu pelos séculos sem fim.

* * *

Amor à própria glória, como reflexo da glória de Deus: ato de humildade e não manifestação de orgulho

Mas, dirá alguém, esse amor de cada qual a sua própria glória não será orgulho?

Bem entendidas as coisas, não. E mil vezes não!

Se alguém ama a sua glória, e não a de Deus, nisto há orgulho.

Se alguém ama a sua própria glória, não porque ela é um reflexo da glória de Deus, mas apenas porque é um meio de obter homenagens, exercer domínio sobre os outros, e dirigir a seu talante o curso dos fatos, nisto

há orgulho. Mas se um homem deseja merecer o respeito do próximo só para que nisto seja Deus glorificado, mostra grandeza de alma e verdadeira humildade.

Bem sabemos que muitas vezes um orgulho subtil pode iludir uma pessoa, dando-lhe a impressão de que é por amor de Deus que procura uma glória que de fato só deseja por amor de si. Para obviar a esse risco infelizmente muito e muito real, é preciso rezar, frequentar os Sacramentos, meditar, mortificar-se, praticar exames de consciência rigorosos, sujeitar-se à direção espiritual. O remédio está no emprego desses meios eficacíssimos, e nunca em negar um princípio em si mesmo muito verdadeiro.

* * *

Falso conceito de bondade: nivelamento com os que estão de baixo
(“democratizar”-se)

E a bondade? Não consiste ela em que a gente se "democratize", se nivele com os que estão de baixo, para atrair seu amor?

Um dos erros mais funestos de nosso tempo está em imaginar que o respeito e o amor se excluem, e que um Rei, um pai, um professor será tanto mais amado quanto menos for respeitado. Ora, a verdade está no contrário. A alta respeitabilidade, sempre que esteja embebida num verdadeiro amor de Deus, só pode atrair a estima e a confiança dos homens retos. E quando isto não se dá, não é porque a respeitabilidade é muito alta. É porque não tem seu fundamento no amor de Deus.

Verdadeira bondade: um fruto da dignidade verdadeiramente sobrenaturalizada – Baixar sem se rebaixar

A solução não está em rebaixar, mas em sobrenaturalizar.

A dignidade verdadeiramente sobrenaturalizada se abaixa sem se rebaixar.

A dignidade egoística e vaidosa não quer e não sabe condescender conservando-se íntegra. Quando ela se sente forte, rebaixa os outros. Quando se sente fraca, por medo rebaixa-se a si mesma.

Imagine-se, pois, uma sociedade temporal toda impregnada dessa alta, majestosa e forte nobreza, reflexo da sublimidade de Deus. Uma sociedade em que tanta elevação estivesse indissolivelmente ligada a uma imensa bondade, de tal maneira que, quanto mais crescessem a força e a majestade, tanto mais cresceriam a comiseração e a bondade. Que suavidade, que doçura -- em uma palavra, que ordem! Que ordem, sim... e quanta paz. Pois o que é a paz senão a tranquilidade na ordem (cf. Santo Agostinho, XIX De Civ. Dei, cap. 13)?

A estagnação no erro e no mal, a concórdia com os soldados de Satanás, a aparente conciliação entre a luz e as trevas, por isto mesmo que conferem cidadania ao mal, só trazem desordem e geram uma tranquilidade que é a caricatura da verdadeira paz.

“Boa vontade”: quem, de todo coração, procura a glória de Deus

A paz verdadeira só existe entre os homens de boa vontade, que procuram de todo o coração a glória de Deus.

E por isto a mensagem de Natal liga uma coisa à outra: "Glória a Deus no mais alto dos Céus, e na terra paz aos homens de boa vontade" (Lc. 2, 14).

+
(IHS)

A glória de Deus no alto dos Céus, aspecto secundário do Natal?

Plínio Corrêa de Oliveira

["Catolicismo" nº 156 - Dezembro de 1963]

No presépio: a) a adoração mais profunda e mais respeitosa; b) maior amor de Deus a uma mera criatura

Repousais, Senhor, em vosso misérrimo e augustíssimo presépio, sob os olhos da Virgem, vossa Mãe, que vertem sobre Vós os tesouros inaferríveis de seu respeito e de seu carinho.

Jamais uma criatura adorou com tão profunda e respeitosa humildade o seu Deus. Nunca um coração materno amou mais ternamente seu filho.

Reciprocamente, jamais Deus amou tanto uma mera criatura. E nunca filho amou tão plenamente, tão inteiramente, tão superabundantemente sua mãe. Toda a realidade desse sublime diálogo de almas pode conter-se nestas palavras que indicam aqui todo um oceano de felicidade, e que em ocasião bem diversa haveríeis de dizer um dia do alto da Cruz: Mãe, eis aí teu filho. Filho, eis aí tua Mãe (cf. Jo. 19, 26). E, considerando a perfeição deste recíproco amor, entre Vós e vossa Mãe, sentimos o cântico angélico que se levanta das profundezas de toda alma cristã: "Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade" (Luc. 2, 14).

* * *

Razões da correlação entre: a) paz na terra; b) homens de boa vontade; c) glória a Deus

"Paz na terra aos homens de boa vontade": o jogo complicado, mas célere, das associações de imagens me faz sentir imediatamente que em numerosas ocasiões no ano que finda ouvi falar de paz, e de homens de boa vontade.

Curioso... dou-me conta de que ouvi falar menos, e até muito menos, da glória de Deus no mais alto dos Céus. A bem dizer, disto quase não ouvi falar. Nem mesmo implicitamente! Pois, implicitamente se fala da glória de Deus quando se afirmam os soberanos direitos d'Ele sobre toda a criação, e, por amor a Ele, se reivindica o cumprimento de sua Lei por parte dos indivíduos, famílias, grupos profissionais, classes sociais, regiões, nações, e toda a sociedade internacional.

Por que este silêncio, pergunto-me eu? Por que os homens querem tanto a paz? Por que tantos homens se ufanam de ter boa vontade? E por

que tão poucos são os que se preocupam com a glória de Deus, e se blasfemam de por ela agir e lutar?

Em outros termos, o fato essencial do vosso Santo Natal, Senhor, seria só a paz na terra para os homens de boa vontade?

E a glória de Deus no mais alto dos Céus seria como que um aspecto colateral, longínquo, confuso e insípido para os homens, do grande evento de Belém?

Em outros termos ainda, a paz dos homens vale mais que a glória de Deus? A terra vale mais que o Céu? O homem vale então mais do que Deus? E a paz na terra pode ser obtida, conservada e até incrementada sem que com isto nada tenha a ver a glória de Deus?

Por fim, o que é um homem de boa vontade? É o que só quer a paz na terra, indiferente à glória de Deus no Céu?

Todas estas questões convidam a uma detida análise do cântico angélico.

* * *

Forma proveitosa de participar, devidamente, das festas do Santo Natal: nutrir, no espírito, as palavras dos Anjos de Belém – Súplica a Nossa Senhora

Admirável profundidade de toda palavra inspirada! Tão simples que até uma criança o pode compreender, o cântico dos Anjos de Belém encerra entretanto verdades das mais profundas.

Como é proveitoso, pois, nutrir o espírito com essas palavras, para participar devidamente das festas do Santo Natal!

Ajudai-nos, Mãe Santíssima, Sede da Sabedoria, com vossas preces, para que, iluminados pelas claridades que de Jesus dimanam, possamos entender o cântico angélico que é o mais perfeito e autorizado comentário do Natal.

* * *

Conceito falso de “homem de boa vontade”: quem quer, para todos, saúde, alegria, fartura, sem lutas e sem riscos, para aproveitarem, o mais possível, da vida terrena

"Homem de boa vontade": o que representa isto aos olhos de tantos e tantos de nossos contemporâneos?

Para o sabermos, basta indagar: boa vontade para com quem?

A resposta salta, impetuosa e impaciente, como sói acontecer quando a pergunta tem algo de ocioso por inquirir o que é quase evidente.

Ora bolas, dirão muitos de nossos coetâneos, boa vontade para com o próximo. Aquele que, ateu ou sequaz de uma religião, seja ela qual for, adepto da propriedade privada, do socialismo ou do comunismo, quer que todos os homens vivam alegres, na fartura, sem doenças, sem lutas, sem riscos, aproveitando o mais possível esta vida, este é um homem de boa vontade.

Visto nesta perspectiva, o homem de boa vontade é um artífice da paz. Diz o ditado que "em casa onde falta o pão, todos brigam e ninguém tem razão". Logo, onde há pão todos têm razão e há paz. Onde há pão, teto, remédios, segurança, com maioria de razão há necessariamente a paz.

* * *

Glória de Deus, para o "homem de boa vontade" (no conceito falso): elemento supérfluo para a boa ordem na vida social e política

E a glória de Deus? Para o "homem de boa vontade" assim concebido, a glória de Deus é um elemento supérfluo no que se refere à paz na terra. Pois é da adequada ordenação da economia que decorre a boa ordem na vida social e política. E, portanto, a paz.

"Supérfluo" é dizer pouco, a respeito da glória de Deus no Céu, considerada em função da paz na terra. Como alguns homens crêem em Deus, e outros não crêem, e como entre os que crêem há diversidade no modo de entender Deus, este último pode atuar como perigoso fator de divisões, discussões e polêmicas. Deus é um senhor por demais comprometido há milhares de anos em polêmicas, para que dele se fale a toda hora. Para ter paz na terra é melhor não estar falando a todo momento sobre Deus e sua glória no Céu.

E depois... o Céu é tão vago, tão longínquo, tão incerto! Que dele fizessem os Anjos, vá lá, pois lá moram. Mas nós homens, cuidemos da terra.

Unir a glória celeste à paz terrestre é para o "homem de boa vontade" algo de tão incorreto, supérfluo e pejado de fatores de luta quanto é, por exemplo, imprudente unir a Igreja ao Estado.

A Igreja livre do Estado e o Estado livre da Igreja, eis um anelo bem típico do "homem de boa vontade". A paz terrena liberta de implicações religiosas, e Deus no seu Céu e sua glória, sorrindo de braços cruzados para a terra em paz, a uma tal distância da terra que lá não chegue nem sequer o Lunik, eis o ideal do "homem de boa vontade".

* * *

Estas são as considerações do "homem de boa vontade", entre aspas, cujo coração está longe do Céu, e cujo olhar só se detém sobre a terra.

Dar glória a Deus: fonte e condição para a paz, no mundo

Contudo, quanto divergem elas do sentido próprio e natural do cântico angélico!

Realmente, se o Natal dá glória a Deus no mais alto dos Céus e simultaneamente é a fonte da paz na terra para os homens de boa vontade - e foi o que os Anjos proclamaram em seu cântico - não se pode dissociar uma coisa da outra.

Sem que os homens dêem glória a Deus, não há paz no mundo. E a guerra, enquanto considerada no agressor culpado, é incompatível com a glória de Deus.

Boa vontade autêntica: amor ao próximo, por amor de Deus – Falso "homem de boa vontade": um semeador de guerras e um artífice de ruínas.

Vós, Senhor Jesus, Deus humanado, sois entre os homens o Príncipe da Paz. Sem Vós a paz é uma mentira e, afinal, tudo se converte em guerra.

E é porque os homens não compreendem isto, que procuram de todos os modos a paz, mas a paz não habita no meio deles.

O que é então o homem de boa vontade, se não é o homem que ama o próximo? Será porventura o que odeia seu próximo?

Ao fariseu, que Vos chamou de bom Mestre, perguntastes: por que Me chamais de bom, se só Deus é bom (cf. Luc. 18, 19)?

Se só Deus é bom, a boa vontade autêntica é a que se volta toda para Deus, e ama o próximo, não pelo mero amor do próximo, mas pelo amor de Deus. O homem é tal, que não pode amar o próximo pelo próximo. Ou o ama por amor de si mesmo, e isto é egoísmo. Ou o ama por Deus, e isto sim é amor verdadeiro.

Em consequência, a "boa vontade" agnóstica e a paz terrena que ela tende a instaurar, nem são boa vontade autêntica, nem paz verdadeira.

E o falso "homem de boa vontade" é em última análise um semeador de guerras e um artífice de ruínas.

* * *

Falso conceito de paz: abstração de todas as controvérsias

Mas, dirá alguém, como pode ser Jesus o fundamento da paz, se ninguém como Ele tem suscitado tanto ódio? O populacho cumulado por Ele de favores espirituais e materiais de toda ordem, preferiu-Lhe Barrabás, um bandido. Isto não é ódio? Os Imperadores contra Ele moveram persegui-

ções atroz. Os arianos contra Ele mobilizaram todas as potências da terra. Depois vieram os maometanos. E depois, e depois, todos os grandes vagalhões da História, até o nazismo e o comunismo. Aliás, acrescentaria talvez alguém, Simeão bem exprimiu essa verdade, profetizando que Ele seria ao longo da História uma pedra de escândalo, um sinal de contradição para a morte e ressurreição de muitos (cf. Luc. 2, 34). Ele próprio disse de Si que trazia à terra o gládio (cf. Mat. 10, 34).

Por melhor que tudo isto seja, poderia argumentar um "homem de boa vontade" entre aspas, a verdadeira paz, isto é, uma plena e completa desmobilização dos espíritos, uma inteira cessação não só de todas as guerras como de todas as polêmicas, não é possível com Jesus Cristo. A paz só é autêntica quando abstrai de todas as controvérsias, inclusive aquelas a que Jesus Cristo - sem culpa própria, concede o "homem de boa vontade" - dá ocasião.

* * *

Paz verdadeira (fruto da boa vontade autêntica): a) luta do bem contra o mal; b) polêmica entre a luz e as trevas; c) perpétuo esmagar da cabeça da Serpente

Sim? diria um homem de boa vontade autêntico, isto é, um homem que com todas as veras de sua alma ama a Deus.

Neste caso, é por burla que a Escritura chama Jesus Cristo Príncipe da Paz (cf. Is. 9, 6), e a Igreja, fazendo eco ao Batista (cf. Jo. 1, 29 e 36), O apresenta como um manso Cordeiro a quem os homens devem pedir o dom da paz: "Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem".

Ou é por que a verdadeira paz não exclui a luta do bem contra o mal, a polêmica entre a luz e as trevas, o perpétuo esmagar da cabeça da Serpente pela Virgem sem mancha, a hostilidade entre a raça oriunda da Virgem e a raça da Serpente? A paz é a ordem de Cristo no Reino de Cristo. Ela tem pois como condição a luta dos sequazes de Cristo contra os inimigos de Cristo. A paz de Cristo não se identifica de modo nenhum com a falsa paz, sem lutas nem polêmicas, do pretenso "homem de boa vontade".

* * *

Três grandes lições do Santo Natal: 1ª) não há paz sem Nosso Senhor Jesus Cristo; 2ª) boa vontade autêntica: amor ao próximo por amor de Deus; 3ª) a paz autêntica não exclui a luta contra o demônio e seus asseclas (o mundo e a carne)

Três grandes lições, ó Deus-Menino, recolhemos do vosso Santo Natal. Ficamos sabendo:

- que não há paz na terra sem Vós.
- que homem de boa vontade autêntico não é quem ama o homem pelo homem, mas quem o ama por amor de Vós.
- e que vossa Paz inclui a cessação de todas as lutas exceto a vossa incessante e gloriosa guerra contra o demônio e seus aliados, isto é, o mundo e a carne.

Oração pedindo, à Virgem Maria, todas as verdades católicas

Virgem Maria, Medianeira de todas as graças, debruçada em adoração sobre o Deus-Menino, obtende-nos uma plena compenetração de todas estas verdades.

E permiti que, nas perspectivas que elas desvendam, cantemos con-Vosco e com todas as criaturas celestes e terrenas de que sois Rainha, Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade.

+
(IHS)

Luz, o grande presente

Plínio Corrêa de Oliveira

[Folha de São Paulo – 26 de dezembro de 1971]

Descrição do ambiente da primeira noite do Natal: as trevas, os pastores e os rebanhos (Ambientes, Costumes e Civilizações) – A vida eterna: tanto o êxito quanto a derrota não terão fim (ao contrário da vida terrena)

"Ora, naquela mesma região havia uns pastores que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho. E eis que apareceu junto deles um Anjo do Senhor, e a claridade de Deus os envolveu, e tiveram grande temor. Porém o Anjo disse-lhes: Não temais; porque eis que vos anuncio uma grande alegria, que terá todo o povo. Nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo Senhor" (S. Lucas II, 8 a 11).

A noite ia em seu meio. As trevas tinham chegado ao auge de sua densidade. Tudo em torno dos rebanhos era interrogação e perigo. Quiçá alguns pastores, relaxados ou vencidos pelo cansaço, estivessem dormindo.

Entretanto, outros havia a quem o zelo e o senso do dever não consentiam o sono. Vigiam. E presumivelmente oravam também, para que Deus afastasse os perigos que rondavam.

Subitamente, uma luz apareceu para eles e os envolveu: "a claridade de Deus os envolveu". Toda a sensação de perigo se desfez. E lhes foi anunciada a solução para todos os problemas e todos os riscos. Muito mais do que os problemas e os riscos de alguns pobres rebanhos ou de um pequeno punhado de pastores. Muito mais do que os problemas e os riscos que põem em contínuo perigo todos os interesses terrenos. Sim, foi-lhes anunciada a solução para os problemas e riscos que afetam o que os homens têm de mais nobre e mais precioso, isto é, a alma. Os problemas e os riscos que ameaçam, não os bens desta vida, que, cedo ou tarde, perecerão, mas a vida eterna, na qual tanto o êxito quanto a derrota não têm fim.

Analogias com a situação atual do mundo: sensação de fracasso irremediável e de emaranhado inextrincável de problemas

Sem a menor pretensão de fazer o que se poderia chamar uma exegese do Texto Sagrado, não posso deixar de notar que esses pastores e esses rebanhos e essas trevas fazem lembrar a situação do mundo no dia do primeiro Natal.

Numerosas fontes históricas daquele tempo longínquo nos relatam que se apoderara de muitos homens a sensação de que o mundo havia chegado a um fracasso irremediável, de que um emaranhado inextrincável de problemas fatais lhes fechavam o caminho, de que estavam em um fim de linha além do qual só se divisava o caos e a aniquilação.

Pontos da análise da história da humanidade após o primeiro Natal – Primeiro ponto: surgimento das nações e auge de cultura, de riqueza e de poder

Olhando para o caminho percorrido desde os primeiros dias até então, os homens podiam sentir uma compreensível ufania.

Estavam num auge de cultura, de riqueza e de poder. Quanto distavam as grande nações do Ano 1 de nossa era – e mais do que todas o superestado Romano – das tribos primitivas que vagueavam pelas vastidões, entregues à barbárie e açoitadas por fatores adversos de toda ordem.

Aos poucos, haviam surgido as nações. Essas tinham tomado fisionomia própria, engendrado culturas típicas, criado instituições inteligentes e práticas, rasgado estradas, iniciado a navegação e difundido por toda parte, tanto os produtos da terra, quanto os da indústria nascente. Abusos e desordens, havia-os por certo. Mas os homens não os notavam inteiramente. Pois cada geração sofre de uma insensibilidade surpreendente para com os males de seu tempo.

Segundo ponto (o grande problema): terrível vazio de alma por não saber obter felicidade nos instrumentos laboriosamente adquiridos

O mais crucial da situação em que se encontrava o Mundo Antigo não estava, pois, em que os homens não tivessem o que queriam. Consistia em que "grosso modo" dispunham do que desejavam, mas depois de ter feito laboriosamente a aquisição desses instrumentos de felicidade, não sabiam o que fazer deles. De fato, tudo quanto haviam desejado ao longo de tanto tempo e de tantos esforços, lhes deixava na alma um terrível vazio.

Terceiro ponto: aflição, produzida pelo poder e pela riqueza

Mais ainda, não raras vezes atormentava-os. Pois o poder e a riqueza de que não se sabe tirar proveito servem tão só para dar trabalho e produzir aflição.

Orgias e sono: falsas atitudes dos homens diante das trevas (quando baixa a noite)

Assim, em torno dos homens, tudo eram trevas. – E nessas trevas, o que faziam eles? – O que fazem os homens sempre que baixa a noite.

Uns correm para as orgias, outros afundam no sono.

Atitudes verdadeiras diante das trevas: a) oração e vigia com os olhos postos no céu escuro – Exemplo: os pastores

Outros, por fim – e quão poucos – fazem como os pastores. Vigiam, à espreita dos inimigos que saltam no escuro para agredir. Aprestam-se para lhes dar rudes combates. Oram com as vistas postas no céu escuro, e as almas confortadas pela certeza de que o sol raiará por fim, espancará todas as trevas, eliminará ou fará voltar a seus antros todos os inimigos que a escuridão acoberta e convida ao crime.

Os homens de escol: a) percepção da densidade das trevas (corrupção dos costumes); b) percepção da iminência da catástrofe da inautenticidade da ordem (sociedade baseada nas idolatrias)

No Mundo Antigo, entre os milhões de homens esmagados pelo peso da cultura e da opulência inúteis, havia homens de escol que percebiam toda a densidade das trevas, toda a corrupção dos costumes, toda a inautenticidade da ordem, todos os riscos que rondavam em torno do homem, e sobretudo todo o "non sense" a que conduziam as civilizações baseadas na idolatria.

Retidão da alma: fator superior, inclusive à penetração da inteligência, para a lucidez de percepção dos grandes horizontes, verdade e erro, bem e mal

Estas almas de escol não são necessariamente pessoas de uma instrução ou de uma inteligência privilegiadas.

Pois a lucidez para perceber os grandes horizontes, as grandes crises e as grandes soluções, vem menos da penetração da inteligência do que da retidão da alma. Davam-se conta da situação os homens retos, para os quais a verdade é a verdade, e o erro é o erro. O bem é o bem, e o mal é o mal.

As almas que não pactuam com os desmandos do tempo, não acovardadas pelo riso ou pelo isolamento com que o mundo cerca. São os inconformados.

Eram almas deste quilate, raras e esparsas um pouco por toda a parte, entre senhores e servos, anciãos e crianças, sábios e analfabetos, que vigiavam na noite, oravam, lutavam e esperavam a Salvação.

Efeitos da luz, “que brilhou nas trevas”, espalhada pelos pastores fieis: a) conversões; b) recusa da orgia e do sono estúpido e mole

Esta começou por vir para os pastores fiéis. Mas, passado tudo quanto o Evangelho nos conta, ela extravasou dos exíguos confins de Israel e se apresentou como uma grande luz, para todos os que, no mundo inteiro, recusavam como solução a fuga na orgia ou no sono estúpido e mole.

No ciclo das perseguições: comoção das almas pelo “cântico evangélico” – O martírio: semente de novas conversões

Quando virgens, crianças e velhos, centuriões, senadores e filósofos, escravos, viúvas e potentados começaram a se converter, baixou sobre eles o ciclo das perseguições.

Nenhuma violência, porém, os fazia vergar. E quando, na arena, fitavam serenos e altaneiros os césaes, as massas ululantes e as feras, os Anjos do Céu cantavam: Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade.

Este cântico evangélico, nenhum ouvido o ouvia. Mas ele comovia as almas. O sangue desses serenos e inquebrantáveis heróis se transforma, assim, em semente de novos cristãos.

Resultado: a) morte do mundo da carne, do ouro e dos ídolos; b) Nascimento de um mundo novo: Fé, pureza e esperança do Céu

O velho mundo, adorador da carne, do ouro, e dos ídolos, morria. Um mundo novo nascia, baseado na Fé, na pureza, na ascese, na esperança do Céu.

Nosso Senhor Jesus Cristo, resolverá tudo.

* * *

A TFP, nos dias de hoje: a) genuínos continuadores dos pastores de Belém; b) autênticos homens de boa vontade; c) vigília nas trevas e no anonimato; d) “resistência” aos pastores autodemolidores; d) inquebrantável certeza na luz, que voltará (promessa de Fátima)

Há ainda hoje homens de boa vontade autênticos, que vigiam nas trevas, que lutam no anonimato, que fitam o Céu esperando com inquebrantável certeza a luz que voltará?

-- Sim, precisamente como no tempo dos pastores.

Os da TFP encontramos-os por toda a parte. Nas ruas, nas praças, nos aviões, nos arranha-céus, nos porões, e até nos lugares de luxo, onde a par de uns lampejos de tradição, medra e domina a "saparia".

Vemo-los que acolhem com um sorriso franco, os jovens pregoeiros de um ideal que não morre, porque baseado em Jesus Cristo, Senhor Nosso.

Vemo-los que esperam alguma interferência de Deus na História, a qual eventualmente prove os homens para os purificar, mas que encerrará um ciclo de trevas para abrir outra era de luz.

A esses autênticos homens de boa vontade, a esses genuínos continuadores dos pastores de Belém, proponho que entendam como dirigidas a eles as palavras do Anjo: "Não temais, porque eis que vos anuncio uma grande alegria, que terá todo o povo"!

Palavras proféticas, que encontram seu eco na promessa marial de Fátima.

Poderá o comunismo espalhar seus erros por toda a parte. Poderá fazer sofrer os justos. Mas, por fim – profetizou Nossa Senhora na Cova de Iria – o seu "Imaculado Coração triunfará".

Esta é a grande luz que, como precioso presente de Natal, desejo para todos os leitores, e mais especialmente, para os genuínos homens de boa vontade.

+
(IHS)

No "crepúsculo" do sol de justiça

Plínio Corrêa de Oliveira

["Folha de São Paulo" - 1 de Janeiro de 1979]

Ídolos pagãos do infeliz mundo laicizado: a Economia, a Saúde, o Sexo e a Máquina

Este Natal paulistano de 1978 marca, em relação aos anteriores, o agravamento de um fenômeno que de si não deveria existir. Mas que, a existir... deveria poupar, pelo menos, a festa do Nascimento do Salvador.

Refiro-me à laicização generalizada das mentalidades, da cultura, da arte, das relações, em uma palavra, da vida. Nesta matéria, laicização significa propriamente paganização. Pois, à medida que se vai empurrando para a penumbra o Homem-Deus, o lugar deixado vazio por Ele vai sendo preenchido por "valores" muito concretos e palpáveis, mas que, por vezes, são glorificados como se fossem faustosas abstrações: a Economia, a Saúde, o Sexo, a Máquina, e tantos outros (as maiúsculas anacrônicas servem para que melhor se sinta o que afirmo). "Valores" materiais, é óbvio. E enfatizados por uma orquestração propagandística saturada de marxismo, de freudismo, etc.

Ao contrário do que acontecia no mundo clássico, esses "valores" não são personificados – bem entendido – em deuses, e nem concretizados em estátuas. O que não impede que sejam eles os verdadeiros ídolos pagãos de nosso infeliz mundo laicizado.

A influência do neopaganismo laical vem infiltrando cada vez mais o Natal moderno. Infiltração gradual, mas perfeitamente óbvia. De que maneira? Não de uma só maneira, mas simultaneamente de todas as maneiras concebíveis.

O Advento, na Cristandade: período de recolhimento, para discreta compulsão e para palpitante esperança do grande júbilo (o nascimento do Messias)

A começar no Advento. Esse período, que no ano litúrgico compreende as quatro semanas antecedentes ao Natal, constituía para a Cristandade uma parte do ano especialmente voltada para o recolhimento, para uma discreta compunção e para a esperança palpitante do grande júbilo que o nascimento do Messias trará. Todos se preparavam assim para acolher o Menino-Deus que, no virginal sacrário materno, se acercava, dia a dia mais, do

momento bendito em que iniciaria sua convivência salvífica com os homens.

Nessa atmosfera densa e vividamente religiosa, a tônica se ia gradualmente deslocando. À medida que se aproximava a noite entre todas sagrada, a compunção ia cedendo lugar à alegria. Até o momento em que, nas pompas festivas da Missa do Galo, as famílias, os povos, as nações se sentiam ungidos pelo júbilo sacral descido do mais alto dos céus; e em cada cidade, em cada lar, no interior de cada alma se difundia, como um bálsamo de celeste odor, a impressão de que o Príncipe da Paz, o Deus Forte, o Leão de Judá, o Emanuel, mais uma vez acabava de nascer. "Stille Nacht, heilige Nacht"... a canção célebre que se transpôs para nosso vernáculo de modo menos expressivo, como "Noite feliz"...

De toda essa preparação, o que restou? Do Advento, quem cogita, se não uma minoria ínfima? E dentro dessa minoria ínfima, quantos o fazem sob a influência da verdadeira teologia católica e tradicional, e não das teologias ambíguas e desvairadas que sacodem hoje em dia, como se fossem convulsões de febre, o mundo cristão?

O Advento na época neo-pagã (ex-cristã): agitação, perspectivas de despesas com festinhas e presentes, esquecimento da vinda do Redentor

Mas deixemos de lado essa minoria, e pensemos nas multidões que se agitam nas grandes cidades. Por elas, o Advento pura e simplesmente não é lembrado. A correria de todos os dias continua, agravada pela perspectiva das despesas a enfrentar, dos presentes a enviar, das visitas a fazer e das festas ou festinhas a organizar. Em suma, todo o mundo se vai aproximando do Natal, não como de uma data para a qual se caminha com esperança, mas como de um dia afanoso, dispendioso e, sob alguns aspectos, até complicado, que se terá alegria em "deixar para trás".

O Natal na época neo-pagã: alegria, toda induzida, proveniente do desejo de comprar, de gozar, e de festejar

É bem verdade que nas cidades, e talvez mais especialmente nas grandes, a aproximação do Natal é salientada pela multiplicação das lâmpadas coloridas na vegetação dos jardins dos bairros residenciais, pelos longos fios de luzes nas avenidas de maior trânsito, e na ornamentação carregada de vitrinas comerciais. Contudo, não é difícil sentir que a alegria peculiar que disso tudo tende a "aquecer" - alegria toda induzida, note-se - provém do desejo de comprar, de gozar, de festejar.

Dessas luminárias elétricas, nada ou quase nada lembra o Messias que está para chegar.

Mamon (comércio) e Estômago: os ídolos dos festejos natalinos na época da Revolução

Tudo lembra, isto sim, a economia ansiosa de ser superativada: o comércio que palpita por ampliar a saída de seus estoques, e a indústria que multiplica seus produtos (e seus lucros) para preencher os vazios abertos nas prateleiras das lojas em virtude do aumento do consumo. Em suma, é o Ídolo-Economia que se vai tornando o grande centro das expectativas, dos anelos e dos festejos natalinos deste fim de século. Mamon. O Estômago. A Matéria. – Jesus, não!...

Aspectos do neo-Natal laico: a) reunião em torno da mesa com guloseimas; b) atmosfera de sensualidade e não de pureza

Chega por fim o Natal. Reúne ele ainda os lares em torno de um pre-sepe?

Por vezes, sim. Porém, em numerosos casos, os reúne não em torno da manjedoura onde o Menino-Deus abre os braços para Maria Santíssima profundamente enternecida, sob as vistas meditativas e recolhidamente jubilosas de São José. Mas em torno de uma mesa em que as guloseimas, o champanha dos que podem, e as modestas bebidas dos que não podem, ocupam as atenções outrora voltadas fundamentalmente para o Nascimento do Redentor. Em quantos lares, a redução e a transparência cada vez mais acentuada dos trajes espalham uma atmosfera de sensualidade, desvirtuando profundamente o significado dessa noite de inexcédível pureza.

Pior (talvez) aspecto do Natal “moderno”: substituição da verdadeira caridade pelo silvo da subversão “católica”

Há os festejos sob cuja influência a caridade se encolhe e se estende sempre menos até os lares dos que nada têm. Nestes, as larguezas difundidas outrora pela justiça e pela caridade cristãs são substituídas pelo silvo da subversão "católica" que, sob pretexto do Natal, se faz ouvir pela voz do (ou da) agente de uma comunidade de base qualquer. Ou de coisa quejanda.

Tufão do turismo: mais um aspecto do neo-Natal laico

Na realidade, porém, o neo-Natal laico tem ainda outro aspecto. O tufão do turismo arranca incontáveis famílias do lar, o qual deve ser, com a Matriz, o quadro específico da noite de Natal. E as dispersa através dos hotéis, da praia ou do campo, em meio a um bulício mundano no qual não conseguem penetrar as vozes angélicas que cantam o "Glória in excelsis Deo".

Mas a laicização não para aí. Ela persegue o Natal até nos ecos augustos com que ele se prolonga nas festas que o seguem. Ano Bom, Reis...

Laicização das festas de fim e de começo de ano: comemoração de uma salobra e inautêntica confraternização

A festa de Ano Bom é, em termos religiosos, a festa da Circuncisão, que lembra Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, movido pelo amor ao gênero humano, derrama já em sua primeira infância gotas de seu sangue infinitamente precioso, em favor dos homens. E assim faz já pensar no sacrifício augusto que os redimirá do pecado, os arrancará da morte eterna, e lhes abrirá o caminho do Céu.

Pois a esta festa religiosa do Deus-Menino se sobrepõe a comemoração salobra de uma laicíssima confraternização universal dos povos. Confraternização irremediavelmente vazia, como tudo quanto é laico, e da qual parecem gargalhar cinicamente as muralhas de aço e de bambu que retalam os povos, o terrorismo que as apavora, o risco da destruição atômica que pesa sobre eles como uma nuvem plúmbea, e a sarabanda cada vez mais carregada de antagonismos e ódios, das ideias e dos interesses incompatíveis e inconciliáveis.

Em uma palavra, quando o sol se põe, os animais malfazejos saem de suas tocas e passeiam pela selva.

O laicismo apresenta Jesus Cristo aos olhos do mundo como um sol de fim de ocaso. Que espanto há em que se multiplique e se difunda tudo quanto é daninho nos antros dos corações descristianizados, das cidades enlouquecidas e das solidões em que o vício e o crime se escondem, para, à vontade, multiplicarem o requinte pelo requinte?

Choramingo: pusilanimidade, derrota e capitulação – Protesto (inspirado por Nosso Senhor Jesus Cristo): brado de reparação, uma proclamação de inconformidade, e mais do que isso, um prenúncio de vitória

Mas – dirá alguém – por que lembrar tudo isso nesta quadra de alegria? Por que esse choramingo, no momento em que os homens estão ávidos de rir e de festejar?

Para protestar. E se esse protesto soa como choramingo a algum ouvido amortecido pela cacofonia moderna, o defeito não é do protesto. O defeito é de quem não sabe sentir nele senão o que ele não é: um choramingo.

Pois o choramingo é pusilânime, soa à derrota e à capitulação. Enquanto o protesto que, inspirado pelo amor a Cristo, Rei vencedor, e a Maria, "ut castrorum acies ordinata", se ergue com desassombro em meio à in-

compreensão, esse protesto é um brado de reparação, uma proclamação de inconformidade, e mais do que isso, um prenúncio de vitória.

+
(IHS)

O último Cartão de Natal do Sr. Dr. Plínio

[Catolicismo, n° 600, Dezembro de 2000]

Todos os anos uma expectativa animava numerosas pessoas que costumavam enviar cartões de Natal ao Dr. Plínio. Consistia ela em receber, algum tempo depois, outro cartão em resposta, contendo uma mensagem natalina ditada por ele, que enchia as almas de alegria e esperança.

No Natal de 1994, o último que o insigne líder católico comemorou nesta Terra – pois o de 1995 celebrou-o no Céu, junto a Nosso Senhor, à Sua Mãe Puríssima e aos Anjos e Santos – após introduzir o tema, Dr. Plínio refere-se à proximidade do Terceiro Milênio, comentando o “dia sole-
ne e augusto em que se encerrarão, ao mesmo tempo, um ano, um século, um milênio”.

E acrescenta estas sublimes palavras:

“Como é natural, neste momento os homens evocarão sumariamente como era o mundo mil anos atrás, compará-lo-ão com o que é hoje, e se perguntarão como ele será amanhã... no ano 2100... no ano 3000!

Impossível será abarcar ordenadamente tantos acontecimentos, tantas ascensões, tantas decadências, tantas esperanças e tantas apreensões, que uma tal visão de conjunto traz à tona.

Para o homem de fé, as linhas mestras da História são traçadas segundo critério claro e luminoso: o que foi feito da Igreja Católica e da Civilização Cristã no curso deste milênio, deste século, deste ano? O que será de uma e de outra no porvir?

E, no plano temporal, análogas interrogações se apresentam consecutivamente ao espírito: o que foi feito do Brasil, nesta metade de milênio inaugurada pela chegada à nossa terra das naus da Ordem de Cristo, comandadas por Pedro Álvares Cabral? Do nosso grande e querido Brasil, envolto hoje em nebulosa mescla de caos e de confusão, de progresso e de carência?

Quer na sublime noite de Natal, quer na noite da passagem de ano, carregada de apreensões e de esperanças, depositemos todos os nossos anseios aos pés do Menino Deus, que sorri misericordioso sob os olhares enlevados de Maria e José. E Lhes

supliquemos que os dias vindouros conheçam, pela graça de Deus, regenerações transfiguradoras e, assim, a moralidade geral, hoje em catastrófica decadência, se reerga ao suave e vitorioso bafejo da fé.

Que a Santa Igreja se desvencilhe por fim da crise dramática em que vive nestes dias de confusão e de angústia, e que seja reconhecida por todos os povos como a única Igreja verdadeira do único Deus verdadeiro, como inspiradora e Mãe de todo bem espiritual e temporal. E que, abrindo cada homem a Ela seus corações, Ela ilumine com esplendor solar todos os indivíduos, as famílias, as instituições e as nações.

São esses os votos que formulo, no limiar deste ano, os quais torno cordialmente extensivos a todos os que me são caros e suas respectivas famílias.

Pela intercessão vitoriosa de Maria, nossas preces ver-se-ão atendidas”.

<> <> <>

+
(IHS)

Considerações
sobre a
Epifania do Senhor

+
(IHS)

Adoração dos Reis Magos: exemplo de acontecimento ou de episódio de caráter representativo e de caráter simbólico, nos planos da Providência – A doutrina da representação

[SD – 5.1.65]

Amanhã é festa da Epifania do Senhor: “*Reconhecendo, aos Magos, adoradores, as primícias de nossa vocação e de nossa Fé, celebramos, com o coração jubiloso, o início dessa feliz esperança*”.

...Nós temos, na Sede do Reino de Maria, um bonito quadro representando a adoração dos Reis Magos.

A respeito dele podemos fazer a consideração do valor de caráter representativo e de caráter simbólico, dentro dos planos da Providência.

Não há um comentador da Adoração dos Magos, que não diga que era conveniente que os Magos viessem adorar a Nosso Senhor para representar os vários povos da gentilidade que, desde o começo, se aproximavam de seu berço. E que era conveniente também que fossem “magos”, para representar toda a sabedoria antiga prestando homenagem a Nosso Senhor.

A palavra *magos* designa os homens de uma sabedoria extraordinária, de uma sabedoria relevante, vindos de todos os lados, para adorar a Nosso Senhor.

A Cristandade, servida por uma tradição venerável, sempre acreditou que eles eram reis.

Essa tradição é de tal maneira contínua, que não deixa de ter alguma consonância com trechos da Escritura que falam de reis vindos de longe para adorar o Messias. E, por isto, essa tradição, de si mesma, merece crença.

De qualquer maneira, são homens procedentes de várias raças, um negro, inclusive, representando todo o mundo antigo e toda a sabedoria antiga, em sua homenagem a Nosso Senhor, numa forma bem conhecida, de ouro, incenso e mirra.

Representando a que título e de que maneira?

Quase ninguém soube que eles iam. Não receberam nenhuma delegação para irem. No entanto, estavam numa verdadeira representação. A razão é porque eles foram, não por motivos individuais, mas por uma razão de representação.

Vê-se que é uma ação toda ela simbólica. Eles estavam representando esses povos porque Nosso Senhor quis que eles representassem.

Eles foram lá porque Nosso Senhor os chamou como representantes daqueles povos. Nosso Senhor quis ter representantes desses povos, esco-

lheu quem representaria e a representação ficou feita. Embora não tenha havido nenhum sufrágio de nenhuma espécie, nenhuma procuração credenciando-os aos pés de Nosso Senhor, a representação, no seu caráter simbólico, ficou valendo. O fato de haver um de cada um desses povos, constituía, na ordem absoluta e profunda dos fatos, uma verdadeira representação.

Essa representação tinha um valor nos planos da Providência. Eram só três, mas esses três representavam algo, nos planos da Providência.

Nossa Senhora, São João e as santas mulheres, aos pés da Cruz: uma representação de tudo quanto há de bom e fiel, no passado, presente e futuro

Algo parecido se passou também aos pés da Cruz. Nossa Senhora, São João e as santas mulheres também representaram tudo quanto há de bom e fiel, no passado, no presente e no futuro. Eles representam, ao pé da Cruz, uma delegação dos que são fiéis. Porque todo aquele que é de um certo gênero naturalmente representa, por seleção, numa ocasião muito solene, os seus congêneres.

Nos Reis Magos: representação de seus congêneres por seleção e por eleição divina

Por isso os Reis Magos estavam representando seus congêneres por seleção e por eleição divina.

Na Contra-Revolução: o dever da fidelidade, aos pés da Igreja humilhada e lançada na pior das confusões de sua história – Fidelidade, pureza, ortodoxia, intrepidez, espírito de iniciativa de ataque e de ação

Assim sendo, podemos perguntar se desta verdade se pode tirar algo aplicável para nós.

Nós também somos poucos. Também representamos uma minoria muito pequena e de tal maneira comprimida que, em relação ao âmbito normal das relações de um homem, nós já nos sentimos muitos, de tal maneira é antinatural na época de hoje que sejamos numerosos.

Entretanto, representamos o dever da fidelidade, aos pés da Igreja perseguida, humilhada e lançada na pior das confusões de sua história.

Nossa Senhora quis que representássemos a fidelidade, a pureza, a ortodoxia, a intrepidez, o espírito de iniciativa, de ataque, de ação, no momento em que tudo deveria falar em recuo, em transigência, em fuga.

Na Contra-Revolução: representação da fidelidade de todos os fiéis da atualidade, do passado e dos que vierem depois de nós

O que representamos nós, aí?

Aos pés dessa nova crucifixão de Nosso Senhor e da Igreja, representamos todos os fiéis da atualidade, representamos a fidelidade de todos os que foram fiéis no passado, de todos aqueles que “dormiram na paz do Senhor”.

Se um São Gregório VII, se um São Luiz, se um São Luiz de Montfort, se um São Fernando de Castela, um Beato Nuno Álvares, pudesse, ao morrer, saber que numa época assim de crise haveria fiéis que representariam a fidelidade inteira à Igreja Católica, eles nos teriam abençoado. De longe, teriam se sentido nossos congêneres. De longe, teriam sentido uma espécie de desafogo “ao menos estes estão fazendo o que eu queria fazer se vivesse naquele tempo”.

Estamos, portanto, representando a todos eles, a todas as almas fiéis esparsas e esmagadas por esse mundo, e que não sabem aonde sequer “pou-sar” sua fidelidade. Mas que gostariam de fazer o que estamos fazendo.

Estamos representando as almas que vierem depois de nós... Essas almas que, olhando para trás, vão ficar entusiasmadas com aquilo que fazemos. Vão dizer “se estivéssemos vivos naquele tempo, faríamos aquilo!”

As exclamações de Clóvis e seus guerreiros: exemplo das interpenetrações da História em função da doutrina da representação

Há essas interpenetrações na História. E, em virtude dessa doutrina da representação, algumas delas são verdadeiramente impressionantes!

Quando São Remígio, e se seus auxiliares, ensinavam a Clovis e seus francos a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, eles levantavam suas lanças e diziam: “Por que não estávamos lá, na hora da Paixão, para defender Nosso Senhor?”

Na História, a reversibilidade das várias ações: por cima do tempo, tudo, presente, passado e futuro, se “funde” numa cena única e grandiosa

E eles estavam!... Pois na Paixão, Nosso Senhor anteviu o que eles queriam; anteviu que eles diriam isso. Eles O consolaram, naquela hora...

Há, portanto, uma espécie de reversibilidade, por cima do tempo, dessas várias ações. E tudo isso se “funde” numa cena única e grandiosa.

Nessa cena única e grandiosa, os poucos fiéis de nossa época representam toda a fidelidade passada, toda fidelidade do presente e toda a fidelidade do futuro.

Metáfora da Rainha sendo ultrajada, no seu trono: representação da situação histórica na qual nos encontramos

A situação histórica dentro da qual nos encontramos é precisamente essa: Nossa Senhora está como uma rainha sentada em seu trono, mas, pela injúria dos homens – e de que homens! – já descoroadada, já atada com cordas e condenada a ser arrancada, aos safanões, de seu trono.

No momento em que esse crime se executa, uns poucos são fiéis e estão dispostos a tudo para que esse crime não se consuma.

Para os da Contra-Revolução: a felicidade incomparável de representar todas as almas marianas do passado, do presente e do futuro

Esses fiéis, que estão lutando nessa hora, que tiveram a felicidade incomparável de aguentar os sofrimentos, as incertezas, as torturas espirituais dessa situação, esses fiéis representam todas as almas marianas do passado, do presente e do futuro, nesse momento de tanto sofrimento para Nossa Senhora.

Eles são, para a Santa Igreja, o que Verônica foi para Nosso Senhor. Enxugando a Divina Face, Verônica representou o mundo inteiro. E não houve uma alma piedosa, desde o momento da prática desse ato, que não se sentisse com inveja dela e não se sentisse, por assim dizer, representada por ela.

A nós foi dada a felicidade e a vocação de enxugarmos a santíssima face de Nossa Senhora, cheia de prantos, como a visão de Siracusa nos fez sentir, cheia de prantos, nessa época dolorosa.

A doutrina da representação: um fator de alento para nossa fidelidade na luta pela Santíssima Virgem

Essa representação nossa nós sentimos a necessidade dela em face da representação dos Reis Magos, perante o Menino Jesus. Assim, a doutrina da representação nos deve alentar.

Ter todas as formas de coragem: um pedido aos Reis Magos

Peçamos aos Reis Magos que orem por nós, no Céu, junto a Deus, para que tenhamos uma das muitas formas de coragem que nos são pedidas. Particularmente a coragem de sermos sós, como eles eram sós no mundo pagão. Mas à espera da “estrela”, à espera da hora de Deus, para cumprir Sua vontade, com toda a fidelidade e pontualidade, na hora em que se apresentasse.

A hora, para eles, foi consoladora. Foi a hora em que o Menino Jesus nasceu.

Bagarre: a nossa consolação, como, para os Reis Magos, foi o Menino Jesus – Uma “estrela” nos dirá, no momento preciso, quando a hora esperada chegar

A hora, para nós, deve ser a hora da Bagarre. Mas, de qualquer maneira, chegará para nós um momento muito preciso em que uma “estrela” nos dirá que a hora esperada chegou.

Não será uma estrela exterior. Será uma voz interior. Será uma convicção:

- de que os tempos se consumaram,
- que a hora de todas as lutas e de todas as batalhas felizmente está chegada.

Devemos nos preparar para essa hora, para sermos modelos de exatidão e fidelidade como foram os Reis Magos, sendo, agora, modelos de fidelidade, no isolamento.

* * *